

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**JOYCE PINTO ALMEIDA CARVALHO**

**A concepção de *humano* no pensamento maia do período colonial  
(meados do século XVI a meados do XVII)**

**São Paulo  
2013**

**JOYCE PINTO ALMEIDA CARVALHO**

**A concepção de *humano* no pensamento maia do período colonial  
(meados do século XVI a meados do XVII)**

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do Título de Mestre em História Social

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Natalino dos Santos

**São Paulo  
2013**

Nome: CARVALHO, Joyce Pinto Almeida

Título: A concepção de *humano* no pensamento maia do Período Colonial (Meados do século XVI a meados do XVII)

Dissertação de Mestrado apresentada à  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências  
Humanas da Universidade de São Paulo  
para obtenção do Título de Mestre em  
História Social

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instiuição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instiuição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instiuição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Dedico esse trabalho ao Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos, cujos pesquisadores tanto me ensinaram e auxiliaram durante todo o estudo que resultou na presente dissertação.

## **Agradecimentos**

Agradeço, primeiramente, meu orientador e *tlatoani*, Eduardo Natalino, que com toda sua paciência soube me conduzir ao longo desse trabalho, embora nem sempre eu tenha atingido o esperado. Muito obrigada Eduardo pelas milhares de reuniões para discutir o projeto e dissertação. Obrigada pelo apoio prestado desde muito antes do meu ingresso no mestrado. Sem dúvida nesses anos eu aprendi muitíssimo, não só sobre a Mesoamérica, mas aprendi a compreender a América Indígena e a lutar por mais estudos no Brasil que tratem dos povos indígenas.

Agradeço também a todos os meus amigos que souberam entender os meus finais de semana de resignação e souberam me apoiar nessa longuíssima empreitada que foi o mestrado. Dentre esses amigos, agradeço especialmente a todos do Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos (CEMA), Ana Cristina, Maria Luiza, Eduardo, Carla, Charles, Leila, Pedro Paulo, Fernanda, e todos aqueles que já passaram por nossas reuniões. Foram muitas as tarde de grandes discussões e café. Sinto muito orgulho da dedicação e do amor que esses estudiosos dedicam a suas pesquisas. Todos vocês são um exemplo a ser seguido.

Agradeço também a minha família, que mesmo longe soube entender minha fascinação por América e ao meu companheiro, parte hoje da minha família, Reynaldo, que nos momentos mais difíceis me deu todo apoio. Muito obrigada por tudo amor.

Agradeço, finalmente, à Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) pela concessão da bolsa de mestrado que tornou essa pesquisa possível. Muito obrigada pelo apoio e grande suporte.

*Es importante destacar hoy el respeto profundo de la civilización Maya hacia la vida y la naturaleza en general.*

(Rigoberta Menchú)

## RESUMO

O objetivo central da presente dissertação é analisar a concepção de humano para os maias segundo suas histórias e cosmogonias produzidas no período colonial. Portanto, buscamos os atributos e qualidades do humano maia. Para tal fim, fazemos uma análise também dos predicados dos outros seres que habitam o cosmos maia (deuses, entes sobre-humanos e animais), para compará-los aos humanos e, assim, aproximar-nos dos atributos especificamente humanos para os maias.

A análise é feita através de 3 histórias e cosmogonias maias: o *Popol Vuh*, o *Memorial de Sololá* e o *Chilam Balam de Chumayel*. Através dos três relatos nos foi possível perceber que para os maias não existe uma linha rígida que separa humanos e não-humanos, sendo que essas duas categorias de seres que habitam o cosmos convivem, compartilham de algumas características, e tem, cada qual, seu papel na manutenção do universo. Ou seja, humanos e não-humanos possuem papéis sociais, estão envolvidos numa mesma sociedade, o que pode apontar para uma visão maia da “noção de pessoa” bastante diferente da visão ocidental, aproximando-se da visão que possuem os indígenas da América Amazônica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Maias, Mesoamérica, América Indígena, Textos maias coloniais, *Popol Vuh*, *Chilam Balam de Chumayel*, *Memorial de Sololá*.

## ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to analyze the idea of human for the Maya, according to their histories and cosmogonies produced during the Colonial period. Seeking the attributes and qualities of the Mayan human, we also analyze the predicates of other beings that inhabit the Mayan cosmos (gods, animals, non-humans entities) so that, by comparison, we can approach the specifically human attributes.

The investigation is done through three Mayan histories and cosmogonies: the *Popol Vuh*, the *Memorial de Solalá* and the *Chilam Balam of Chumayel*. Throughout the three documents it was possible to notice that, for the Maya, there isn't a rigid line separating humans from non-humans, and these two categories of beings that live in the cosmos share characteristics in common, having, each of them, it's part in the maintenance of the universe. That is, humans and non-humans each possess a social role, and are bound together in the same society; which could point to a Mayan perspective on the "notion of human" that is very distinct from the western approach, and similar to the Amazonian societies.

**KEY-WORDS:** Maya, Mesoamerica, Indian America, Colonial Mayan texts, *Popol Vuh*, *Chilam Balam de Chumayel*, *Memorial de Solalá*

## RESUMEN

El objetivo central de esta tesis es analizar el concepto del humano para los mayas de acuerdo a sus historias y cosmogonías producidas en el período colonial . Por lo tanto , buscamos los atributos y cualidades del humano. Así, hacemos un análisis también los predicados de otros seres que habitan el cosmos maya ( dioses , seres sobrehumanos y animales) , para compararlos con los seres humanos y, nos acercar a los atributos específicamente humanos de los mayas .

El análisis se realiza por medio de tres historias y cosmogonías mayas : el *Popol Vuh* , el *Memorial de Sololá* y el *Chilam Balam de Chumayel* . Con estas tres narrativas nos damos cuenta de que entre los mayas no hay una línea rígida que separa a humanos y no-humanos, y estas dos categorías de seres que habitan el cosmos conviven, comparten algunas características, y, tienen, cada una, su papel en el mantenimiento del cosmos. Es decir, los seres humanos y no-humanos tienen funciones sociales, están envueltos en la misma sociedad, lo que puede apuntar a una visión del "concepto de persona " maya muy diferente de la visión occidental , acercándose a la visión que los indígenas de la América Amazónica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mayas, Mesoamérica, América Indígena, Textos mayas coloniais, *Popol Vuh*, *Chilam Balam de Chumayel*, *Memorial de Sololá*

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	10
CAP. 1	<b>HISTÓRIAS E COSMOLOGIAS MAIAS COLONIAIS.....</b>	16
1.1	Fontes maias.....	16
1.1.1	<i>Popol Vuh</i> .....	17
1.1.2	<i>Memorial de Sololá</i> .....	22
1.1.3	<i>Chilam Balam de Chumayel</i> .....	25
1.2	Como a historiografia tem retratado o humano e o não-humano maia através dessas fontes .....	29
CAP. 2	<b>OS MUITOS NÃO-HUMANOS NOS ESCRITOS E HISTÓRIAS MAIAS COLONIAIS.....</b>	42
2.1	Deuses.....	42
2.2	Entes sobre-humanos.....	65
2.3	Animais.....	75
CAP. 3	<b>O HUMANO MAIA SUAS CARACTERÍSTICAS E ATRIBUTOS.....</b>	86
3.1	O humano nas histórias e cosmogonias maias coloniais.....	87
3.2	O humano e o não-humano maia.....	106
3.3	O humano maia suas características e atributos.....	118
	<b>CONCLUSÃO.....</b>	132
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	134

## INTRODUÇÃO

*Ha llegado el tiempo del amanecer, de que se termine la obra y que aparezcan los que nos han de sustentar y nutrir, los hijos esclarecidos, los vasallos civilizados; que aparezca el hombre, la humanidad, sobre la superficie de la tierra.*<sup>1</sup>

Esse trabalho tem como objetivo central analisar as características e atributos que são relacionados ao humano<sup>2</sup> nas histórias e cosmogonias maias coloniais. Para tal fim, contamos com três histórias maias que abordam grande parte da cosmologia e cosmogonia maia, o *Popol Vuh*, o *Memorial de Sololá* (também chamado de *Anales de los Cakchiqueles*), e o *Chilam Balam de Chumayel*.

Dessa forma, tendo como objetivo central da pesquisa analisar como os humanos maias são mostrados por suas fontes, quais seus atributos e qualidades, faremos uma análise também dos predicados dos outros seres que habitam o cosmos maia, a fim de compará-los aos humanos fazendo uma diferenciação e chegando, assim, mais perto dos atributos humanos. Para tratarmos desses outros seres que encontramos nas fontes aqui utilizadas, empregaremos o termo não-humanos<sup>3</sup>. Nomenclatura que englobará deuses, semi-deuses, animais, plantas e outros entes que poderão aparecer ao longo de nossa análise.

Esses outros entes não-humanos aparecem constantemente nas histórias aqui analisadas, sendo que alguns possuem uma ligação direta com a criação do humano ou

---

<sup>1</sup> *PopolVuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1996, p. 150.

<sup>2</sup> Ao nos depararmos com a figura humana nas cosmogonias maias coloniais percebemos que quando as mesmas tratam do “homem” estão se referindo a uma espécie criada por suas divindades (não-humanos), espécie essa, a humana, que provavelmente não possui a mesma diferenciação dos demais seres do cosmos que nós ocidentais atribuímos. Para que pudessemos entender tais relações foi necessário buscar um referencial na antropologia, na qual encontramos o conceito de Marcel Mauss segundo o qual é definido como pessoa o ser que recebe uma máscara social, uma função, um papel na sociedade. Em torno dessa ideia de pessoa se formou um debate, ainda hoje em voga, sobre a noção de pessoa que possuem os povos da América Indígena, pois, segundo Eduardo Viveros de Castro, para muitos desses povos universo é habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e não-humanas. Portanto, destacamos que ao tratarmos do humano maia estamos falando de um dos muitos seres que habitam o cosmos maia, mas não do único que possui funções dentro do cosmos, pois, como será abordado ao final desse trabalho, é provável que os maias tenham entendido muitos não-humanos como pessoas, como seres que possuem uma máscara social.

mesmo com suas migrações. Outros são responsáveis pela organização do cosmos ou mesmo pela sustentação do céu, mantendo, assim, uma relação direta com o humano maia.

Acreditamos que para chegar à concepção de humano para os maias é necessário, primeiramente, entender também quem são esses não-humanos. Para melhor entender as características desses outros seres que povoam o cosmos maia, dividimo-os em deuses, entes sobre-humanos<sup>4</sup> e animais. Muito embora tal divisão não apareça no Popol Vuh, no Memorial de Sololá e no Chilam Balam de Chumayel (já que todos esses seres habitam o mesmo cosmos e, muito provavelmente, possuem características comuns), trabalhamos com tal divisão para facilitar a nossa análise, para que assim, possamos separar alguns dos muitos trechos em que são citados esses não-humanos.

Destacamos que essa pesquisa trata do humano maia no período colonial, ou seja, numa fase da história maia em que tal sociedade estava sob o julgo espanhol, ou em algumas regiões, ainda em fase de conquista. Sendo assim, as cosmogonias aqui analisadas apresentam também elementos cristãos, que começam a ser assimilados pelos povos maias nos séculos XVI e XVII. Todavia, não é parte do nosso objetivo distinguir os elementos cristãos das crenças maias pré-coloniais, e sim, analisar nessa pesquisa como os maias *coloniais* veem o humano.

Esse contexto de produção maia-colonial nem sempre é levado profundamente em consideração por parte dos estudiosos dessa área. Miguel Rivera Dorado, por exemplo, ao tratar das crenças maias no período clássico em seu livro *La religión maya*<sup>5</sup>, usa principalmente o *Chilam Balam de Chumayel*, o *Popol Vuh*, dentre outras

---

<sup>4</sup> Chamamos aqui de entes sobre-humanos os seres que não são nomeados deuses segundo os documentos e não compartilham, na mesma medida, das características divinas, tampouco das animais, mas possuem atributos que estariam além daqueles pertencentes aos humanos.

<sup>5</sup> RIVERA, Miguel Dorado. *La religión maya*. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

fontes produzidas no período colonial. É o caso também de Mercedes de la Garza<sup>6</sup>, que ao abordar o homem maia dentro de seu pensamento religioso, usa também o *Chilam Balam de Chumayel* e o *Popol Vuh* como principais documentos para sua análise. Ao usarem fontes de um período posterior para descrever o maia pré-colonial, ou mesmo destacar apenas as similaridades e as diferenças entre regiões maias, alguns autores, como os citados acima, acabam mostrando um panorama do pensamento maia bastante imutável e homogêneo.

Outros autores, como Antônio Porro, em seu *O messianismo maya no período colonial*<sup>7</sup>, e Eric Thompson, em *Historia y religión de los mayas*<sup>8</sup> destacam a questão das profundas diferenças entre os maias do período colonial e pré-colonial, mas acabam utilizando as fontes coloniais destacando que, mesmo com as profundas mudanças causadas pela presença e domínio espanhol, muitos setores da população maia continuaram vivendo conforme alguns padrões culturais. O fato desses padrões, chamados por Antônio Porro de “*neo-mayas*”, incluírem elementos de origem pré-hispânica ajuda os estudiosos da área a interpretar essas fontes juntamente às fontes materiais, por exemplo.

Seguindo essa mesma linha, algumas obras que tratam da cosmovisão maia, como *El Cristo indígena, El Rey nativo* de Victoria Bricker<sup>9</sup>, *Maya society under colonial rule* de Nancy Farriss<sup>10</sup> e *La vida cotidiana em tiempos de los mayas* de Federico Navarrete Linares, apontam para as significativas rupturas, mas também para a

---

<sup>6</sup> GARZA, Mercedes de la. *El Hombre en el pensamiento religioso Náhuatl y Maya*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1990.

<sup>7</sup> PORRO, Antonio. *O mesianismo maia no período colonial*. São Paulo: FFLCH – USP, 1991 (Coleção Antropologia, 17).

<sup>8</sup> THOMPSON, John Eric Sidney. *Historia y religión de los mayas*. México: Siglo Veintiuno, 1986.

<sup>9</sup> BRICKER, Victoria Reifler. *El Cristo indígena, El Rey nativo. El sustrato histórico de la mitología del ritual de los mayas*. Tradução de Cecília Paschero. 1ª. Reimpressão, México: FCE, 1993 (Sección de Obras de Antropología).

<sup>10</sup> FARRIS, Nancy. *Maya society under colonial rule: the collective enterprise of survival*. Princeton, N.J., Princeton University Press, 1992.

continuidade no pensamento maia. Esses autores mostram como se deu a construção daquilo que hoje é chamado “cristianismo maia” e como ocorreu esse processo de transformação cultural.

Assim, afirmamos mais uma vez, que nossa pesquisa, diferentemente de grande parte dos trabalhos sobre os maias, aborda o humano no período colonial.

Para isso, como já foi dito acima, contamos com três histórias maias coloniais: o *Popol Vuh*, o *Memorial de Sololá* e o *Chilam Balam de Chumayel*.

Tais cosmogonias foram selecionadas por trazerem relatos cosmogônicos que descrevem a criação, abordando, portanto, a criação do mundo no qual o humano habitará, a criação dos outros seres que também habitarão o mesmo espaço e a criação do próprio homem. Além do assunto, tais cosmogonias foram selecionadas pela data de sua elaboração. Datas essas que marcam a cronologia do presente trabalho, sendo que a fonte que possivelmente foi elaborada *a priori*, entre 1554 e 1558, segundo Adrián Recinos,<sup>11</sup> foi o *Popol Vuh* e a última a ser completada foi, provavelmente, o *Chilam Balam de Chumayel*, cuja maior parte do texto foi elaborada entre o final do século XVI e meados do XVII<sup>12</sup>, segundo Miguel León-Portilla<sup>13</sup>.

Destacamos que o período proposto por esse trabalho não é predominante nos estudos sobre cosmovisão maia. Isso porque muitos dos autores que trabalham com tal tema, como citado nos parágrafos acima, apesar de usarem documentos coloniais, remetem-se ao período clássico e pós-clássico dos maias, parecendo deixar de lado em alguns momentos, que tais documentos foram produzidos em outro contexto, centenas

---

<sup>11</sup> RECINOS, Adrián. Introducción. In: *Popol Vuh – Las antiguas historias del quiche*. 26ª. Edição, México: FCE, 1996 (Colección Popular, nº 11). P. 7-18.

<sup>12</sup> Embora o documento que tenha chegado aos dias de hoje tenha escritos do final do século XVIII, muitos estudiosos como Miguel León-Portilla, Federico Navarrete Linares, Miguel Rivera Dorado, entre outros, apontam para as partes do texto, que, aparentemente foram redigidas até mesmo no final do século XVI.

<sup>13</sup> LEÓN-PORTILLA, Miguel. A conquista da América Latina vista pelos índios: relatos astecas, maias e incas. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 53.

de anos após o findar do chamado período clássico. Nesse sentido, nossa pesquisa poderá ter algo a acrescentar à historiografia, pois trabalhamos com um período distinto do que geralmente interessa aos estudiosos da área.

Nossa pesquisa também é relevante pela escassez de produção historiográfica referente a essa área de estudos no Brasil. A obra de Antônio Porro, que trata do messianismo maia colonial<sup>14</sup>, é um dos poucos exemplos de estudos feitos sobre os maias no Brasil. Assim, nosso trabalho visa contribuir para a produção historiográfica do país, abordando os novos e antigos debates em torno da conquista e colonização do México e da cosmovisão indígena.

Para analisarmos como os humanos maias são vistos nos escritos coloniais e quais os seus atributos nas mesmas, dividimos essa dissertação em três capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado “*As histórias e cosmologias maias no período colonial*”, descrevemos as histórias que utilizamos para essa pesquisa e como a historiografia tem feito uso das mesmas para abordar a questão do humano maia. Destacamos que além dos autores que trabalham com o humano maia em si, trataremos nesse capítulo também daqueles que abordam o papel dos não-humanos para os maias, já que acreditamos que sublinhar as características desses não-humanos é de suma importância para chegarmos às características dos humanos, através de um viés comparativo.

No segundo capítulo, “*Os muitos não-humanos nas histórias e cosmogonias maias coloniais*”, trataremos uma descrição de como os não-humanos são abordados nas fontes analisadas por essa pesquisa e quais as características fundamentais atribuídas aos mesmos. Para isso, dividimos esses não-humanos em: deuses, animais e outros entes sobre-humanos.

---

<sup>14</sup> PORRO, Antonio. *O messianismo maia no período colonial*. São Paulo: FFLCH – USP, 1991 (Coleção Antropologia, 17).

No terceiro capítulo, “*O humano maia, suas características e atributos*”, apresentaremos como os humanos são mostrados nas fontes, sua criação e, enfim, como o humano é visto por essas fontes. Para isso, contaremos com a análise realizada no capítulo anterior, para que possamos comparar as qualidades que são atribuídas à esses outros seres não-humanos com as características para assim chegarmos ao humano maia apresentado por nossas fontes.

# CAPÍTULO 1 - HISTÓRIAS E COMOGONIAS MAIAS COLONIAIS

## 1.1– Histórias e cosmogonias maias<sup>15</sup>

*La necesidad de reconocer su origen y conservar sus tradiciones, que esta presente desde los tiempos prehispánicos, pervivió entre los mayas coloniales quienes al aprender el sistema de escritura latina transcribieron sus antiguos textos y los emplearon entonces también como un mecanismo activo de resistencia ante el dominio español.*<sup>16</sup>

Numerosos testemunhos da cultura criada pelos maias pré-hispânicos chegaram até nós, dentre os quais se encontra uma grande quantidade de textos escritos em caracteres hieroglíficos sobre pedra, madeira, cerâmica, ossos, jade e outros materiais ou em códices elaborados com tiras de papel amate ou em pele de veado. “*Todos estos textos constituyen la expresión gráfica de la historia, ideas y sentimientos de los mayas*”<sup>17</sup>.

Dentre esses testemunhos estão os documentos coloniais, escritos por missionários espanhóis em meados do século XVI<sup>18</sup>, e as fontes indígenas pré-coloniais e coloniais. No que tange às fontes indígenas, há em toda Mesoamérica uma série de

---

<sup>15</sup> Essa área da Mesoamérica chamada maia, que para muitos historiadores, como para Miguel León-Portilla, entrou “decadência” após o clássico, foi definida, primeiramente, segundo critérios linguísticos. A relação entre o mais de 25 idiomas maias foi descoberta por Otto Stoll e foi ele que decidiu chamar maia esse conjunto, fazendo referência ao nome da língua que era falada em toda a península de Iucatã. Seguindo a relação entre as línguas faladas na região, estudos posteriores apontaram também para uma unidade cultural maia. NAVERRETE LINARES, Federico. *La vida cotidiana en tiempo de los mayas*. México: Ediciones temas de hoy, 1996.

<sup>16</sup> SOTELO, Laura Elena & VALVERDE, Maria del Carmen. *Historiografía maya de tradición indígena*. In: ORTEGA Y MEDINA, Juan A.; CAMELO, Rosa. *Historiografía novohispana de tradición indígena*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003. P. 140.

<sup>17</sup> GARZA, Mercedes de la. Introdução In: *Literatura Maya*. Disponível em: <[http://www.bibliotecayacucho.gob.ve/fba/index.php?id=97&backPID=96&swords=literatura%20maya&tt\\_products=57](http://www.bibliotecayacucho.gob.ve/fba/index.php?id=97&backPID=96&swords=literatura%20maya&tt_products=57)>

<sup>18</sup> Também nas terras baixas houve o intento por parte dos missionários em conhecer para converter, um exemplo dessa porção de terras é a obra de Frei Diego de Landa<sup>18</sup> “*Relación de las cosas de Yucatán*”. Diego de Landa Calderón (Cifuentes, Espanha, 12 de Novembro de 1524 – Mérida, 1579) foi bispo de Iucatã. Os seus textos contêm muita informação valiosa sobre a civilização maia pré-colombiana, principalmente *Relación de las Cosas de Yucatán* obra em que cataloga a língua, religião, cultura e sistema de escrita maia. O manuscrito original foi escrito por volta de 1566, após o seu regresso à Espanha; porém, as cópias originais há muito que se perderam. O relato é conhecido apenas na sua forma resumida, a qual por seu lado sofreu várias alterações feitas por sucessivos copistas. A versão conhecida atualmente foi produzida cerca de 1660, e descoberta no século XIX pelo clérigo francês Charles Etienne rasseur de Bourbourg em 1862. Brasseur de Bourbourg publicou o manuscrito dois anos mais tarde numa edição bilingue intitulada *Relation des choses de Yucatán de Diego de Landa*.

relatos feitos pelos próprios nativos, em tempos pré-hispânicos ou coloniais. Dentre estes, estão os códices de escrita pictoglífica<sup>19</sup>. No caso dos maias, tais códices eram escritos pelos *ah k'ines*<sup>20</sup> maias, que versavam sobre a história, a cosmologia e previsões astronômicas, sendo consultados, como descreveu Diego de Landa em “*Relación de las cosas de Yucatán*”,<sup>21</sup> em ocasiões especiais, como guerras, comemorações e situações mais cotidianas, como nascimentos.

No que concerne aos escritos maias coloniais, há uma grande continuidade em relação a essa tradição de escrita e pensamento pré-hispânico, além de, logicamente, possuírem temas relacionados à conquista e ao cristianismo. Sendo assim, trata-se de um grupo amplo e heterogêneo de escritos, tanto por sua temática, quanto pelas línguas em que foram escritos, e que reproduzem explicações nativas. Dentre esses relatos, estão as fontes que analisamos neste trabalho: o *Popol Vuh*, o *Memorial de Sololá* e os Livros de *Chilam Balam de Chumayel*.

### **1.1.1– *Popol Vuh***

Para tratarmos da criação desse documento, é necessário, primeiramente, destacar que o *Popol Vuh* procede de uma parte específica do território maia: as terras altas da Guatemala.

O território maia é comumente dividido em terras altas e baixas. Pois, além das características geográficas que diferenciam tais territórios, como pode ser observado no

---

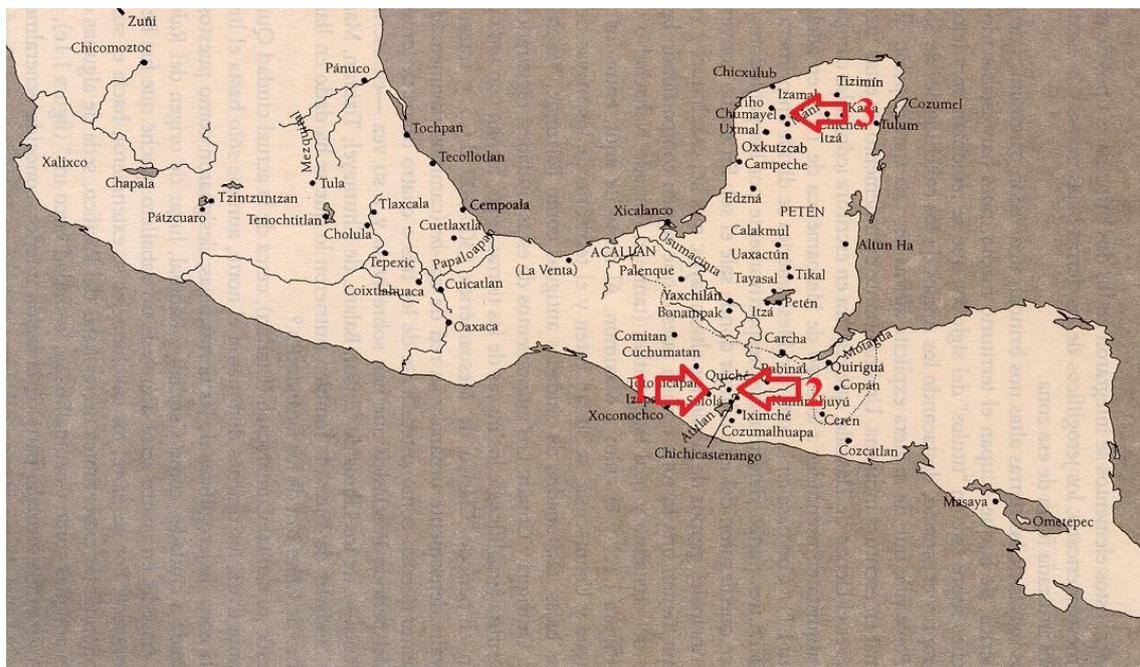
<sup>19</sup> Esse termo é usado, entre outros autores, por Eduardo Natalino dos Santos em *Fontes históricas nativas e coloniais da Mesoamérica e dos Andes* (2007). O autor diz preferir usar esse termo a pictográfico pois evoca a combinação entre pictóricos e glíficos, o que é uma das principais características do sistema maia e do sistema mixteco-nahua. Nós optamos por usar o mesmo termo por também acreditarmos na validade de tal interpretação da escrita mesoamericana. Os códices de escrita pictoglífica são manuscritos, geralmente feitos em papel amate, que eram usados antes da chegada dos espanhóis para a representação do calendário, façanhas históricas, sucessão de reis, sua cosmogonia, dentre outros temas.

<sup>20</sup> Termo maia usado para escriba. Os *ah k'ines* eram muito respeitados, já que para os maias o conhecimento da escritura era também sinônimo de poder e prestígio.

<sup>21</sup> LANDA, Fray Diego de, *Relación de las cosas de Yucatán*, México, Editorial Porrúa, 1978.

mapa abaixo, os povos maias dessas duas regiões parecem ter possuído elementos históricos que os diferenciavam, como a conquista das terras baixas pelos itzaes, ou o próprio processo de conquista espanhola, que foi relativamente curto nas terras altas e bastante longo nas terras baixas.

Como pode ser observado no mapa abaixo, as terras altas maias correspondem à grande parte da região da Guatemala, à costa de El Salvador, ao território de Honduras, de Chiapas no México, chegando a uma parte da Nicarágua mais ao sul.



Mapa 1 – Mesoamérica: Principais regiões e localidades citadas. Adaptado de Brotherston, Gordon. *La América Indígena en su literatura*, p.36.<sup>22</sup>

Antes da conquista, essas terras, das quais provém o *Popol Vuh*, estavam divididas em vários grupos políticos liderados por quichés e cakchiqueles. Trata-se de grupos rivais cuja disputa pela hegemonia política da região era antiga, sendo que pouco antes da conquista, os quichés estavam ampliando seu domínio. Desta forma, os cakchiqueles, ao saberem das notícias das conquistas nas terras astecas, longe de

<sup>22</sup> A marcação número um se refere ao local de onde procede o *Popol Vuh*, cidade de Quiché, a número dois do local que provém o *Memorial de Sololá*, cidade de Sololá, e a três à cidade de Chumayel, local de origem do *Chilam Balam* e *Chumayel*.

considerar que os estrangeiros poderiam constituir uma ameaça, pensaram que, caso unissem forças aos espanhóis contra os quichés, conseguiriam destruir a hegemonia destes de uma vez por todas. Assim, como em diversas partes da Mesoamérica, essa divisão política conflituosa colocou os espanhóis em situação de vantagem, uma vez que os mesmos se uniram aos cakchiqueles contra os quichés, para depois conquistar os demais povos.<sup>23</sup>

É durante esse processo de conquista espanhola que o *Popol Vuh* foi produzido. Trata-se de um livro da comunidade que, na maioria dos casos, permanecia nas mãos das famílias dominantes e eram passados de pai para filho. Tanto o *Popol Vuh* como os demais textos redigidos na época constituíam uma série de títulos, cuja finalidade inicial foi de preservar o legado material destes grupos maias, como também afirmar o poder das elites locais. Muitas vezes esses textos foram elaborados através de uma petição das autoridades espanholas, outras vezes, pela própria iniciativa dos chefes locais. Assim, como os autores de tais textos tinham como finalidade primordial provar a nobreza daquela elite indígena e a antiguidade das mesmas nas posses territoriais, esses escritos se tornam grandes textos históricos.

Gordon Brotherston afirma que, como tantos outros documentos nativos da Mesoamérica, o *Popol Vuh* teria sido composto por uma comunidade local, ou talvez por uma parte dela, a “facção *cavek*”<sup>24</sup>, para reclamar perante o governo colonial espanhol, um benefício ou um privilégio que datava da época anterior à colonização. Essa associação aponta para que, sem dúvida, o objetivo mais claro dos quichés, ao elaborarem o manuscrito, foi o de tentar manter alguns privilégios de classe na nova

---

<sup>23</sup> Embora saibamos e tenhamos destacado que o território maia está dividido entre terras altas e baixas, que possuem traços físicos distintos e, algumas vezes, também culturais, não é parte do nosso objetivo fazer uma diferenciação entre as duas porções de terra. Citamos aqui tal divisão apenas para deixar claro ao leitor que ao tratar do humano maia, nessa pesquisa, abordamos ambas as parcelas terra.

<sup>24</sup> BROTHERSTON, Gordon. *Popol Vuh*. Contexto e princípios de leitura. In: & MEDEIROS, Sérgio (Ed.). *Popol Vuh*. São Paulo: Illuminuras, 2007, p. 11-37.

ordem imposta pelos espanhóis, já que alguns maias utilizaram de sua nobreza e linhagem para proteger seus bens e sua vida, e, conseqüentemente, defendiam também sua herança cultural. Portanto, o *Popol Vuh* tratou também de conservar a identidade e dignidade das comunidades indígenas perante o domínio espanhol. Esse documento, assim como outros, converteu-se, inclusive, em uma forma de resistência.

Segundo Henrique Vela,

*El Popol Vuh es sin duda el más importante de los textos mayas que se conservan. Se distingue no sólo por su extraordinario contenido histórico y mitológico, sino por sus cualidades literarias, las que permiten que se le pueda colocar a la altura de grandes obras épicas como el Ramayana hindú o la Ilíada y la Odisea griegas. Como esta el Popol Vuh no es un simple registro histórico, es a final de cuentas [...] una declaración universal sobre la naturaleza del mundo y el papel del hombre en él.*<sup>25</sup>

Tal manuscrito pode ser dividido, segundo Laura Elena Sotelo e Maria del Carmen Valverde<sup>26</sup>, em três partes. Na primeira parte, a narração se remete ao mito cosmogônico, quando finalmente foi criado o homem de milho, depois de várias tentativas com outros materiais. Na segunda parte, aparece o mito principal dos quichés, no qual são contadas as aventuras de Hunahpú e Ixbalanqué. Já na terceira parte, há uma grande narração que relata a origem dos povos indígenas da Guatemala.

Provavelmente, o *Popol Vuh* foi elaborado em Santa Cruz Del Quiché, Guatemala. Uma cidade fundada por espanhóis, perto da antiga capital quiché: Utatlán.

Não se conhece, precisamente, a data da elaboração de tal documento. Adrián Recinos<sup>27</sup> defende que o manuscrito date de 1544. Já Robert M. Camark<sup>28</sup> destaca que, a

---

<sup>25</sup> VELA, ENRIQUE. *Popol Vuh: El libro sagrado de los mayas. Arqueología Mexicana*. México, v.15, n. 88, p. 42-50, nov. 2007. P. 47.

<sup>26</sup> SOTELO, Laura Elena & VALVERDE, Maria del Carmen. *Historiografía maya de tradición indígena*. In: ORTEGA Y MEDINA, Juan A.; CAMELO, Rosa. *Historiografía novohispana de tradición indígena*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003. P. 156.

<sup>27</sup> RECINOS, Adrián. *Introducción*. In: *Popol Vuh – Las antiguas historias del quiche*. 26ª. Edição, México: FCE, 1996 (Colección Popular, n° 11). P. 7-18.

<sup>28</sup> *El título de Yax y otros documentos quichés de Totonicapan*, Guatemala, edição e tradução de Robert M. Carmak e James L. Mondloch, México, Centro de Estudios Mayas, UNAM, 1989.

versão que conheceu Ximenéz em Chichicastenango, é posterior ao *Título de Totonicapán*, que data de 1554. Embora ambas as datações sejam relativas, já que o documento que possuímos hoje é uma cópia do original, consideramos que o *Popol Vuh* foi escrito em meados do século XVI, como apontado por ambos os autores.

Pouco se sabe sobre o *Popol Vuh* nos 150 anos seguintes a sua criação. Sabemos apenas, que em algum momento, foi levado a Santa Cruz del Quiché, que está muito perto da atual Santo Tomás Chichicastenango. Entre 1701 e 1704, o frei dominicano Francisco Ximenéz, pároco de Chichicastenango, obteve o manuscrito quiché. O frei se interessava enormemente pelas antigas tradições dos povos que ali viviam, além de ser um estudioso da língua quiché. Parece ter sido graças a seu interesse pelos quichés, e pela confiança que sem dúvida nutriam por ele, que lhe foi permitido ver e elaborar uma cópia do *Popol Vuh*<sup>29</sup>.

Ximenéz transcreveu o texto em quiché e anexou uma tradução para o espanhol. Esse manuscrito permaneceu esquecido durante muitos anos nos arquivos da paróquia, somente em 1830, quando as ordens religiosas abandonaram o país, os livros e documentos que se encontravam nos conventos e mosteiros foram levados a bibliotecas públicas, oficinas do governo ou terminaram nas mãos de colecionadores. De acordo com Enrique Vela<sup>30</sup>, o manuscrito de Ximenéz parece ter ido para a biblioteca da Universidad de San Carlos, e ali encontrou o austríaco Carl Scherzer, que elaborou uma cópia e a levou a Europa, publicando a versão em espanhol em 1856.

Em 1861 foi publicada a primeira versão quiché do texto, acompanhada por uma tradução ao francês feita por Charles Etienne Brasseur de Bourbourg. Esta edição está

---

<sup>29</sup> RECINOS, Adrián. Introducción. In: *Popol Vuh – Las antiguas historias del quiche*. 26ª. Edição, México: FCE, 1996 (Colección Popular, n° 11). P. 7-18.

<sup>30</sup> VELA, ENRIQUE. *Popol Vuh: El libro sagrado de los mayas*. *Arqueología Mexicana*. México, v.15, n. 88, p. 42-50, nov. 2007.

baseada em outra cópia da transcrição de Ximenéz, que Brasseur havia obtido de um quiché do pueblo de Rabinal. Tal manuscrito é a versão em quiché mais antiga que se conhece do *Popol Vuh*.

Depois que Carl Scherzer publicou uma cópia do manuscrito de Ximenéz, foi publicado um grande número de edições do *Popol Vuh*. Devido à sua natureza épica e à sua qualidade literária, mereceu inúmeras edições de divulgação acompanhadas por ilustrações.

A versão mais conhecida é a de Adrián Recinos, publicada pelo Fondo de Cultura Económica na coleção Biblioteca Americana em 1947 e que foi reimpressa na Colección Popular, versão, que como dito, usamos no presente trabalho.

### ***1.1.2- Memorial de Sololá***

Em relação ao Memorial de Sololá, também chamado de *Anales de los Cakchiqueles*, foi elaborado, assim como o *Popol Vuh*, pelos maias das terras altas.

Como mencionamos anteriormente, quando os espanhóis conquistaram a região, encontraram uma situação favorável, já que os cakchiqueles e os quichés travavam uma luta pelo poder político regional. A partir dessa situação, os cakchiqueles acreditaram que poderiam fazer dos espanhóis seus aliados e derrotar os quichés. Esta cosmogonia é feita, portanto, pelos vizinhos e inimigos históricos dos quichés, os cakchiqueles.

Assim sendo, por ser uma história procedente da mesma região, o *Memorial de Sololá* e o *Popol Vuh* tem bastante em comum, como o próprio fato de ambos mencionarem a rivalidade entre esses dois povos. Rivalidade essa que teria surgido na mesma época em que o sol nasceu pela primeira vez.

Constata-se, dessa forma, que também os cakchiqueles elaboram um título através do *Memorial de Sololá*, reivindicando para si os direitos sobre aqueles territórios.

Tratando-se da composição desse documento, ele possui 48 fólios numerados, tendo 31,3 por 21,6 cm, escritos frente e verso em tinta preta com boa grafia, provavelmente elaborado entre meados do século XVII e começo do XVIII. O manuscrito não contém título, tampouco divisão em partes ou numeração de parágrafos. Algumas palavras estão sublinhadas e há nas margens, comentários em espanhol, que por seu conteúdo e grafia, parecem ter sido escritas no século XVIII por um frei, provavelmente franciscano.

Em relação ao seu conteúdo, o manuscrito possui diversas partes, com diferentes características em relação à extensão e conteúdo.

Embora o Memorial não possua divisões aparentes, ele é geralmente dividido em partes de acordo com os assuntos que trata, sendo que a primeira parte, que vai da primeira página a dezessete, trata de processos, esses que muitos autores julgaram desinteressantes, ou mesmo como uma parte que estaria fora de seu local de origem, que seria ao final do texto. Tal texto faz referência a acontecimentos da vida municipal e familiar.

Logo em seguida, temos a parte que conhecemos como *Memorial de Sololá* ou *Tecpán-Atitlán*. Essa parte do texto, inicia-se com uma parte que tem sido chamada de “mitológica” ou “legendária”<sup>31</sup> e tem, como sequência, uma parte que os estudiosos chamaram de “histórica”, na qual são registrados alguns acontecimentos e as datas nas quais ocorreram.

---

<sup>31</sup> LUJÁN, Jorge Muñoz. Introdução. In: OTZOYS, Simón (Ed.) *Memorial de Sololá, Edición facsimilar del manuscrito original*. Guatemala: Comisión Interuniversitaria de conmemoración del quinto centenario del descubrimiento de América, 1999. 44

Tratando da autoria do documento, não existe no manuscrito declaração ou menção sobre o nome dos autores. Sem dúvida, a partir de 1521 aparecem dados que permitem supor os autores que deram continuidade ao que estava escrito. Principalmente a primeira parte, parece ser o resultado de uma tradição transmitida através de gerações e que na época colonial foi escrito em cakchiquel, mas com caracteres latinos. Posteriormente, houve a redação de vários outros autores.

Embora não se possa afirmar quem foi o primeiro redator do manuscrito, esse deixou claro que era membro principal do clã *xakilá*, e neto do rei *Jun'Iq*. Um membro, portanto, da elite nativa na chegada dos conquistadores espanhóis.

O *Memorial de Sololá* foi encontrado casualmente por Juan Gavarrete, um eclesiástico aficionado pelas questões históricas, em 1844 ou 1845, quando colocava em ordem o arquivo do Convento de São Francisco da Cidade da Guatemala. Contudo, sua tradução foi possível, somente com chegada do abade Charles-Etienne Brasseur de Bourbourg em 1855, que tinha por intuito estudar os idiomas e antiguidades do país. Brasseur recebeu das mãos de Gavarrete o manuscrito e dedicou-se a traduzi-lo em sua língua materna. Talvez com a ajuda de alguns homens que falavam o quiché e o cakchiquel.

Entretanto, após tal tradução, segundo escreveu Gavarrete, Brasseur lhe entregou a tradução do cakchiquel ao francês e levou o original consigo, como parte de sua coleção. Com a morte de Brasseur, sua coleção passou às mãos do etnólogo francês Alphonse Louis Pinart, que facilitou a consulta do manuscrito ao estadunidense Daniel G. Brinton, que se interessou pelo manuscrito, traduzindo-o do cakchiquel ao inglês, sem deixar de consultar, de certa forma, a tradução para o Francês de Brasseur. Ambas as traduções foram até o parágrafo 206, correspondente ao ano de 1575. Brinton publicou sua tradução em 1885, com o nome de *The Annals of the Cakchiquels*. Após a

morte de Brinton, o documento foi doado para a Universidade da Pensilvânia, na Filadélfia, onde está até os dias de hoje.

Para a presente dissertação, utilizamos a versão de Adrián Recinos<sup>32</sup>, mas contamos também com uma edição fac-similar do manuscrito original elaborada por Simón Otzoy<sup>33</sup>.

### 2.1.2- *Chilam Balam de Chumayel*

Diferentemente do *Popol Vuh* e do *Memorial de Sololá*, o *Chilam Balam de Chumayel* tem sua origem nas terras baixas maias, que compreendem o território do Estado de Tabasco, no México, Belize, Honduras, parte da Guatemala e a Península de Iucatã. Essa porção das terras maias era constituída por uma multiplicidade de cidades independentes, cujos povos, embora possuíssem características culturais bastante semelhantes, falavam idiomas diferentes, ainda que do mesmo tronco linguístico, e, em sua maioria, eram rivais entre si.<sup>34</sup> Os maias dessa porção “*constituyeron el grupo indígena mesoamericano que se opuso más tiempo a la dominación española.*”<sup>35</sup> Pois, embora os espanhóis tenham conseguido submeter o norte península de Iucatã já em 1547<sup>36</sup> com ajuda das elites locais, a porção central e as terras baixas do sul constituíram uma região de refúgio, na qual os habitantes originais do sul e milhares de refugiados das regiões já conquistadas escapavam do domínio espanhol. Essa região não foi inteiramente conquistada até o final do século XVII.<sup>37</sup>

---

<sup>32</sup> *Memorial de Sololá / Anales de los Cakchiqueles*. Tradução do maia, introdução e notas Adrián Recinos. Mexico & Buenos Aires: FCE, 1948.

<sup>33</sup> *Memorial de Sololá*. Transcrição ao cakchiquel atual e tradução de Simón Otzoy. Guatemala, 1999.

<sup>34</sup> BRICKER, Victoria Reifler. *El Cristo indígena, El Rey nativo. El sustrato histórico de la mitología del ritual de los mayas*. Tradução de Cecília Paschero. 1ª. Reimpressão, México: FCE, 1993 (Sección de Obras de Antropología). P. 35

<sup>35</sup> *Ibidem*. p. 45.

<sup>36</sup> PORRO, Antonio. *O messianismo maya no período colonial*. São Paulo: FFLCH – USP, 1991 (Coleção Antropologia, 17).

A chegada dos espanhóis às terras baixas maias fez com que muitas tradições indígenas se modificassem, algumas de maneira gradual e outras de forma muito mais radical. Ao grupo que se modificou gradualmente pertencem os manuscritos conhecidos como os Livros de *Chilam Balam*. Trata-se de um conjunto de 17 textos escritos em maia iucateco, cada qual recebe o nome do local no qual foi encontrado: *Chumayel*, *Tizimín*, *Káua*, *Ixil*, etc.

No que tange à tradução do termo, *Chilam* significa o que profetiza, termo que faz menção aos sacerdotes e profetas maias que escreviam e interpretavam os livros antigos, que proferiam ao povo seus conhecimentos do que aconteceria e eram considerados intérpretes das mensagens dos deuses. A palavra *Balam* quer dizer jaguar, mas o sentido usado nos livros é provavelmente o nome de uma família. Assim, *Chilam Balam* pode ter sido, segundo alguns autores, um homem, um sacerdote que provavelmente viveu em *Maní*, um pouco antes da conquista. Esse homem teria profetizado a chegada de uma nova religião e de conquistadores vindos de longe. Suas profecias estão incluídas nos livros sagrados, de onde derivou-se chamá-los de *Chilam Balam*.<sup>38</sup>

Ainda que tenham sido escritos em papel europeu, os livros de *Chilam Balam* possuem evidências de que são transcrições dos antigos códices. Na passagem a seguir percebe-se claramente que o texto pode ter sido elaborado a partir de um códice:

*Así ocurrirá en el décimo octavo año tun, así aparecen los signos en el libro de los siete linajes que vio el Ah Kin, Chilam Balam, cuando leyó la rueda de los katunes en compañía del Ah Kin, Napuctun, Ah Kin, de Hun Titzil Chc, de Uxmal. Eso fue lo que dedujo los signos pintados en el libro, según su antender, el Ah Kin Ch'el gran autoridad. Allí vieron como caería la carga según dijo el Chilam Balam que estaba ordenado por Hunab Ku, Oxlahun ti*

---

<sup>38</sup>GARZA, Mercedes de la. *El universo sagrado de la serpiente entre los mayas*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, Centro de Estudios Mayas, 1984. p. 12.

*Ku, que caería un año de reyertas y un sólo pleito se oiría según la explicación que dan los signos pintados.*<sup>39</sup>

Provavelmente, por ser uma espécie de cópia de um códice anterior, é que existe uma aparente falta de estrutura e grande variedade de assuntos tratados em tais livros. Pois, assim como os manuscritos pré-hispânicos, os livros de *Chilam Balam* incluem temas rituais, festividades periódicas, predições para os diversos ciclos cósmicos, assuntos astronômicos, assuntos calendáricos, textos médicos e outros.

Para esse trabalho, optamos por utilizar o *Chilam Balam de Chumayel*, pois o consideramos o mais completo para a nossa pesquisa, na medida em que traz em seu conteúdo textos religiosos, proféticos, cronológicos, históricos e literários, dando-nos assim uma gama de informações para a concretização de nosso objetivo.

O *Chilam Balam de Chumayel* procede da cidade de Chumayel. Supõe-se que o copiadador foi um indígena chamado José Hoil, pois seu nome aparece na página 81 do manuscrito, ao lado da data 20 de janeiro de 1782. Depois de escrito, o livro passou à posse de algum sacerdote ou seu secretário, Justo Balam, quem escreveu registros de batismo nas páginas em branco que tinha o livro.

Em 1838 passou às mãos de Pedro de Alcántara Briceño, de San Antonio, que fez um registro sobre a mesma página, expressando que havia comprado o livro. Em algum momento, anos depois, o livro foi adquirido por Audomaro Molina, e esse passou a Dom Crescencio Carrillo y Ancona, bispo de Iucatã. Em 1868 foi copiado à mão pelo doutor Carl Hermann Berendt e vários fragmentos dessa cópia foram publicados por Daniel Brinton em sua obra *Maya Chronicles*. Em 1887 foi fotografado por Teobert Maler, e depois da morte de Carrillo y Ancona, em 1897, passou às mãos de Ricardo Figueroa. Em 1910, George B. Gordon fez uma reprodução fotográfica e editou-o de

---

<sup>39</sup> *Chilam Balam de Chumayel*. Ed. de Antonio Miguel Rivera Dorado. Madri: Dastin, s/d.

forma parecida, devolvendo-o a Figueroa. Com a morte do mesmo, o manuscrito passou à Biblioteca Cepeda de Mérida, de onde foi roubado. Apareceram alguns anos depois algumas propostas de venda do manuscrito, mas, mesmo assim, ele não foi mais visto. Entretanto, ficaram as versões fotografadas e copiadas.

No que concerne ao conteúdo do *Chilam Balam de Chumayel*, sem dúvida seus principais autores são os itzás. Esse documento começa com um fragmento que narra o que poderíamos chamar de migração de tal povo. Essa passagem sugere que os senhores da linhagem Uc se estabeleceram pelos quatro rumos da terra, sendo que em todos há descendência dos mesmos. Entretanto, outras partes do mesmo manuscrito sugerem que os itzás sempre estiveram em Chichén Itzá.

Ao que nos parece, a “ordenação” dos textos é interrompida pela chegada dos “dzules”,<sup>40</sup> os conquistadores espanhóis, que dá início a outro tempo histórico, com outros personagens e outra dinâmica. A partir desse momento, o documento passa a enumerar uma série de acontecimentos a partir do ciclo de katuns. Contudo, ao final do manuscrito, as datações já são feitas de acordo com o calendário gregoriano, mas ainda assim, podemos perceber a preocupação em manter a memória dos fatos passados.

Portanto, assim como no Popol Vuh, podemos perceber no Chilam Balam de Chumayel o interesse em conservar a memória dos acontecimentos, mas adaptada às novas circunstâncias da época colonial. Os aspectos formais, como o papel e a tinta, o novo sistema calendário e o tipo de escritura seguem a tradição europeia, porém, nessa obra há a visão maia de seu universo, sua ciência, sua religião e seus acontecimentos políticos, dentre outros.

---

<sup>40</sup> Os espanhóis eram chamados pelos maias iucatecos de dzules que significa estrangeiros comedores de amoras.

Optamos, no atual trabalho, por utilizar a edição realizada por Miguel Rivera Dorado.<sup>41</sup>

## **1.2– Como a historiografia tem retratado o humano e o não-humano maia através dessas histórias**

*Llegaran entonces los animales pequeños, los animales grandes, y los palos y las piedras les golpearan las caras. Y se pusieron todos a hablar, sus tinajas, sus comales, sus platos, sus ollas, sus perros, sus piedras de moler, todos se levantarán y les golpearon las caras.*<sup>42</sup>

Como expressado de maneira inicial na Introdução do presente trabalho, em grande parte das fontes provenientes das terras maias encontramos referências a outros seres que não são definidos como humanos, chamamo-os, portanto, de não-humanos.

Como apontado no trecho do *Popol Vuh*, com o qual iniciamos o presente Capítulo, existem diversos seres (como animais grandes e pequenos, pedaços de madeira, pedra e utensílios domésticos) que possuem algum tipo de ação nas fontes coloniais maias. Em tal trecho, por exemplo, esses não-humanos apontados no *Popol Vuh* se levantam contra os homens de madeira<sup>43</sup> sem nenhuma interpelação externa, ou seja, são eles que realizam a ação de fato. Dessa forma, destacamos que, assim como muitos povos da América Indígena, os maias provavelmente possuíram (ou ainda possuem) uma concepção “[...]segundo a qual o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e não-humanas [...]”<sup>44</sup>

---

<sup>41</sup> Chilam Balam de Chumayel. Ed. de Antonio Miguel Rivera Dorado. Madri: Dastin, s/d.

<sup>42</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, [1960]. p. 31.

<sup>43</sup> De acordo com o *Popol Vuh*, em uma das tentativas da criação é criado o homem feito de madeira, que não possuía entendimento e não podia movimentar-se bem. A maior parte desses homens feitos de madeira serão dizimados e uma parte continuará vivendo nas florestas como macacos.

<sup>44</sup> VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A inconstância da alma selvagem. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 347.

Entre tal povo, particularmente, parece existir uma infinidade de não-humanos, representados principalmente por deuses, semideuses, animais de grande e pequeno porte, dias do calendário, seres antropomorfos, plantas, utensílios domésticos, etc..

Portanto, tendo como objetivo central da pesquisa a análise de como os maias representaram humanos, suas ações, qualidades e atributos nas fontes, percebemos que para realizar tal feito é necessária uma análise detalhada de como os demais seres dessa complexa cosmologia maia aparecem nas fontes e qual seria sua função e sua relação com os homens maias.

Embora percebamos que é necessária tal análise dos não-humanos para melhor compreensão do que os maias entenderam como “humano maia”, ao avaliarmos a historiografia referente ao tema, notamos que grande parte dela aborda de maneira muito inicial quem são esses não-humanos nas fontes maias: suas características, sua relação com os humanos e seu papel nas fontes. Prevalece o interesse em retratar apenas como os deuses maias aparecem nessas fontes e qual seria a sua relação com os humanos. Essa, que geralmente é apontada como uma relação de interdependência, na qual os deuses dependeriam dos humanos para alimentá-los e os humanos estariam sujeitos aos deuses para propiciarem-lhes uma vida de fertilidade. Portanto, cada qual teria seu papel no cosmos.

A partir da análise dessa historiografia, acreditamos que existem outros pontos que deveriam ser abordados de maneira mais enfática no que tange ao humano maia e suas relações. Segue, portanto, uma breve descrição de como alguns autores trabalham o tema. Para auxiliar nossa pesquisa destacamos algumas questões norteadoras ao longo das descrições para que possa ser perceptível a necessidade de uma maior cautela e observância em alguns pontos e relações, dentre os quais se destaca a necessidade de

estudos mais efetivos sobre a relação dos humanos maias e não-humanos que possam ir além da relação homens-deuses.

Entre os principais expoentes para o estudo do humano maia estão as obras de Mercedes de la Garza, tais como: “*El universo sagrado de la serpiente entre los mayas*”<sup>45</sup> e “*El hombre en el pensamiento religioso náhuatl y maya*”<sup>46</sup>. Em “*El universo sagrado de la serpiente entre los mayas*”, uma das primeiras obras escritas pela mesma, a autora reserva toda a primeira parte do livro para tratar da importância dos animais e sua relação com deuses e homens. Nessa pesquisa Mercedes de La Garza chega à conclusão de que homens e animais se completam e que os deuses sintetizam a essência animal e humana, simbolizando a integração de elementos contrários.

*Las ideas acerca del lazo entre el hombre y el animal, expresadas en los mitos cosmogónicos que hemos destacado, no revelan que en pensamiento religioso maya no hay, en realidad, una superditiación del animal animal al hombre, ni del hombre al animal, sino más bien que ambos se complementan adquiriendo así su ser propio: el animal surge y recibe sus características de acciones humanas o del ser mismo del hombre, y la propia sustancia original de éste está constituida por elementos animales que se funden con materias vegetales produciendo a ese ser que se distingue por su conciencia. En cuanto a los dioses, en ellos se sintetiza la esencia animal y la humana, ya que su apariencia es la de seres antropozoomorfos, en cuyas manos están no sólo, el principio y la generación continua del cosmos, sino también la muerte y las fuerzas irracionales y destructivas que él contiene; o sea, que simbolizan asimismo, la armonía de los contrarios, su implicación recíproca.*<sup>47</sup>

Entretanto, na obra cuja autora trabalha especificamente o homem maia, a relação homem/animal desaparece dando lugar apenas à relação homem/deuses. No livro “*El hombre en el pensamiento religioso náhuatl y maya*”, de La Garza apresenta

---

<sup>45</sup> GARZA, Mercedes de la. *El universo sagrado de la serpiente entre los mayas*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, Centro de Estudios Mayas, 1984.

<sup>46</sup> Idem. *El Hombre en el pensamiento religioso Náhuatl y Maya*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1990.

<sup>47</sup> GARZA, Mercedes de la. op. cit. P. 75.

como objetivo central analisar como as fontes escritas no período colonial apresentam o homem nahua e maia.

Para realizar sua análise, Mercedes de la Garza conta com textos coloniais divididos por ela em dois blocos: os que relevam o modo de pensar desses povos e aqueles nos quais se encontram as palavras que eles utilizavam para comunicar suas ideias e o significado de suas ações. Também é fundamental para a autora o estudo de textos sobre a religião, mas não apenas, porque os mitos, orações e discursos tratam do homem, mas sim, porque acredita que:

*[...] entre los mayas y los nahuas la religión no es únicamente un aspecto más de su cultura, y, menos aún, un aspecto que haya tenido como única finalidad la justificación del grupo en el poder para dominar y explotar a los otros (aunque la religión en estos pueblos pudiera haber ejercido en algún momento, y en cierto sentido, una función política, no se la puede reducir a mero instrumento de poder); sino que era, esencial e intrínsecamente, una vivencia del universo que impregna y dirige el sentido de la vida en su totalidad; para ellos, los dioses están en todo, son el origen y la generación continua de las cosas, son el espacio y el tiempo, y, por tanto, determinan todo lo que el hombre es y todo lo que el hombre hace.<sup>48</sup>*

Seguindo tais premissas, ao final de sua análise, Mercedes de la Garza chega à conclusão de que “*las diferencias entre las expresiones religiosas de estas dos culturas en el período Pósclásico no son esenciales*”<sup>49</sup> e que o homem maia e nahua resulta da interação entre homem-deuses e homem-natureza. Portanto, o homem é: o ser que cumpre a finalidade dos deuses de alimentá-los (através da adoração, cultos e sacrifícios), sendo essa a razão pela qual o homem teria sido criado; e é diferente dos demais entes que constituem o cosmos, por ter sido formado com matéria sagrada, o milho, o sangue e os sacrifícios dos deuses.

---

<sup>48</sup> GARZA, Mercedes de la. *El Hombre en el pensamiento religioso Náhuatl y Maya*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1990.

<sup>49</sup> *Ibidem*. p. 129.

Portanto, para a autora, em função da natureza e dos deuses, os maias e nahuas teriam afirmado que a característica exclusiva do homem, que o diferencia dos demais seres no cosmos, é a consciência.

Dessa maneira, em toda a sua análise Mercedes de La Garza destaca o papel essencial da relação entre deuses e homens para o entendimento de como os maias enxergaram o humano. Contudo, muito embora a autora destaque que existe uma relação homens/natureza, essa relação quase não aparece aqui e, afirmando que o homem se destaca dos demais seres por sua consciência, a autora distancia o humano dos animais, negando, em partes, o que teria proposto na obra anterior, em que, segundo ela, nem homens, nem animais estariam sobrepostos uns aos outros nessa cosmologia.

Em uma obra mais recente, “*Sueño y éxtasis; visión chamánica de los nahuas e los mayas*”<sup>50</sup>, Mercedes de la Garza busca aproximar-se da compreensão de significado que os maias e nahuas que tiveram e têm dos outros “*rostros de la realidad*”<sup>51</sup>, que são os sonhos e os estados alterados de consciência; e tenta conhecer as interpretações que esses povos indígenas tiveram acerca da função e efeitos das práticas ascéticas e das plantas, fungos e animais psicoativos. Portanto, para chegar a tal objetivo, nesse trabalho a autora avança um pouco mais em assuntos como a natureza humana desses povos e a relação dos mesmos com alguns animais.

No que tange à natureza humana, é apontado que para nahuas e maias o ser humano é concebido como:

*[...] un ser compuesto por partes materiales “pesadas”, corpóreas, visibles y tangibles, y por partes también materiales, pero “livianas”, sutiles, etéreas, asociadas al calor, al aire, a los olores, a los sabores, a la luz, a la sombra, que son energía vital, aliento, razón, conocimiento, emociones, irracionalidad.*<sup>52</sup>

---

<sup>50</sup> GARZA, Mercedes de la. *Sueño y éxtasis: visión chamánica de los nahuas y los mayas*. México: Fondo de Cultura Económica, 2012.

<sup>51</sup> Ibidem p. 15.

<sup>52</sup> Ibidem p. 20.

Assim, o homem para os maias e nahuas é uma unidade ao mesmo tempo em que é um ser múltiplo, composto por matérias sutis, as quais se encontram em várias partes do corpo (matéria pesada) e podem ser externadas e projetadas para fora dele em estados especiais de consciência. Aqui entram o sonho e o êxtase.

Todavia, o ponto que julgamos de maior importância em tal obra, para a nossa pesquisa, trata da transmutação animal. Em toda sua obra a autora não chega a enfatizar a importância desses outros seres não-humanos que são os animais, mas destaca o papel da transmutação animal, afirmando que tratou-se de uma prática comum entre xamãs e sacerdotes maias transfigurar-se em uma figura animal durante alguns rituais. Segundo Mercedes de la Garza, destaca-se o papel dos jaguares nessas transmutações, pois eles estavam associados à fertilidade, poder e a obscuridade. Entretanto, mesmo apontando que esses xamãs podiam se transformar em alguns animais, não é apontada a razão para tal fato. Não teriam, dessa forma, os animais um papel importante de ligação com o sagrado e daí, a necessidade das transmutações?

Igualmente é apontado que para os maias todos os homens possuíam um alter ego animal determinado pelo dia em que nasce. Sendo assim, os xamãs ao se transformarem em animais estavam assumindo a forma de seu alter ego. Esse alter ego é chamado pelos maias iucatecos de *way*. Todavia, mesmo ao final da obra, fica ainda a questão: se os animais aparecem mesmo como parte da figura do humano, pois cada humano tem um animal diferente como alter ego, não são os animais de suma importância para a ordem no cosmos e para a própria configuração do humano?

Também outros autores importantes falam do humano e da sua relação com os não-humanos, mas na maioria dos casos essa abordagem é feita de forma incipiente, como é o caso da obra de Miguel Rivera Dorado.

Esse autor, ao tratar desses outros “entes” maias em seu livro “*La religión maya*”, destaca principalmente o papel dos deuses, dando um foco ao desejo que esses possuem de criar seres que os adorem.

[...] los dioses empezan a ensayar la creaci3n de una humanidad a la medida de sus deseos, que los adore, los invoque, los sostenga e alimente, y que se acuerde de ellos.<sup>53</sup>

Ao versar sobre os deuses tal autor aborda a relação dos mesmos com os humanos nas fontes maias pr-coloniais, mostrando como a elite maia geralmente usava a imagem de tais deuses para reivindicar os direitos a cargos e posses, como  o caso das reclamações a cargos realizadas por chefes maias através da criação de uma relação parental com *Itzamn*, visto pelo autor como deus do céu<sup>54</sup>. De acordo com tal autor, o rei maia se proclama senhor do céu e filho do céu, que passa a compartilhar com o deus o poder de criação e regeneração.

Além de enumerar sistematicamente cada um dos “*dioses de los pisos del cielo*”, Rivera também aponta a importância dos gêmeos (*Hunahpú* e *Ixbalanqué*)<sup>55</sup>, seres divinos que segundo o autor, teriam dado origem ao sol e a lua. Segundo ele, essa narrativa no *Popol Vuh* , além de um guia de viagem pelo inframundo, uma prova nítida de que a criação, o tempo e a vida se originaram em um antagonismo entre as

---

<sup>53</sup> RIVERA, Miguel Dorado. *La religión maya*. Madrid: Alianza Editorial, 1986. P. 43.

<sup>54</sup> Segundo Rivera esse deus era representado com formas de rptil, como outras divindades semelhantes em outras zonas do México. Tal deus teria tido um papel importante também na época p3s-clássica sendo responsável por todos os fen3menos ocorridos no céu.

<sup>55</sup> O *Popol Vuh* narra a hist3ria de Hunahpú e Ixbalanqué. Segundo essa hist3ria tais jovens teriam nascido ap3s seus pais descerem ao inframundo e serem enganados pelos senhores que l habitavam e mortos pelos mesmos. Depois de mortos um deles teria tido a cabeça pendurada em certa árvore que acaba sendo visitada por uma donzela que por fim engravida com a saliva da cabeça que ali estava entre os frutos. Ap3s engravidar a jovem foge do inframundo, indo procurar a família daquele que a teria engravidado com sua saliva e dá a luz aos gêmeos Hunahpú e Ixbalanqué. Os mesmos acabam tendo o mesmo destino de seus pais e são chamados ao inframundo. Mas diferente de seus pais eles conseguem enganar os senhores do Xibalbá e terminam a hist3ria vitoriosos, sendo que ap3s tal vit3ria teriam se lançado ao fogo e subido ao céu, um como o sol e outro como a lua. Por se tratar um brilhante mito é sempre retomado por vários autores, embora uma grande parte não descreva de maneira exaustiva como esses dois seres aparecem nas fontes, quais seriam suas características e sua relação com a criação.

potências que habitam as regiões superiores do cosmos e aquelas que se encontram nos abismos inferiores.

Abordando ainda a obra de Miguel Rivera Dorado, em seu livro “*Los mayas de la antigüedad*”, ele não trata da questão do humano maia, mas assim como acontece em “*La religión maya*”, Rivera destaca a importância dos deuses, esses não-humanos que parecem ter influenciado em grande medida a vida dos maias. Sobre os deuses, tal autor afirma que eles estão sujeitos às influências cósmicas e aos avatares, e cada um assume formas particulares. Assim sendo, esses deuses podem aparecer nas representações pré-coloniais e coloniais como humanos ou como animais, como homens ou mulheres, jovens ou velhos, benevolentes ou malévolos, relacionados com a vida ou com a morte, com a luz ou com as trevas.

É notável, então, que embora o autor não aborde diretamente humanos e outros não-humanos como os animais, ele aponta que muitos deuses aparecem representados como humanos ou como animais. Não haveria assim uma rede de relações cósmicas que vai além de humanos e deuses, abrangendo também outros não-humanos que são constantemente representados nas fontes pré-coloniais e coloniais? Teria essa relação de interdependência se dado apenas entre humanos e deuses?

Outro autor, de suma importância no que tange à história maia, é Eric Thompson. Em seu livro “*Historia e religión de los mayas*”<sup>56</sup>, Thompson tem como objetivo a análise da história e religião dos maias das terras baixas, destacando o período pré-colonial. Embora em alguns momentos esse autor trate também das terras altas, suas fontes centrais referem-se às terras baixas.

Ao abordar a religião maia, Thompson destaca que a relação entre homens e deuses é uma questão de contrato, “*los dioses ayudan al hombre en su trabajo e le*

---

<sup>56</sup> THOMPSON, John Eric Sidney. *Historia y religión de los mayas*. México: Siglo Veintiuno, 1986.

*proporcionan alimento, a cambio esperan un pago, y la mayor parte de las veces ese pago debe hacerse por adelantado.*” De acordo com esse autor, são inúmeros os relatos do folclore maia que recordam a necessidade de pagar pelos benefícios recebidos, e que a oração maia se dirige a fins materiais. Logo, a concepção da relação entre homens e deuses apontada por Thompson é semelhante à concepção de Mercedes de la Garza e a de Miguel Rivera Dorado.

Ao tratar dos deuses maias, Thompson descreve quais seriam as características essenciais que distinguem esses seres dos demais. Segundo ele, as divindades maias são impessoais e seu único vício humano seria o desejo de reconhecimento com frequentes oferendas. Destarte, diferenciando-se dos humanos, Thompson enumera as seguintes características divinas:

- 1- Poucos deuses tem forma humana, a maioria é uma mescla de traços humanos e animais, mas os deuses derivados de animais podem aparecer em forma puramente humana;
- 2- Cada deus é atribuído a um rumo do universo;
- 3- Os deuses possuem um aspecto duplo, podem ser benévolos ou malévolos;
- 4- Os deuses formavam grandes categorias, mas um mesmo deus poderia participar de duas categorias ao mesmo tempo, como ser um deus celeste e do inframundo ao mesmo tempo;
- 5- Predominam deuses relacionados com todos os períodos de tempo e a divinização dos dias e de outras divisões cronológicas;
- 6- As inconseqüências e a duplicação de funções devem à imposição de hierarquias de conceitos alheios sobre a estrutura mais sensível dos deuses da natureza, adorados pelos camponeses;
- 7- Os deuses poderiam fundir-se com divindades alheias;

- 8- Houve também culto aos antepassados que alguns casos são divinizados no período pós-clássico.
- 9- Os objetos inanimados recebiam espíritos moradores que algumas vezes chegavam à categoria divina.
- 10- Adoravam os animais, como por exemplo, o jaguar.
- 11- Formou-se uma ordem social divina à semelhança do humano, com deuses menores, como mensageiros e servos, e deuses principais em cada grupo de quatro.
- 12- Um só deus poderia ter diferentes aspectos com nomes distintos.
- 13- Há alguns sinais de formação de algo parecido ao monoteísmo na classe superior divina durante o Clássico, há um grupo de deuses que recebem toda a adoração.

Deste modo, dentre essas características apontadas, podemos destacar que na característica número 1 é apontado que a maior parte dos deuses têm características humanas e animais, e que pode haver uma espécie de transmutação entre aqueles deuses que possuem características animais. Esse fato poderia apontar um elo comum? Como vimos anteriormente, Mercedes de la Garza aponta que os xamãs podem se transformar em animais, se alguns deuses também podem efetuar tal transformação, residiria nas características animais um elo de ligação?

Outro ponto que nos chamou a atenção nas características apontadas por Thompson é a forma como ele coloca a característica número 10, que acaba ficando sem fundamentação no restante no texto. Se os animais são adorados, eles são considerados deuses? Seria essa relação dos humanos com os animais uma relação de adoração ou existem apenas alguns animais que são adorados, como o jaguar, ou todos são alvo de adoração?

Embora existam tais questões na obra, Thompson é bastante sistemático e avança bastante na análise dos deuses das terras baixas. Essa análise nos ajuda a compreender também as características humanas, pois, por exemplo, se os deuses são ao mesmo tempo benevolentes e malevolentes, provavelmente os homens maias também se veem da mesma forma.

Outra questão que dificilmente é abordada, é a questão do tratamento das divisões cronológicas e da associação de deuses à cronologia, como apontado na característica 5. Veremos adiante que, no *Chilam Balam de Chumayel*, os dias do calendário aparecem como figuras em movimento. Resta, no entanto, a dúvida se essas divisões cronológicas podem ser consideradas deuses, ou se fazem parte de outra categoria de não humanos.

Analisando ainda a historiografia referente ao tema, temos também a obra de Federico Navarrete Linares, “*La vida cotidiana en tiempo de los mayas*”<sup>57</sup>, que versa sobre vários aspectos da vida maia, incluindo um capítulo que examina a maneira como os princípios cosmológicos maias determinam o papel do homem dentro do mundo e definem seu ser e suas capacidades, estabelecendo suas obrigações as demais criaturas viventes e com os deuses.

De acordo com Navarrete, as almas das pessoas maias são partes de diversas forças cósmicas, sendo influenciadas pelos antepassados e pelo dia no qual nasceram, pois, cada dia é regido por um deus e a característica daquele deus influenciará na vida de cada um. Também a matéria, a carne, está vinculada à realidade transcendente por ser feita de milho, a planta sagrada. Além disso, o autor afirma que para os maias, a substância vital mais importante é o sangue, pois é o lugar onde reside o espírito das

---

<sup>57</sup> NAVARRETE LINARES, Federico. *La vida cotidiana en tiempo de los mayas*. México: Ediciones Temas de Hoy, 1996.

pessoas e é ainda umas dos principais meios de comunicação com os deuses e com o mundo em geral.

Assim como os autores citados anteriormente, Navarrete também destaca a importância do homem alimentar os seus deuses. No caso, o autor coloca que a mais valiosa oferenda feita a esses deuses é a oferenda de sangue, um dos motivos pelos quais tal líquido é tão importante.

Em síntese, para tal autor, as almas, a carne e o sangue dos seres humanos se relacionam com seus antepassados, suas linhagens, os animais companheiros, o milho, os deuses e o cosmos em seu conjunto. E no corpo humano “*se reúnen diversar fuerzas e sustancias y en él deben encontrar um equilibrio.*”<sup>58</sup>

Navarrete não explicita como se daria essa relação entre os seres humanos e os demais entes, mas aponta para a ideia de que os maias possuíam “animais companheiros”, reforçando o *way* que é colocado por Mercedes de la Garza. Se os humanos possuem esse alter ego animal ou companheiros animais, não são as características desses seres de enorme importância para o entendimento do humano maia?

Além desses estudiosos sempre abordados ao se falar em historiografia maia, encontramos um pesquisador que aborda justamente a relações entre o humano e o mundo que habita, Manuel Alberto Morales Damián. Ainda que tal autor também destaque que os homens foram criados para serem servidores de seus deuses, Morales destaca a relação entre homem e natureza afirmando que um não se concebe sem o outro. Para ele o território maia é um todo coerente em que,

---

<sup>58</sup> MORALES DAMIÁN, Manuel Alberto. Territorio sagrado: cuerpo humano y naturaleza en el pensamiento maya. In: *Cuicuiolco: Revista de la Escuela Nacional de Antropología y Historia*. México, 2010. p. 134.

*Hombres, animales, plantas, astros, orientación geográfica y decurso temporal forman una unidad dentro de la cual cada elemento tiene su función. [...] la estructura de algunos mitos, como el de la creación del hombre en el Popol Vuh, manifiestan justamente la unidad de todos estos aspectos de la realidad.*<sup>59</sup>

Assim, para Morales, a maneira como os maias percebem a sua realidade e a natureza do homem é através das relações no cosmos; da mesma forma que o território, a realidade física que o homem habita é um todo humanizado, e ambos, o homem e o cosmos, são sagrados. Ou seja, além do homem entender animais e deuses segundo si próprio, estendendo a esses outros seres suas próprias características, a natureza e o seu universo também estão dispostos segundo características humanas.

Portanto, como aponta Morales, e como destacamos ao longo dessa parte que tratou de como a historiografia maia aborda o humano e o não humano maia, percebemos que é de suma importância analisar as relações entre humanos e não-humanos nas fontes, para que possamos chegar às características humanas para os maias. Sendo assim, tratemos da análise de como os não-humanos são retratados nas fontes.

---

<sup>59</sup> MORALES DAMIÁN, Manuel Alberto. Territorio sagrado: cuerpo humano y naturaleza en el pensamiento maya. In: *Cuicuiolco: Revista de la Escuela Nacional de Antropología y Historia*. México, 2010. P. 294.

## CAPÍTULO 2- OS MUITOS NÃO-HUMANOS NAS HISTÓRIAS E COMOGONIAS MAIAS COLONIAIS

### 2.1 – Deuses

*Lo cierto es que los dioses mesoamericanos tienen características humanas: razonan, poseen sentimientos, están provistos de voluntad, se comunican entre sí y con los hombres, y actúan eficazmente sobre el mundo.*<sup>60</sup>

Dentre as fontes que analisamos, o relato que trata a criação de maneira mais descritiva é, sem dúvida, o *Popol Vuh*. Embora todos os documentos passem por tal criação, é no *Popol Vuh* que a criação se configura como peça principal para o começo e para a continuação da narrativa contada. Portanto, é no *Popol Vuh* que encontramos um grande número de deuses, sendo que a maioria deles está relacionada à criação.

Podemos dizer, assim como é apontado por Mercedes de la Garza<sup>61</sup>, que para os quichés, os deuses criadores são um conjunto de deidades que forma um conselho, esse que decide e realiza a criação do mundo.

Logo de saída, o *Popol Vuh* é iniciado com o relato dos deuses atuantes na criação:

*Y aquí traeremos la manifestación, la publicación y narración de lo que estaba oculto, la revelación por Tzacol, Bitol, Alom, Qaholom, que se llaman Hunahpú-Vuch, Hunahpú-Utiú, Zaqui-Nimá-Tziís, Tepeu, Gucumatz, u Qux Cho, u Qux Paló, Aj Raxá Lac, Aj Raxá Tzel, así llamados. Y [al mismo tiempo] la declaración, la narración conjuntas de la Abuela y el Abuelo, cuyos nombres son Ixpiyacoc e Ixmucané, amparadores y protectores, dos veces abuelo, dos veces abuela, así llamados en las historias quichés, cuando contaban todo lo que hicieron en el principio de la vida, el principio de la historia.*<sup>62</sup>

---

<sup>60</sup> LÓPEZ AUSTIN, Alfredo & MILLONES, Luis. *Dioses del Norte, dioses del sur: religiones y cosmovisión en Mesoamérica y los Andes.* : Instituto de estudios peruanos, 2008. P. 39.

<sup>61</sup> GARZA, Mercedes de la. *El Hombre en el pensamiento religioso Náhuatl y Maya.* México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1990.

<sup>62</sup> *Popol Vuh.* Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1996, p. 21.

Pode ser notado, a partir desse trecho, que os deuses estão dispostos em pares. Essa dualidade parece ser uma característica essencial das terras altas maias, os deuses são representados muitas vezes como um casal, ou seja, uma divindade feminina e uma divindade masculina que se completam. Não obstante, essa dualidade apresenta-se não só na sexualidade, como também na oposição de outros elementos, como água e fogo, céu e terra, bem e mal, e assim por diante.

Voltando ao trecho citado acima, o primeiro par apontado é formado por *Tzacol* e *Bitol*, esses dois deuses são chamados de O Criador e o Formador, ou também de deusa mãe e deus pai engendrades ou “Coração da Lagoa” e “Coração do Céu”, e também “Senhor do Prato Verde” e “Senhor da Tigela Azul”<sup>63</sup>. Segundo tais traduções podemos entender que *Tzacol* era o Senhor da Terra (o Prato Verde) e *Bitol* era o Senhor do Céu (Prato Azul). Esses deuses são chamados também de *Zaqui-Nimá-Tziís* (Grande Pecari Branco, Deusa Mãe Velha) e *Zaqui-Nim-Ac* (Grande Porco ou Javalí). Embora *Zaqui-Nim-Ac* não esteja nesse trecho do *Popol Vuh*, autores como Mercedes de la Garza<sup>64</sup> e Michela Craveri<sup>65</sup> apontam que se trata do mesmo par de deuses pois em outras narrativas das terras quichés esse par aparece sempre junto, inclusive no próprio *Popol Vuh*, quando tais deuses auxiliam os gêmeos *Hun-Hunahpú* e *Ixbalanqué* a derrotarem seu inimigo *Vucub-Caquix*,<sup>66</sup> como demonstra o trecho abaixo.

*Habiendo meditado Hun-Hunahpú e Ixbalanqué, se fueron hablar con un viejo que tenía los cabellos completamente blancos y con una vieja, de verdad muy vieja y humilde, ambos doblados ya como gente muy ancianas. Llamábase el viejo Zaqui-Nim-Ac y la vieja Zaqui-Nimá-Tziís.*<sup>67</sup>

---

<sup>63</sup> GARZA, Mercedes de la. Introdução, In: *Libro de Chilam Balam de Chumayel*. México: Conaculta, 2001. P. 20.

<sup>64</sup> CRAVERI, Michela. *El lenguaje del mito: voces, formas y estructura del Popol Vuh*. México: Universidad Autónoma de México, 2012.

<sup>65</sup> GARZA, Mercedes de la. op. cit. P. 23.

<sup>66</sup> Esses três seres aqui nomeados serão abordados no tópico “Entes sobre-humanos”.

<sup>67</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1996, p. 36.

Analisando tal trecho, podemos identificá-los aparecendo aqui como entidades velhas e humildes, que na narrativa, com sua esperteza e destreza, conseguem ajudar os gêmeos a derrotar seu inimigo, convencendo-o que deveria retirar todos os seus dentes. Portanto, através dessa passagem podemos destacar três características que pertenceram aos deuses maias segundo o *Popol Vuh*: a humildade, a esperteza e a destreza.

*Zaqui-Nim-Ac* e *Zaqui-Nimá-Tziís*, chamados também de *Tzacol* e *Bitol*, geralmente estão associados à criação. Também o *Memorial de Sololá* aponta para esse par como formador e criador do homem.

*Y el hombre fue formado por Tzacol y Bitol. [...] Y desde del mar fue traída por el gavilán la sangre de la danta y la sangre de la serpiente, que sirvió para lavar y amasar el maíz, con lo cual fue formada la carne de la gente por Tzacol y Bitol.*<sup>68</sup>

Aparece aqui, portanto, outra característica desses deuses, são eles os formadores da carne do homem.

O segundo par apontado no *Popol Vuh* é formado por *Alom* e *Qolom*, que também podem ser chamados de *Hunahpú-Vuch*, *Hunahpú-Utiú*. O nome de *Alom* pode ser identificado como “a Deusa Mãe”, aquela que concebe filhos, do quiché *al*, filho, *alán*, dar a luz; e nome *Qolom* significa o deus pai, que engendra os filhos, de *qahol*, filho do pai, *qaholah*, engendrar. De acordo com a outra nomenclatura que esse par recebe, eles seriam *Hunahpú-Vuch*, (Caçador Gambá) vista como deusa do amanhecer e *Hunahpú-Utiú* (Caçador Coiote) o deus da noite.

Ao lado desse segundo par aparece o terceiro par, *Tepeu* e *Gucumatz*. O primeiro é identificado como o rei soberano, o conquistador da batalha, e o segundo como a “Serpente emplumada”, de *guc*, em maia iucateco *kuk*, plumas verdes e *quetzal* por

---

<sup>68</sup> *Memorial de Sololá*. Ed. de Simón Otzoy. Guatemala: Comisión interuniversitaria de conmemoración del quinto centenario del descubrimiento de América, 1999. P. 155.

antonomasia, é *cumatz*, serpente. É a versão quiché de *Kulkukán* o nome em iucateco para *Quetzalcóatl* (serpente emplumada em nahuatl). Esse par de deuses se desponta logo depois como o par que dará início à criação:

*Sólo el Creador, el Formador, Tepeu, Gucumatz, los Progenitores, estaban en el agua rodeados de claridad. Estaban ocultos bajo plumas verdes y azules, por eso se les llama Gucumatz. De grandes sabios, de grandes pensadores es su naturaleza.*<sup>69</sup>

Além de afirmar que tais deuses são os progenitores, o texto deixa claro que se trata de *Gucumatz*, pois, eles estavam ocultos em plumas verdes e azuis, o que também caracteriza a serpente emplumada *Kukulkán* das terras baixas. Portanto, através desse trecho, enumeramos as seguintes características dessas divindades: possuem em sua aparência física elementos animais (no caso de *Gucumatz*, ele mesmo aparece como uma serpente); são grandes sábios e pensadores.

As penúltimas deidades desse grupo criador, *Qux Cho* e *Qux Paló*, identificam-se com a água, sendo o primeiro, coração ou o espírito da lagoa e *Qux Paló*, o coração ou espírito do mar. Essas duas deidades, por serem deidades da água, estão relacionadas à *Gucumatz*. Destacamos, portanto, que esses nomes podem se tratar de outras características que fazem parte desse ser.

Ao final, o último par de deuses apresentados, se relaciona com a dualidade céu/terra, *Aj Raxá Lac* (o Senhor da Tigela Verde, da terra) e *Aj Raxá Tzel* (o Senhor da Tigela Azul, ou seja, o céu). Portanto, essas deidades apresentam os mesmos nomes e as mesmas características daquelas que apareceram no início do parágrafo, *Tzacol* e *Bitol*. Podemos afirmar, dessa maneira, que se trata de outro nome para o mesmo par divino.

A partir desse primeiro parágrafo podemos formar a seguinte tabela<sup>70</sup>:

---

<sup>69</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1996, p. 23.

<sup>70</sup> Destacamos que a formação dessa tabela com base em deuses que seriam correspondentes é feita de acordo com as características em comum entre esses deuses. Cabe ressaltar que autores como Eric Thompson e Maria del Carmen Valverde afirmam que um só deus podia ter diferentes aspectos com nomes distintivos correspondentes. Essa relação entre as muitas divindades geralmente é feita entre os

<b>Pares Relacionados</b>	<b>Significados</b>
<i>Tzacol e Bitol / Zaqui-Nimá-Tziís e Nim Ac / Aj Raxá Lac e Aj Raxá Tzel</i>	Senhor do céu e senhor da terra / grande pecari branco, deusa mãe velha e grande porco ou javalí.
<i>Alom e Qolom / Hunahpú-Vuch, Hunahpú-Utiú</i>	Deusa mãe e deus pai / caçador gambá e caçador coiole
<i>Tepeu e Gucumatz / Qux Cho e Qux Paló,</i>	Rei soberano e serpente emplumada / coração da lagoa e coração do mar

Tabela 1 – Traduções dos nomes e atributos dos deuses da criação segundo o Popol Vuh

Partindo dessa tabulação, podemos afirmar que quando o Popol Vuh enuncia a criação, apontando os nomes dos deuses, o documento está formando um conselho que conta basicamente com três grupos, três pares de casais, sendo que cada um dos nomes se refere às suas qualidades. Ou seja, embora se trate da mesma deidade é necessário colocar seus outros nomes para mostrar as qualidades e a forma que as mesmas possuem. É também indispensável apontar todo esse conjunto de deidades, mostrando seus nomes e qualidades, para descrever que a criação parte de alguns princípios vitais, dos quais são responsáveis tais seres, como terra, céu e água.

Muito embora não tenhamos encontrado a divisão em trios de deuses, como feito na tabela acima, entre os deuses da criação, na obra de outros autores que analisem o *Popol Vuh*, para alguns desses autores o parágrafo inicial do documento não fica muito claro, como é o caso de Eric Thompson que afirma o casal engendrador nesse caso seria *Alom e Qolom* e que, “no esta claro se éstos son otros títulos de la pareja original o

---

deuses das terras baixas, com algumas exceções como no caso de Michela Craveri que faz essa relação de acordo com os nomes e o diafratismo contidos no Popol Vuh.

*nombres de otros dioses*”<sup>71</sup>. Ou seja, Thompson chega a considerar a hipótese de que todos os nomes dados naquele parágrafo são títulos de um único par de deuses. Todavia, mediante ao que é afirmado por Thompson, e pelas colocações de Michela Craveri e de Mercedes de la Garza, de que se trata um conselho, como a própria cosmogonia nomeia, formado por pares de deuses, interpretamos tais deuses segundo suas características principais e os radicais presentes nos seus nomes.

Seguindo com os deuses envolvidos na criação segundo o *Popol Vuh*, ainda no mesmo trecho, em que são enumerados esses pares divinos, aparece um quarto par, que tem uma função diferente nessa criação. Esse quarto casal é chamado de *Ixpiyacoc* e *Ixmucané*. Comumente, essas duas divindades são identificadas como “os avós divinos” e são mencionados juntos, mesmo que *Ixmucané* apareça sozinha durante a maior parte das interações com os heróis gêmeos<sup>72</sup>, quando o texto se refere a ela apenas como “avó”. Tais deuses foram chamados durante a criação do mundo para auxiliar, quando os criadores tentavam engendrar a humanidade, e estão presentes quando todos juntos decidem que o milho deve ser o material com o qual será feita a carne do homem.

*Ixpiyacoc* e *Ixmucané* normalmente são invocados por outras entidades por seus poderes de adivinhação (como é o caso durante a criação dos homens de milho). No *Popol Vuh*, esse casal é descrito como pais dos gêmeos *Hun-Hunahpú* e *Vucub-Hunahpú*, esses que por sua vez são os “pais”<sup>73</sup> de *Hunahpú* e *Ixbalanqué*. A partir dessa informação o *Popol Vuh* destaca, principalmente, o papel de *Ixmucané*, pois ela está presente em outras cenas com sua nora, mãe dos heróis gêmeos e com os próprios heróis gêmeos. A partir desse casal de divindades, podemos identificar que é outra característica divina a adivinhação.

---

<sup>71</sup> THOMPSON, Eric. *Historia y religión de los mayas*. México: Siglo Veintiuno, 1986. P. 250.

<sup>72</sup> Esses heróis serão abordados no tópico “Entes sobre-humanos”.

<sup>73</sup> Ambos são apontados como pais dos heróis gêmeos no *Popol Vuh*, mas a narrativa deixa claro também que foi *Hun-Hunahpú* que realmente teve contato com a mãe dos heróis.

Os deuses e outros seres (entes sobre-humanos) que não são, ou parecem ser deuses, mantêm relações, inclusive de parentesco, como é o caso de *Ixmucané* que é avó dos heróis gêmeos. Portanto, mostrando que *Ixmucané* é avó dos heróis gêmeos, o *Popol Vuh* mostra que alguns deuses podem engendrar filhos, possuem uma capacidade reprodutiva, podendo ter relações de parentesco com outros seres, mas que não são humanos.

Além desses pares de deuses anunciados logo no prólogo do documento, outro deus participante da criação é acrescentado à narrativa: *Huracán*.

*Entonces se manifestó con claridad, mientras meditaban, que cuando amaneciera debía aparecer el hombre. Entonces dispusieron la creación y crecimiento de los árboles y los bejucos y el nacimiento de la vida y la creación del hombre. Se dispuso así en las tinieblas y en la noche por el Corazón del Cielo, que se llama Huracán. El primero se llama Caculhá Huracán. El segundo es Chipi-Caculhá. El tercero Raxa-Caculhá. Y estos tres son El Corazón del Cielo.<sup>74</sup>*

Como podemos ver nesse trecho, com a chegada de *Huracán* e com a interação entre ele, *Tepeu* e *Gucumatz* é que a criação do mundo e dos seres que nele habitam se torna possível.

Além de participar ativamente da criação, *Huracán* também é invocado pelos homens no *Popol Vuh*.

*¡Oh tú, hermosura del día! ¡Tú Huracán; tú Corazón del cielo y de la Tierra! ¡Tú, dador de la riqueza, y dador de las hijas y de los hijos! Vuelve hacia acá tu gloria y tu riqueza; concédeles la vida y el desarrollo a mis hijos y vasallos; que se multipliquen y crezcan los que han de alimentarte y mantenerte; los que te invocan en los caminos, en los campos, a la orilla de los ríos, en los barrancos, bajo los árboles, bajo los bejucos. [...]Que sea buena la existencia de los que te dan el sustento y el alimento en tu boca, en tu presencia, a ti, Corazón del Cielo, Corazón de la Tierra, Envoltorio de la Majestad. Y tú, Tohil, tú, Avilix; tú Hacavitz, bóveda de cielo, superficie de la tierra, los cuatro rincones, los cuatro puntos cardinales. ¡Que sólo haya paz y tranquilidad ante tu boca, en tu presencia, oh Dios!<sup>75</sup>*

---

<sup>74</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1996, p. 24.

<sup>75</sup> *Ibidem* p. 156.

Esse trecho se encontra no final do *Popol Vuh*, após a criação do homem e também depois de contada a história de migração dos quichés até os dias atuais. Ele mostra que Huracán é um dos deuses responsáveis por zelar pelos homens que habitam o mundo. Tal trecho apresenta-se quase como uma oração, na qual o homem quiché pede a esse deus que seja concedida a *glória e riqueza* que o deus possui e que ele assegure a vida e o desenvolvimento dos homens daquele povo, para que os mesmos, posteriormente, possam prover aquilo que alimentará o deus. Assim, vemos aqui que há uma *relação de troca* entre deuses e homens, na qual o deus deve garantir a vida e desenvolvimento do povo, e em troca os homens desse povo devem dar o sustento e o alimento na boca desse deus.

No trecho há também uma relação entre quatro dos deuses mais citados em todo o *Popol Vuh* (*Gucumatz, Tohil, Avilix e Hacavitz*) com os quatro cantos do mundo, os quatro pontos cardinais. Destacamos aqui que também o *Chilam Balam de Chumayel* aponta quatro deuses, *Bacab*, que estão nos quatro cantos do mundo e que sustentam o céu para que o mesmo se mantenha em sua posição. Falaremos novamente dos os *Bacab* adiante.

Embora o trecho inicial do *Popol Vuh* enuncie os três pares de deuses, mostrando-nos seus diferentes nomes, para assim caracterizá-los durante o processo que levará a criação da terra e dos seres que nela habitam, dois deuses despontam como principais no processo de criação, já que na maior parte das cenas da criação estão os dois presentes, *Tepeu e Guccumatz*, seguidos por *Huracán*. São os dois primeiros que decidem que devem iniciar a criação.

*Entonces vinieron juntos Tepeu y Guccumatz; entonces conferenciaron sobre la vida y la claridad, cómo se hará para que aclare e amanezca, quién será el que produzca el alimento y sustento.  
-¡Hágase así! ¡Que se llene el vacío! ¡Que esta agua se retire y desocupe [el espacio], que surja la tierra y que se afirme! Así dijeron. ¡Que aclare, que*

*amanezca en el cielo y en la tierra! No habrá gloria ni grandeza en nuestra creación y formación hasta que exista la creación y formación hasta que exista la criatura humana, el hombre formado. Así dijeron.*<sup>76</sup>

Com a chegada de *Huracán*, eles iniciam a criação da terra e também as várias tentativas de criação do homem. Percebe-se que esses deuses conferenciaram sobre a vida, isso demonstra que nenhum dos três deuses que aqui são citados tomou uma decisão sozinho. A criação é feita em conjunto, a partir da concordância dos demais. Isso pode apontar para um dos aspectos fundamentais da vida em sociedade maia, como abordaremos no próximo capítulo. A partir desse trecho nota-se também que para esses deuses é necessária a existência humana, para que haja uma real glória na sua criação: “*No habrá gloria ni grandeza en nuestra creación y formación hasta que exista la creación y formación hasta que exista la criatura humana, el hombre formado.*”

Entretanto, analisando esse trecho especificamente, parece-nos que a relação dos deuses com a criação é muito mais uma relação de vaidade, além da necessidade aparente. Eles precisam de alguém que possa contemplar sua obra e por isso os adorar. Essa ideia é apresentada também no trecho em que se percebe que os primeiros homens criados são demasiadamente inteligentes, e por esse motivo sua vista deve ser velada, a vista do homem não deve alcançar o todo como a vista de seus deuses.

*- No está bien lo que dicen nuestras criaturas, nuestras obras; todo lo saben, lo grande y lo pequeño, dijeron. Y así celebraron consejo nuevamente los Progenitores: - ¿Qué haremos ahora con ellos? ¿Que su vista sólo alcance a lo que ésta cerca, que sólo vean un poco de la faz de la tierra! No está bien lo que dicen. ¿Acaso no son por su naturaleza simples criaturas y hechuras [nuestras]? ¿Han de ser ellos también dioses? ¿Y si no procrean y se multiplican cuando amanezca, cuando salga el sol? ¿Y si no se propagan? Así dijeron.*

*- Refrenemos un poco sus deseos, pues no está bien lo que vemos. ¿Por ventura se han de igualar ellos a nosotros, sus autores, que podemos abarcar grandes distancias, que lo sabemos y vemos todo?*<sup>77</sup>

---

<sup>76</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1996, p. 24.

<sup>77</sup> *Ibidem* p. 106.

Destarte, retirar parte da visão do homem é necessário para que ele não se iguale aos deuses, seus criadores. Há, portanto, um temor em deixar esse homem com tamanho conhecimento, mas não é apontado nesse trecho um receio de não ter quem os alimente. Acreditamos, portanto, que existe aqui um receio por parte dessas divindades de que existam mais seres como eles, como deuses, além da necessidade de criar quem os alimente, como é apontado por Mercedes de La Garza.<sup>78</sup>

Podemos enfatizar também, partindo do texto acima, que um dos temores dos deuses, é que esses homens sábios não se reproduzam e passem a ser como os deuses. Concluimos, dessa forma, que a reprodução é uma característica dos seres que habitam a terra, mas pode aparecer também como uma característica divina, pois como apontamos acima, a avó dos heróis gêmeos, *Ixmucané*, é uma divindade que engedrou dois filhos gêmeos, os pais dos heróis. Portanto, embora a reprodução apareça como algo de destaque entre os humanos, de acordo com o *Popol Vuh*, ela pode ser considerada, uma possível característica divina.

A vontade (muito mais do que propriamente necessidade) dos deuses em ter quem os adore é perceptível também após a criação dos animais. Após tal criação, os animais não conseguem pronunciar o nome de seus deuses, não podendo realizar tal feito. Os deuses decidem então, que os animais serão comidos e mortos.

*Todavía hay quienes nos adoren, haremos otros [seres] que sean obedientes. Vosotros, aceptad vuestro destino: vuestras carnes será trituradas. Así será. Ésta será vuestra suerte. Así dijeron cuando hicieron saber su voluntad a los animales pequeños y grandes que hay sobre la faz de la tierra.*<sup>79</sup>

---

<sup>78</sup> GARZA, Mercedes de la. *El Hombre en el pensamiento religioso Náhuatl y Maya*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1990.

<sup>79</sup> *PopolVuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1996, p. 27.

Assim, os animais são castigados por não poderem pronunciar os nomes de seus deuses e, conseqüentemente, não os poder adorar<sup>80</sup>. Aqui, novamente, aparece a vontade dos deuses em ter quem os adore, até mesmo uma soberba em afirmar que eles podem criar novos seres, que sejam obedientes a eles. Podemos apontar aqui dois outros pontos relevantes que serão destacados mais adiante: os animais não são seres totalmente obedientes aos deuses, já os homens são (pois a criação só se concretiza com eles, se os deuses não criaram outros seres depois, isso ocorreu, pois viram no homem todas as qualidades que procuravam).

Outro ponto que nos leva a acreditar que a criação do mundo foi realizada por uma vaidade, e não apenas necessidade, é a própria existência dos deuses. Pois, se estes já existiam, como é apontado no início do *Popol Vuh*, e se eles necessitavam de sustento, que depois será dado pelo homem, quem os dava esse sustento, até que o homem fosse criado?

A historiografia sobre o tema, no entanto, geralmente concorda em afirmar que os homens foram criados a partir de uma necessidade, apenas, dos deuses em criar quem os alimente. São autores que compartilham de tal visão Mercedes de La Garza, Michela Craveri e Miguel Rivera Dorado.

Tratando da relação entre deuses e homens, o *Popol Vuh* enumera, na parte em que inicia o relato das migrações do povo quiché, outras divindades que seriam responsáveis por proteger as tribos. O caso, que aparece com maior relevância é *Tohil*, que, de acordo com o documento, é o deus protetor dos quichés. *Tohil* é uma divindade ligada ao fogo e à chuva e é mostrado na fonte sempre ligado a outros dois deuses: *Avilix* (seu nome deriva de *kwiilix/wilix*, que em quiché significa andorinha) e *Hacavitz* (nome cujo significado mais aproximado é montanha). Diferente das divindades

---

<sup>80</sup> Destacamos que o termo adorar é repetida inúmeras vezes no *Popol Vuh* traduzido por Adrián Recinos. Assim, para afirmarmos que a tradução do termo usado em quiché é realmente adorar, consultamos a tradução de Gordon Brotherston e Sérgio Medeiros na qual encontramos a mesma tradução.

associadas à criação, esse trio de deuses mantém uma relação de proximidade, na qual os deuses chegam a acompanhar as primeiras tribos durante sua migração. No trecho seguinte, por exemplo, há uma advertência de *Tohil, Avilix e Hacavitz* à tribo quiché durante a migração.

*“¡Vámonos ya, levatémonos ya, no permanezcamos aquí, llevadnos a un lugar escondido! Ya se acerca el amanecer. ¿No sería una desgracia para vosotros que fuéramos aprisionados por los enemigos en estos muros donde nos tenéis vosotros los sacerdotes y sacrificadores? Ponednos, pues, a cada uno en lugar seguro, dijeron cuando hablaron.”<sup>81</sup>*

Através dessa fala dos deuses observamos que a movimentação deles depende da movimentação da tribo, para que eles consigam sair daquela região onde estão correndo perigo os homens devem interferir, inclusive protegendo-os, pois devem colocá-los em um lugar seguro. Isso mostra que esses deuses protetores não têm um movimento e uma ação independente daquela tribo com a qual estão ligados. Também percebemos, logo no início do trecho, que caso esses deuses sejam capturados isso será prejudicial para os próprios quichés, ou seja, essa tribo precisa desses deuses para protegê-los. Logo depois dessa passagem, o *Popol Vuh* afirma que para proteger seus deuses, os homens os levaram nas costas até um lugar seguro com uma grande quantidade de cobras, víboras tigras e falésias para resguardar os deuses. Portanto, esses deuses protetores não são independentes de suas tribos e tampouco são fortes, já que necessitam até mesmo da proteção animal.

Numa outra passagem o *Popol Vuh* afirma que *Tohil, Avilix e Hacavitz* foram transformados em pedra logo que amanheceu, assim como todos os seres divinizados. Depois que eles se tornaram pedra, os homens continuam indo até o local onde eles tinham sido escondidos anteriormente e, mediante sacrifícios, os deuses falam,

---

<sup>81</sup> *PopolVuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1996, p. 119.

afirmando que a tribo quiché será aquela que conquistará todos os outros, porém eles não devem se esquecer de suas oferendas: “*Venid a darnos un poco de vuestra sangre, tened compasión de nosotros.*”<sup>82</sup>. O interessante desse trecho é que os deuses pedem compaixão, como se trata de uma palavra que aparece uma única vez no documento consultamos também a tradução de Gordon Brotherston e Sérgio Medeiros, na qual, a mesma palavra é traduzida como piedade.<sup>83</sup> Portanto, esses deuses pedem a piedade dos homens.

Podemos perceber que todas as características aqui destacadas como sendo de *Tohil*, *Avilix* e *Hacavitz*, são características próprias dos deuses protetores das tribos, pois enquanto esses não possuem vida e interação sem estarem ligados aos homens. Os deuses participantes da criação possuem uma independência maior em relação ao homem, na medida em que existem antes do homem, interagem antes do homem e conferenciam sobre a criação entre eles, sem nenhuma interpelação de outro ser que não seja divino. Parece-nos, dessa forma, que falamos aqui em dois tipos de divindades distintas para o *Popol Vuh*, as participantes da criação e as protetoras das tribos.

Voltando às características dos deuses criadores, torna-se necessário analisar um pouco mais de perto *Tepeu* e *Gucumatz*, os criadores e formadores do homem.

Como visto no início desse capítulo, *Tepeu* significa Rei Soberano e *Gucumatz*, Serpente Emplumada. Trata-se de um par de divindades, e como vimos, os pares geralmente aludem a polos opostos. O seguinte trecho aponta para esse par de criadores como um só:

*Sólo el Creador y el Formador, Tepeu e Guzumatz, los Progenitores, estaban en el agua rodeados de claridad. Estaban ocultos bajo plumas verdes y azules, por eso se les llama Guzumatz.*<sup>84</sup>

---

<sup>82</sup> *PopolVuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1996, p. 125

<sup>83</sup> BROTHERSTON, Gordon & MEDEIROS, Sérgio (Ed.) *Popol Vuh*. São Paulo: Illuminuras, 2007.

<sup>84</sup> Op. cit., 1996. p. 23.

Portanto, esse par é o que chamamos de “Serpente Emplumada”. O nome *Gucumatz* volta a aparecer na narrativa quando o *Popol Vuh* fala sobre a quarta geração de reis quichés.

*Verdaderamente Guzumatz era un rey prodigioso. Siete días subía al cielo y siete días caminaba para descender al Xibalbá; siete días se convertía e, culebra y verdaderamente se volvía serpiente; siete días se convertía en tigre: verdaderamente su apariencia era de águila y de tigre. Otros siete días se convertía en sangre coagulada y solamente era sangre em reposo.*<sup>85</sup>

Dessa forma, seria esse homem, rei, o mesmo ser participante da criação? É apontado no trecho que esse rei transitava entre o céu e o *Xibalbá*, essa é, no entanto, uma característica divina, como apontou Miguel Rivera Dorado e Mercedes de la Garza. Esse rei seria um ser divino ou apenas um homem? Esses dois lugares na sociedade maia, humano e divino, são excludentes?

Mercedes de La Garza, em *El universo sagrado de la serpiente entre los mayas*, afirma que esse rei, que leva o mesmo nome do deus, é na verdade um *Nagual*, uma espécie de bruxo que tem a capacidade de se transformar em animais para entrar em contato com outros níveis cósmicos.

*Gucumatz aparece como uno de los naguales más poderosos ya que existió, además de la facultad de subir al cielo y de bajar al inframundo, tiene como alter ego a los animales más fuertes: la serpiente, al águila y el jaguar, los animales de Tohil, el dios protector de los fundadores de los linajes quichés. [...] Así vemos que los hombres se deifican y los dioses encarnan en reyes prodigiosos. La naturaleza sagrada de este rey se expresa, sobre todo, en la facultad de convertirse en sangra, principio vital de vida que vincula hombres y dioses.*<sup>86</sup>

---

<sup>85</sup> *PopolVuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1996, p.150.

<sup>86</sup> GARZA, Mercedes de la. *El universo sagrado de la serpiente entre los mayas*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, Centro de Estudios Mayas, 1984. P. 122.

Para a autora, trata-se, portanto, de um rei que possui qualidades sobre humanas. Entretanto, Mercedes de La Garza analisou outras fontes além do *Popol Vuh* para que pudesse chegar a tal conclusão, não podemos a partir apenas desse documento chegar a essa mesma conclusão. Todavia, mesmo sem podermos chegar a tal conclusão, nos é apresentado aqui que a distância entre as características divinas e humanas não é tão longa. Mesmo Mercedes de La Garza reconhece que homens podem se deificar como os próprios deuses.

Vimos acima que quando os primeiros quatro homens são criados, a visão lhes é diminuída, pois, caso contrário, seriam deuses, assim como aqueles que os criaram. Analisando essa parte, e o caso desse rei que como um deus se transforma e caminha entre céu e inframundo, podemos afirmar, que para esses homens existe a possibilidade de que alguns homens tenham características que são divinas, pois eles não estão tão distantes assim daqueles que os criaram.

*Gucumatz*, o rei do trecho citado, transforma-se em animais para que possa caminhar entre as camadas do mundo, o que talvez mostre uma relação de proximidade entre deuses, animais e homens, na qual, através da transformação em animal, o homem pode transitar entre pisos diferentes do cosmos chegando até suas divindades. Além disso, voltando ao nosso quadro inicial (vide página 46) dos primeiros deuses envolvidos na criação, podemos notar que, de acordo com a divisão que fizemos, em cada conjunto dos deuses que se associam, existem características animais.

Portanto, o primeiro par aparece com características de pecari e de porco/javali, o segundo como coiole e gambá e o terceiro como serpente.

Muito embora o *Memorial de Sololá* não traga tantos deuses envolvidos na criação e cite apenas que *Tzacol* e *Bitol*, como dito no início do capítulo, esse manuscrito nos traz uma série de animais envolvidos nesse processo da criação, sendo

que dos animais que aparecem acima como características das divindades, estão presentes na criação do homem narrada pelo *Memorial*, o javali, o coioote e a serpente.

*Dos animales sabían que existía esa sustancia integrante en el lugar llamado de Paxil, que allí era donde estaban esos dos animales llamados el Coyote y el Jabalí. En los intestinos se le encontró, al ser muerto el animal coyote, el maíz que entonces se le extrajo. Fue a buscar con que amasarlo el animal llamado gavilán. La sangre de la danta y la sangre de la serpiente, que sirvió para lavar y amasar el maíz, con los cual fue formada la carne de la gente por Tzacol e Bitol.<sup>87</sup>*

Pode-se entender, dessa forma, que esses animais são vistos como participantes na criação, e podem ser uma representação desses deuses, que estão presentes na criação, cada qual com seu papel. Retomaremos esse assunto ao tratarmos propriamente dos animais nas fontes maias. Analisemos agora como os deuses da criação são vistos pela nossa fonte das terras baixas.

Os deuses e outros seres envolvidos na criação do mundo e do homem para o *Chilam Balam de Chumayel* são apresentados de forma bastante distinta do que vimos até agora no *Popol Vuh*. Como apontado no capítulo anterior, a história do *Chilam Balam de Chumayel* não é de fácil leitura para os estudiosos da área maia, pois a escrita desse documento não segue uma mesma linha como estamos habituados nas cosmogonias ocidentais. O *Chilam Balam de Chumayel* tem uma linguagem um tanto quanto obscura, esotérica e está impregnado de términos tomados da mitologia cristã, entretanto, em muitas de suas partes encontramos referências da criação e dos deuses criadores.

---

<sup>87</sup> *Memorial de Sololá*. Ed. de Simón Otzoy. Guatemala: Comisión interuniversitaria de conmemoración del quinto centenario del descubrimiento de América, 1999. P. 156.

Para os maias das terras baixas, o mundo atual<sup>88</sup> surge a partir de uma catástrofe cósmica originada pela ação dos nove deuses do inframundo sobre os treze deuses do céu. Portanto, nessa primeira etapa da criação do cosmos o *Chilam Balam de Chumayel* não menciona a integração de outros seres nessa criação como o *Popol Vuh* e o *Memorial de Sololá*. Nessa luta entre os dois conjuntos de deuses, a morte derrota a vida e, por isso, o mundo é destruído. Quando os nove deuses do inframundo roubam dos treze deuses celestes o princípio da vida (*Canhel*, a serpente emplumada) acontece um dilúvio que ocasiona o colapso do céu e o naufrágio da terra. Quando esse cataclismo termina, como mostra o trecho abaixo, o mundo é reordenado pelos *Bacab*, deuses das quatro regiões terrestres e sustentadores do céu, e então aparecem os homens de milho, os homens da época atual.

*Y fueron cogidos los Trece dioses por los Nueve dioses. Y llovió fuego, y llovió ceniza y cayeron árboles y piedras. Y vino el golpearse los árboles y las piedras unos contra otras.*

*Y fueron cogidos los Trece dioses, y fue rota su cabeza y abofeteado su rostro, y fueron escupidos, y se los cargaron a las espaldas. Y fue robada su Serpiente de vida, con los cascabeles de su cola, y con ella fueron cogidas sus plumas de quetzal. Y cogieron habas molidas junto con su semen y, junto con su corazón, semilla molida de calabaza, y semilla gruesa molida de calabaza, y frijoles molidos. Y El que es eterno, lo envolvió y lo ató junto, y se fue al decimotercero piso del cielo. [...] Y cuando fue robada la Gran Serpiente, se desplomó el firmamento y hundió la tierra. Entonces los Cuatro dioses, los Cuatro Bacab, lo nivelaron todo. En el momento en que acabó la nivelación, se afirmaron en sus lugares para ordenar los hombres amarillos.<sup>89</sup>*

É, portanto, desse embate que nascem os astros, o tempo, a vida e os seres humanos. Após o embate, no entanto, é necessário reordenar o mundo para que nele possam viver os “*hombre amarillos*”. Como afirmado no parágrafo anterior tal mundo é reordenado pelos *Bacab*. Trata-se de quatro deuses que vão reerguer a terra após o seu

---

<sup>88</sup> Os documentos das terras baixas deixam claro que já existiram outras idades no mundo em que vivemos, que esse mundo foi destruído e reconstruído algumas vezes. Alguns estudiosos da área, como Mercedes de la Garza afirmam que para os maias estaríamos na quarta idade.

<sup>89</sup> *Chilam Balam de Chumayel*. Ed. de Antonio Miguel Rivera Dorado. Madri: Dastin, s/d. p. 91

naufrágio e permanecerão sustentando as quatro extremidades desse plano, que era o mundo segundo os maias. Tais deuses são tidos como sustentadores do mundo, são eles responsáveis pela sustentação do céu e manutenção do plano terrestre tal qual ele está. São os *Bacab*, portanto, responsáveis pela criação desse mundo no qual habitará o homem. Como apontamos anteriormente o *Popol Vuh* também traz essa ideia de deuses nos quatro pontos cardiais, ou seja, muito provavelmente os quichés também viam como necessária a sustentação do céu por quatro deuses. Assim, há aqui outra característica desses deuses, eles são responsáveis pela sustentação do céu.

Após a criação do homem amarelo, o *Chilam Balam* retoma a criação desde seus primórdios, desde os habitantes anteriores da terra, começando a criação de quando nada existia, nem o céu, nem a terra.

*Dominus vobiscum, decían todos cantando allí donde no había cielo ni tierra.*

*Del abismo nació la tierra, cuando no había cielos ni tierra. El que es la Divinidad y el Poder labró la gran Piedra de la Gracia, allí donde antiguamente no había cielo.*

*Y de allí nacieron Siete piedras sagradas, Siete Guerreros suspendidos en el espíritu del viento, Siete llamas elegidas.*

*Y se movieron. Y siete fueron sus gracias también, y siete sus cantos.*

*Y sucedió que incontables gracias nacieron de una piedra de gracia. Y fue la inmensidad de las noches, allí donde antiguamente no había Dios, porque no habían recibido a su Dios, que sólo por si mismo estaba dentro de la gracia, dentro de las tinieblas, allí donde no había cielos ni tierra.<sup>90</sup>*

Fica claro, que antes da criação não existia nem o céu nem a terra. No *Popol Vuh*, todavia, o céu existia logo no início da criação. Nesse trecho aparece apenas uma divindade, “*El que es la Divinidad*” que foi responsável por construir a grande pedra, da qual nasceram sete pedras e destas nasceram os sete guerreiros. Essa ideia de criação relacionada a uma pedra está presente também no Memorial de Sololá:

---

<sup>90</sup> *Chilam Balam de Chumayel*. Ed. de Antonio Miguel Rivera Dorado. Madri: Dastin, s/d. p. 96.

*Entonces fue creada la piedra de Obsidiana por el hermoso Xibalbay, por el precioso Xibalbay. Entonces fue creado el hombre por el Creador y el Formador, y rindió culto a la piedra de obsidiana.*<sup>91</sup>

Mesmo que *Popol Vuh* não faça referência a tal pedra, como ela se encontra tanto no Memorial de Sololá quanto no *Chilam Balam de Chumayel*, a ideia de criação a partir da pedra parece representar uma crença importante entre os maias. Mercedes de la Garza aponta que, segundo o *Título de los Señores de Totonicapán*<sup>92</sup>, os quichés receberam em Tulán de Nácxit (*Gucumatz/Kukulkán*) uma pedra com poderes mágicos, que era a insígnia das dignidades políticas, o que se refere ao poder dos deuses que é delegado a quem irá governar as tribos. Portanto, no *Título de los Señores de Totonicapán* a pedra parece possuir o poder dos deuses, que as tribos receberam dos mesmos. Assim, os seres que nascem da pedra, no *Chilam Balam de Chumayel* podem ser interpretados como seres que nascem de algo divino.

Também Manuel Alberto Morales Damián, objetivando demonstrar que para os maias o homem e a natureza não se concebem independentes entre si e que o homem maia é um produto do território que habita, destaca que quando se fala nas fontes sobre madeira ou sobre pedras elas estão se referindo ao início da criação, sendo filhos do seu meio, o humano maia seria “*el hijo natural de la piedra, el hijo natural de la tierra*”<sup>93</sup>

Voltando ao *Chilam Balam de Chumayel*, também nesse documento o nascimento de entes sobre-humanos precede a criação do mundo e dos homens. Esses seres são vistos por Mercedes de la Garza como uma espécie de proto-homens, como se fossem seres intermediários entre os deuses e os homens, por isso o texto os chama de anjos.

---

<sup>91</sup> *Memorial de Sololá*. Ed. de Simón Oztzy. Guatemala: Comisión interuniversitaria de conmemoración del quinto centenario del descubrimiento de América, 1999. P. 155.

<sup>92</sup> CARMACK, Robert Marques & MONDLOCH, James Lorin. *El Título de Totonicapán: texto, traducción y comentario*. Fuentes para el Estudio de la cultura maya. México: UNAM. 1983.

<sup>93</sup> *Chilam Balam de Chumayel*. Ed. de Antonio Miguel Rivera Dorado. Madri: Dastin, s/d. p. 111.

*Y fue formado al fin un Guerrero, cuando no había nacido el Primer Guerrero, y tenía los cabellos en guedejas. [...] Y fue su divinidad. Y entonces salió y se hizo varón en la segunda infinita Piedra de Gracia. Alpinon es el nombre de su ángel.*<sup>94</sup>

Destes entes sobre-humanos surgiram os primeiros moradores da terra, os gigantes: “*Entró entonces Chac, el Gigante, por la grieta de la piedra. Gigantes fueron entonces todos, en un sólo pueblo, los de todas las tierras.*” Voltaremos a abordar tais seres ao tratar dos seres sobre-humanos.

Seguindo com o relato referente aos deuses envolvidos na criação, é importante apontar que nesse texto a figura de “*Dios Gran Padre*” ou “*Padre Dios*” está presente em diversos trechos e esse também recebe o mérito da criação.

*Sonó la primera Palabra de Dios, allí donde no había cielo ni tierra. Y se desprendió de su piedra y cayó al segundo tiempo y declaró su divinidad. Y se estremeció toda la inmensidad de lo eterno. Y su palabra fue una medida de gracia, un destello de gracia y quebró y horadó la espalda de las montañas. ¿Quién nació cuando bajó? Gran Padre, Tú lo sabes.*<sup>95</sup>

Entendemos que, embora aqui a influência cristã seja facilmente notada, devemos destacar que a criação é feita por “*Padre Dios*”, através da palavra. No Popol Vuh essa criação pela palavra pode ser notada no trecho que segue:

*¡Hágase así! ¡Que se llene el vacío! ¡Que esta agua se retire y desocupe, que surja la tierra y que se afirme! Así dijeron. ¡Que aclare, que amanezca en el cielo y en la tierra! [...] Luego la tierra fue creada por ellos. Así fue en verdad como se hizo la creación de la tierra: - ¡Tierra!, dijeron, y al instante la tierra fue hecha.*

Concluimos que a palavra dita possuía uma grande força para os homens maias, o que pode ser notado também na insistência dos deuses maias em criarem seres que

---

<sup>94</sup> Chilam Balam de Chumayel. Ed. de Antonio Miguel Rivera Dorado. Madri: Dastin, s/d. p. 96.

<sup>95</sup> Idem p. 100.

possam pronunciar seus nomes e os adorar. Essa questão da força da fala e da palavra será abordada adiante nesse trabalho.

Sobre o trecho do Chilam Balam de Chumayel mencionada acima, Miguel Rivera Dorado vai mais além em sua interpretação e afirma que

*No sólo se cruzan en indisoluble enredo voces y conceptos mayas y cristianos, sino que se hace un uso fantástico del latín de la liturgia católica. Mas no todo es confusión, detrás de este aparente embrollo hay una doctrina que poseía coherencia para los mayas ilustrados de la colonia, siquiera en lo que tenía de velo destinado a ocultar antiguas ideas. Porque en los recodos del laberinto y algunos de los graves postulados de la religiosidad prehispánica. Por ejemplo, la palabra gracia es un término ritual empleado para designar a la planta joven del maíz; el ángel, escrito en maya cangel o canhel, es probablemente el apelativo de un espíritu del viento; cuando se citan las piedras puede tratar-se de estelas o monumentos de la antigüedad.<sup>96</sup>*

Observando essa análise de Rivera Dorado, no entanto, acreditamos que são necessárias algumas ressalvas. Embora haja, obviamente, elementos notáveis da cultura maia clássica durante a escrita do Chilam Balam, esse documento é escrito já no século XVII e traz consigo elementos de uma cultura maia colonial, já durante a conquista. Não conseguimos julgar, portanto, quais seriam as características maias pré-colombianas e características cristãs no texto.<sup>97</sup>

Voltando aos deuses que são abordados pelo *Chilam Balam de Chumayel*, tendo sido feita essa observação do parágrafo anterior, voltemos às citações sobre “dios Gran Padre” ou “Padre Dios” e “Nuestro Padre Jesucristo”. Logo no início do manuscrito é dito: “*Nuestro Padre Dios fue el que ordenó esta tierra. El creó todas las cosas del mundo y las ordenó*”, contudo, logo depois é contada a história da luta entre os Treze

---

<sup>96</sup> Introducción. In: *Chilam Balam de Chumayel*. Ed. de Antonio Miguel Rivera Dorado. Madri: Dastin, s/d. p. 100.

<sup>97</sup> Parece-nos um tanto forçoso afirmar que os maias ocultam traços reais de sua cultura por trás “*graves postulados de la religiosidad prehispánica*”. Destacamos aqui que, ao falarmos de história colonial compartilhamos da ideia de Navarrete Linares de que essa integração de elementos cristão e maias não forma uma aculturação ou algo semelhante, mas faz parte de um “cambio cultural pelo qual passaram, que mesmo antes da chegada dos espanhóis não estavam estáticas e imutáveis.” Cf. NAVARRETE LINARES, Federico. *El cambio cultural en las sociedades amerindias: una nueva perspectiva*. Manuscrito cedido pelo autor.

Deuses celestes e os Nove Deuses do inframundo. Isso mostra, que como apontado no capítulo 1 dessa dissertação, o *Chilam Balam de Chumayel* possuiu diversos autores que em momentos distintos agregaram ideias ao documento. Assim, nesse manuscrito há, além da ideia da criação, feita pela interação entre os deuses, outra versão na qual um único deus seria o criador de tudo que existe.

Outro conjunto de deuses mencionado pelo *Chilam Balam de Chumayel* são os “Dioses Escarabajos” ou Deuses Besouros: “*Y entonces vinieron los dioses escarabajos, los deshonestos, los que metieron el pecado entre nosotros, los que eran el lodo de la tierra.*”<sup>98</sup> Esse trecho nos mostra que além de todas as qualidades positivas, existiam também divindades desonestas, que foram responsáveis por influenciar nos “pecados” cometidos pelos homens. Assim, percebemos que existem deuses que possuem características também malévolas. Outro ponto notável nesse trecho é que mais uma vez um deus é nomeado com um nome animal.

Também tratando das características divinas, o *Chilam Balam de Chumayel* menciona reis que eram tratados como deuses. E então nos mostra quais seriam características indispensáveis aos deuses, que esses deuses não tinham: “*Creían que eran dioses, pero tal vez no era dioses. No derramaban semillas, ni llovían agua.*”<sup>99</sup> Portanto, para esse documento, duas das principais características divinas eram: *difundir as sementes e fazer chover.*

Assim, baseando-nos em toda a análise anterior podemos apontar algumas características concernentes aos deuses de acordo com nossas três fontes:

- 1- Na maior parte das vezes em que os deuses são mencionados são mencionados em conjunto, reunidos num mesmo grupo: como é o caso de

---

<sup>98</sup> *Chilam Balam de Chumayel*. Ed. de Antonio Miguel Rivera Dorado. Madri: Dastin, s/d. p. 66.

<sup>99</sup> Idem p. 93.

*Tohil*, *Avilix* e *Hacavitz*, que parecem caminhar juntos, ou os Treze Deuses Celestes, mencionados pelo *Chilam Balam* sempre em conjunto, ou mesmo os Deuses Escarabajos citados logo acima. Ou eles aparecem em pares, como é o exemplo de *Tepeu* e *Gucumatz*.

- 2- As ações desses deuses são decididas e feitas em conjunto, em conciliação. Como é o caso da conferência realizada no *Popol Vuh*, para dar início à criação e das conversas realizadas entre *Tepeu*, *Gucumatz* e *Huracán* para a criação do homem.
- 3- Muitos dos deuses citados nas fontes possuem um nome que faz referência a algum animal ou mesmo a elementos da natureza, como é o caso de *Gucumatz*, de *Zaqui-Nimá-Tziís* (grande pecari braco), de *Avilix* (derivação da palavra andorinha em quiché) e *Hacavitz* (montanha).
- 4- Algumas divindades presentes no *Popol Vuh*, como *Zaqui-Nim-Ac* e *Zaqui-Nimá-Tziís* possuem humildade, esperteza e destreza.
- 5- Os deuses são aqueles que criaram e formaram o homem. Ressaltamos, no entanto, que os homens não nasceram dos deuses, senão foram formados por eles a partir do milho. Tanto no *Popol Vuh* e no *Memorial de Sololá*, quanto no *Chilam Balam de Chumayel*, há a ideia de que os deuses são os criadores.
- 6- No *Popol Vuh*, duas divindades, *Tepeu* e *Gucumatz*, são apresentados como grandes sábios e pensadores, portanto, é uma característica desses deuses em particular, ou talvez de todos os outros, a sabedoria.
- 7- No *Popol Vuh* os deuses possuem glória e riqueza, pois como menciona essa cosmogonia os homens pedem que lhes seja concedido um pouco da glória e da riqueza que os deuses possuem.

- 8- Há uma relação de troca entre deuses e homens, na qual o deus deve garantir a vida e desenvolvimento do povo, e em troca os homens desse povo devem dar o sustento e o alimento na boca desse deus.
- 9- Os deuses possuem um receio de que os homens se assemelhem a eles, por isso a vista do homem se torna nublada, não pode atingir o todo.
- 10- Os deuses protetores não são independentes de suas tribos, precisam ser carregados, protegidos e alimentados.
- 11- Os Bacab são responsáveis pela sustentação do céu, o que indica que esse também é um papel conferido às divindades.
- 12- Em alguns trechos do *Chilam de Balam de Chumayel*, um deus único (Padre Dios) é mostrado como o criador de tudo que existe.

Traçamos aqui essa lista com 12 características principais das divindades para que no último capítulo possamos compará-las às características humanas, afim de encontrar similaridades e disparidades nas características humanas e divinas.

## **2.2 – Entes sobre-humanos**

Pudemos perceber ao longo da análise referente aos deuses, que existem outros seres, que não são deuses, não são homens e não são animais (possuindo características de todos esses seres), que não são descritos pelas fontes de nenhuma maneira específica. Os chamaremos de entes sobre-humanos.

Esses seres estão presentes, principalmente, no *Chilam Balam de Chumayel* e no *Popol Vuh*. Podemos citar como exemplo os heróis gêmeos do *Popol Vuh* e os dias, anjos e gigantes do *Chilam Balam de Chumayel*.

Destacamos que nas fontes analisadas nesse trabalho há, ainda, uma gama de citações de seres não-humanos que não serão aqui trabalhados, como as navalhas que

possuem uma ação durante uma interação com os heróis gêmeos no *Popol Vuh*; como os antepassados cakchiqueles *Saqtekaw* e *Q'aq'avitz*, reis, mas possuíam características sobre humanas (chegam a sobreviver à entrada num vulcão) no *Memorial de Sololá*; ou como as árvores e pedras citadas no *Chilam Balam de Chumayel*.

Todavia, não é nossa intenção nesse trabalho analisar todos esses seres não-humanos que aparecem nas fontes, mas sim, mostrar que existe essa outra categoria de entes, aqui descritos como sobre-humanos. Assim sendo, enumeramos aqui seres sobre-humanos que são tratados pelas fontes de uma maneira mais enfática, como é caso dos heróis gêmeos, para que consigamos descrever, ainda que brevemente, algumas características desses seres.

Dessa forma, tratemos, primeiramente, dos entes sobre-humanos que o *Chilam Balam de Chumayel* nos apresenta.

Dentre os múltiplos não-humanos que essa cosmogonia nos traz, está o Mês<sup>100</sup> que nasce antes da criação de qualquer outro ser: “[...] *cuando no había despertado el mundo antiguamente, nació el Mes, y empezó a caminar solo.*”<sup>101</sup> Isso mostra, que para esses homens responsáveis pela passagem de sua cosmogonia para o papel, antes da criação de qualquer ser, é necessário ser criado o tempo. Apenas após a criação do Mês e dos dias do Mês é que será possível a criação dos demais elementos que formarão o mundo. Além disso, notamos aqui que esse tempo caminha, tem uma ação de um ser, não sendo apenas algo abstrato, mas sim um ser não-humano que possui uma ação nessa fonte como qualquer outro.

Como foi citado nesse mesmo capítulo, ao tratarmos dos deuses, o *Chilam Balam de Chumayel* traz em seu conteúdo outros não-humanos como anjos e gigantes.

---

<sup>100</sup> Miguel Rivera Dorado chama essa parte do nascimento do mês de “*Nacimiento del Uinal*”, Antonio Mediz Bolio nomeia “*Libro del Mes*”. O uinal era o mês maia de 20 dias. O ano maia, chamado Haab, era composto de vinte uinales e cinco dias que sobravam, chamados *uayeb*.

<sup>101</sup> *Chilam Balam de Chumayel*. Ed. de Antonio Miguel Rivera Dorado. Madri: Dastin, s/d. p. 105.

Para Mercedes de la Garza, esses anjos citados na história são, na verdade, seres intermediários entre deuses e homens, por isso o texto os chama de anjos, embora, para ela, pudesse estar falando de deuses.<sup>102</sup>Esses anjos são chamados pela fonte também de

*Espíritus:*

*“Los ángeles, los Espíritus se alzaron mientras eran creadas las estrellas. [...] Entonces en el Primer cielo, Dios el Verbo tenía su Piedra, tenía sujeta su Serpiente, tenía sujeta su Sustancia. Allí estaban suspendidos sus ángeles”<sup>103</sup>*

Portanto, esses anjos estavam presentes na criação do mundo, foram seres que antecederam os demais que viveram na terra, mas não são dados mais detalhes de sua vida ou de suas funções.

Depois de realizada a criação do mundo, serão criados os gigantes, dos quais *Chac* será o primeiro, que nasceu de uma pedra: *“Entró entonces Chac, el gigante, por la grieta de la Piedra. Gigantes fueron entonces todos, en un solo pueblo, los de todas las tierras.”<sup>104</sup>*

Notamos que *Chac* nasce de uma pedra, pedra essa que parece ter sido um dos elementos fundamentais para a criação, já que no trecho citado na página anterior o *“Dios Verbo”*, que fará a criação, dispõe de uma Pedra, de uma Serpente e de uma Substância para a criação. Esse trecho reforça, portanto, a ideia de Manuel Alberto Morales Damián, que afirma que quando são citados elementos como a pedra e a madeira, na verdade, o documento está relacionando os elementos naturais à criação, mostrando que todos esses elementos da natureza têm a sua importância na criação, e todas as criações estão relacionadas entre si.

---

<sup>102</sup> GARZA, Mercedes de la. *El Hombre en el pensamiento religioso Náhuatl y Maya*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1990. P. 32.

<sup>103</sup> *Chilam Balam de Chumayel*. Ed. de Antonio Miguel Rivera Dorado. Madri: Dastin, s/d. p. 99.

<sup>104</sup> *Ibidem* p. 98.

Analisemos, agora, como os esses entes sobre-humanos aparecem retratados no *Popol Vuh*. Começemos por duas famílias que são expostas nessa cosmogonia, a família dos Gêmeos e a família de *Vucub-Caquix* (Sete Papagaio).

Gordon Brotherston<sup>105</sup> define a família dos heróis gêmeos como sendo proto-humana (ou seja, o início das famílias humanas) e define a de *Vucub-Caquix* como uma família ave-ofídio (remetendo às características animais que os mesmos possuem).

Por outro lado, Mercedes de la Garza<sup>106</sup>, ao abordar a essência dos gêmeos, afirma que os mesmos são deuses e essa divindade é revelada quando os mesmos subirem aos céus como Sol e Lua.

Contudo, analisando tais seres, acreditamos que a família dos gêmeos é, na verdade, composta por seres que estariam entre deuses e humanos, possuindo características divinas e humanas, e o mesmo ocorre com a família de *Vucub-Caquix*, que possui habilidades divinas e animais, como será mostrado adiante.

As características físicas dos heróis gêmeos parecem tender muito para o humano, isso pode ser percebido em algumas partes da história como quando o braço de Hunahpú é arrancado por *Vucub-Caquix* (pela descrição é um tipo de braço humano), entretanto quando os gêmeos recuperam esse braço Hunahpú consegue enxertá-lo com sucesso, o que não seria possível caso fosse humano. É mostrado também parte de suas características físicas humanas quando a história os descreve com aparência de homens-peixe, depois que eles são mortos e jogados em um rio pelos Senhores do Xibalbá. E também animais, já que se assemelham a peixes. Ou seja, esses seres possuem características divinas, animais e humanas.

---

<sup>105</sup> BROTHERSTON, Gordon. *Popol Vuh*. Contexto e principios de leitura. In: & MEDEIROS, Sérgio (Ed.) *Popol Vuh*. São Paulo: Illuminuras, 2007, p. 11-37.

<sup>106</sup> GARZA, Mercedes de la. *El Hombre en el pensamiento religioso Náhuatl y Maya*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1990.

A história no *Popol Vuh* dos heróis é iniciada logo após a criação do homem de madeira, dessa forma, para Gordon Brotherston tal história se situa entre a criação do homem de madeira e a criação do homem de milho, pois ao final da história haverá uma interação que será responsável pelo amanhecer no mundo.

A peça em que são apresentados esses entes é iniciada com o orgulho que *Vucub-Caquix* apresenta do ser que é:

*Yo seré grande ahora sobre todos los seres creados y formados. Yo soy el sol, soy la claridad, la luna, exclamó. Grande es mi esplendor. Por mí caminarán y vencerán los hombres. Porque de plata son mis ojos, resplandecientes como piedras preciosas, como esmeraldas; mis dientes brillan como piedras finas, semejantes a la faz del cielo. Mi nariz brilla lejos como la luna, mi trono es de plata y la faz de la tierra se ilumina cuando salgo frente a mi trueno.*<sup>107</sup>

Todavia, embora ele se vangloriasse como grande, o próprio autor do *Popol Vuh* afirma que ele na realidade não era aquilo que se dizia ser.

*Pero en realidad, Vucub-Caquix no era el sol; solamente se vanagloriaba de sus plumas y riquezas. Pero su vista alcanzaba solamente el horizonte y no se extendía sobre todo el mundo. Aún no se veía la cara del sol, ni la luna, ni a las estrellas, y aún no había amanecido. Por esta razón Vucub-Caquix se evanecía como si él fuera el sol y la luna, porque aún no se había manifestado no se ostentaba la claridad del sol y de la luna. Su única ambición era engradecerse y dominar.*<sup>108</sup>

Ou seja, tal ser se vangloriava de suas qualidades e se orgulhava delas, no entanto elas não são reais. Com tal trecho podemos enumerar características desse ser que não parecem ser bem vistas pelo autor do documento: orgulho, vaidade e ambição.

Exatamente por possuir tal orgulho é que os heróis gêmeos, *Hunahpú* (Caçador) e *Ixbalanqué* (Jaguar Veado), decidem que devem acabar com toda a glória de *Vucub-*

---

<sup>107</sup> *PopolVuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1996, p. 33.

<sup>108</sup> *Ibidem* p. 33.

*Caquix*. Segundo o documento esses sim eram verdadeiramente deuses. Então conversando entre si chegam à conclusão de destruir a glória daquele ente.

*-No esta bien que esto sea así, cuando el hombre no vive todavía aquí sobre la tierra. Así, pues, probaremos a tirarle com la cerbatana cuando esté comiendo, le tiraremos y le causaremos enfermedad, y entonces acabarán sus riquezas, sus piedras verdes, sus metales preciosos, sus esmeraldas, sus alhajas de que se enorgullece. Y así lo harán todos los hombres, porque no deben evanecerse por el poder ni la riqueza.<sup>109</sup>*

Logo, para os gêmeos, *Vucub-Caquix* merece perder todas suas riquezas para que no futuro os homens saibam que não devem se envaidecer de suas riquezas. Portanto, a vaidade pelo poder e pela riqueza é vista como uma qualidade desses seres sobre-humanos que deverá ser combatida pelo homem.

Durante a primeira interação entre gêmeos e *Vucub-Caquix*, os gêmeos não conseguem vencê-lo apenas com suas sarabatanas. Eles, então, conseguem a ajuda do casal de deuses, que foi mencionado anteriormente nesse trabalho, *Zaqui-Nimá-Tziís* e *Zaqui-Nim Ac*, e, por fim, derrotarão esse ser que tanto se orgulhava de si mesmo.

Entretanto, *Vucub-Caquix* tinha dois filhos que possuíam o mesmo orgulho do pai e viviam pelo muno destruindo e construindo montanhas, seus nomes eram: *Zipacná* (Jacaré) e *Cabracán* (Dois Perna). *Zipacná* tinha uma força enorme e quando está construindo montanhas encontra os “*cuatrocientos muchachos*” que estão edificando uma casa e resolve os ajudar, contudo os “muchachos” deliberam que esse ser é muito forte e resolvem fazer uma armadilha para o mesmo. Ou seja, aqui aparece uma característica interessante, ser demasiadamente forte também era poderia ser visto como perigo.

---

<sup>109</sup> *PopolVuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1996, p. 34.

Depois de feita a armadilha, *Zipacná* consegue fugir. Encontra os quatrocentos e os mata, e os mesmos se tornam estrelas no céu. Por fim, quando os heróis gêmeos descobrem que *Zipacná* matou os quatrocentos meninos, resolvem se vingar dele. Concluindo, a vingança pode ser vista como algo negativo ou positivo. No caso de *Zipacná*, por já ser identificado como uma entidade malévola, mesmo tendo ajudado os quatrocentos, merece ser morto e sua vingança não é digna, contudo a vingança que os gêmeos fazem é legítima, pois eles são aqueles que conseguem distinguir o que é certo e o que é errado.

Na sequência, os heróis recebem instruções de *Huracán*, para que derrotem o outro filho de *Vucub-Caquix*, *Cabracán*. Nessa instrução percebemos que as divindades mantêm relações diretas com esses entes sobre-humanos. Portanto, eles possuem uma capacidade de se comunicar com os deuses.

Além disso, como mostra a instrução de *Huracán*, as atitudes de *Cabracán* não agradavam esse deus, apontado, novamente, que a exaltação da glória e a riqueza não era bem vista pelos homens dessa sociedade.

*-Que el segundo hijo de Vucub-Caquix sea también vencido, esa es nuestra voluntad. Porque no está bien lo que hace sobre la tierra, exaltando su gloria, su grandeza y su poder, y no debe ser así.*<sup>110</sup>

Por fim, depois que os heróis vencem *Cabracán*, eles são chamados no *Xibalbá*, inframundo, onde conseguem vencer os senhores que haviam matado seus pais. Aqui novamente temos a vingança como algo legítimo e dessa vez é enfatizada a esperteza desses heróis e suas características divinas. Um dos exemplos acontece quando depois de mortos, e já com os ossos moídos e jogados no rio pelos Senhores do *Xibalbá*, os gêmeos voltam a aparecer como homens-peixe. Destacamos novamente, que aqui esses

---

<sup>110</sup> *PopolVuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1996, p. 34.

entes sobre-humanos transformam-se em parte peixe e parte humana, o que alude, novamente, a uma ideia de transmutação que teriam os maias, que para se aproximar das divindades se transformam em animais, como é o caso dos naguales mencionados na parte anterior desse capítulo.

Essa hipótese se torna mais relevante quando percebemos que logo após se transformarem em homens-peixe, os gêmeos se tornam verdadeiros feiticeiros que conseguem matar e ressuscitar seres por onde eles passam. Com essas novas características conseguidas eles conseguem vencer os Senhores do Inframundo e, depois de se lançarem contra uma fogueira, se transformam no Sol e na Lua.

Portanto, percebemos ao longo dessa complexa história, que, de acordo com o Popol Vuh, antes de amanhecer, o mundo estava repleto de outros entes que parecem ter características divinas, animais e humanas ao mesmo tempo. Apenas os heróis gêmeos são descritos como deuses pelo Popol Vuh, embora recebessem ordens de outros deuses. Podemos dizer que os mesmos se inseririam numa outra categoria divina.

Como destacamos anteriormente, Gordon Brotherston<sup>111</sup> afirma que essa narrativa teria ocorrido entre a criação do homem de madeira e a criação do homem de milho, portanto, alguns dos seres que habitam o mundo nesse momento podem ser homens de madeira ou animais, que também já haviam sido criados. É o caso dos irmãos dos heróis gêmeos, que muito provavelmente eram homens de madeira, pois assim como os homens de madeira, eles foram transformados em macacos.

Esses irmãos mais velhos de *Hunahpú* e *Ixbalanqué* são *Hunbatz* e *Hunchouén*, que aparecem na história como seres que se entretinham todo o tempo tocando flauta, cantando, pintando e esculpindo.

---

<sup>111</sup> BROTHERSTON, Gordon. La visión americana de la conquista. IN: PIZARRO, Ana (org.). *América latina: palabra, literatura e cultura*. Vol.I. São Paulo: Memorial; Campinas: Unicamp, 1993.

*Hunbatz y Hunchouén eran grandes músicos y cantores; habían crecido en medio de muchos trabajos y necesidades y pasaron por muchas penas, pero llegaron a ser muy sabios. Eran a un tiempo flautistas, cantores, pintores y talladores; todo lo sabían hacer.*<sup>112</sup>

Contudo, logo que a mãe de *Hunahpú* e *Ixbalaqué* deu a luz a esses heróis, os irmãos mais velhos se encheram de ódio e inveja, tentando inclusive colocar os gêmeos no formigueiro para matá-los. Mas, os heróis gêmeos, depois de muito serem maltratados pelos irmãos e também pela avó resolvem se vingar de seus irmãos mais velhos:

*- Solamente cambiaremos su naturaleza, su apariencia, cúmplase así nuestra palabra, por los muchos sufrimientos que nos han causado. Ellos deseaban que muriésemos, que nos perdiéramos nosotros, sus hermanos menores. En su interior nos tenían como muchachos. Por todo esto los venceremos y daremos un ejemplo.*<sup>113</sup>

Assim, os gêmeos decidem transformar seus irmãos mais velhos em macacos. Portanto, podemos notar aqui que a inveja e a forma como o *Hunbatz* e *Hunchouén* tratavam seus irmãos não era bem vista pelos maias desse período, tampouco a inveja e a soberba eram atributos admiráveis. Pois, segundo manuscrito, embora os irmãos mais velhos fossem sábios e tivessem feito grandes coisas que posteriormente serão lembradas (principalmente serão adorados como mestres das artes), eles mereceram ser convertidos em animais por haverem maltratado seus irmãos e por se tornarem seres cheios de soberba.

*Aquéllos eran invocados por los músicos y los cantores, por las gentes antiguas. Invocábanlos también los pintores y talladores en tiempos pasados.*

---

<sup>112</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1996, p. 64.

<sup>113</sup> *Ibidem* p. 66.

*Pero fueron convertidos en animais y se volvieron monos porque se ensoberbecieron y maltrataron a sus hermanos.*<sup>114</sup>

Notamos que os irmãos são transformados em macacos, assim como os homens de madeira, dos quais trataremos adiante, que também se tornam macacos após a desaprovação dos deuses em relação a essa sua recente criação. Portanto, os macacos, foram criados de maneira diferente da forma pela qual serão criados os demais animais. Os macacos podem ser, portanto, resquícios da idade em que os homens de madeira povoaram o mundo, idade essa, anterior ao humano.

Concluindo, a partir dessa análise, chegamos a algumas características desses seres sobre-humanos que apontam, principalmente, para valores bem vistos ou mal vistos por esses humanos que elaboraram os escritos:

1 – Alguns possuem atributos divinos, humanos e animais, como é o caso dos heróis gêmeos.

2- Veem o orgulho por suas posses e por suas habilidades. A vaidade e a ambição são vistos como qualidades negativas, como no caso de *Vucub-Caquix*, que é notavelmente criticado no *Popol Vuh*.

3- Partes das ações desses seres são realizadas em interação com o outro, como no caso dos gêmeos que sempre discutem qual medida será tomada.

4- A vingança pode ser vista como algo legítimo ou não, dependendo da motivação. Por exemplo, a vingança que *Zipacná* dirige aos quatrocentos “muchachos” não é bem vista, na medida em que ele é um ser orgulhoso de seus atributos; já a vingança que os gêmeos realizam contra seus irmãos e posteriormente contra os senhores do Xibalbá aparece como algo legítimo.

5- O tempo, assim como os demais seres, também nasce e tem uma ação de acordo com o *Chilam Balam de Chumayel*.

---

<sup>114</sup> *PopolVuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1996, p. 69.

6- Esses não-humanos também aparecem relacionados a elementos da natureza, como os Gigantes do *Chilam Balam de Chumayel*, que nascem de uma pedra.

Assim como as informações encontradas no tópico “Deuses”, também usaremos essas características para compará-las ao conjunto de características humanas que separamos no terceiro capítulo, com o intuito de comparar as semelhanças e diferenças entre o humano e o não-humano para os maias.

### **2.3- Animais**

É evidente a presença dos animais e dos seus elementos nos três relatos maias que analisamos nesse trabalho. No *Popol Vuh* e no *Memorial de Sololá*, eles possuem uma maior ação e são citados mais vezes, mas isso não significa que o *Chilam Balam de Chumayel* os deixa de lado.

Nas criações do homem relatadas pelas três cosmogonias há a participação dos animais. Começamos, portanto, com os animais envolvidos na criação do mundo e do homem.

No *Chilam Balam de Chumayel* a serpente aparece como uma das substâncias que pertencem ao “*Dios Verbo*”, esse que em determinado momento é reponsabilizado pela criação de tudo que há no mundo (como foi destacado ao tratarmos dos deuses): “*Entonces en el Primer cielo, Dios el Verbo tenía su Piedra, tenía sujeta su Serpiente, tenía sujeta su Sustancia.*”

Em outro trecho da mesma comogonia, podemos notar que a serpente, além de substância fundamental, é também reponsável pela sustentação da terra, pois, quando os Nove Deuses do Inframundo roubam a serpente, durante a batalha contra os Treze Deuses celestes, a terra acaba afundando.

*Y cuando fue robada la Gran Serpiente, se desplomó el firmamento y hundió la tierra. Entonces los Cuatro dioses, los Cuatro Bacab, lo nivelaron todo. En el momento en que acabó la nivelación, se afirmaron en sus lugares para ordenar los hombres amarillos.*

Assim, de acordo com o *Chilam Balam de Chumayel* a serpente está relacionada à criação e à manutenção da ordem do cosmos.

A serpente é mencionada também no *Memorial de Sololá*, mas nessa cosmogonia aparece ligada, diretamente, à criação do homem, assim como o coiote, o javali, o gavião e a anta:

*Dos animales sabían que existía esa sustancia integrante en el lugar llamado de Paxil, que allí era donde estaban esos animales llamados el Coyote y el Jabalí. En los intestinos se le encontró, al ser muerto el animal muerto coyote, el maíz que entonces se le extrajo. Fue a buscar con que amasarlo el animal llamado gavilan. Y desde el mar fue traída por el gavilán la sangre de la danta y la sangre de la serpiente, que sirvió para lavar y amasar el maíz, con lo cual fue formada la carne de la gente por Tzacol e Bitol.<sup>115</sup>*

Observamos que o sangue da serpente, e também da anta, foi fundamental na criação do homem de milho, pois serviu aqui para lavar e amassar os grãos de milho que entrarão, em seguida, na carne do homem formado.

Além da serpente, é necessário apontar que todos os animais aqui citados auxiliam na criação, pois sem a descoberta do milho com o qual será formado esse homem a criação não teria sido possível. Também no *Popol Vuh* a descoberta do milho é realizada por animais, mas nessa cosmologia os animais que trazem o milho são outros, como trataremos abaixo.

Outra questão notável no trecho do *Memorial Sololá* acima é a ênfase dada pelo tradutor aos dois animais que conheciam o caminho para encontrar o milho “*el Coyote y*

---

<sup>115</sup> *Memorial de Sololá*. Transcrição ao cakchiquel atual e tradução de Simón Otzoy. Guatemala, 1999. P. 156.

*el Jabalí*. Esses animais também estão associados à criação no Popol Vuh, pois o nome do deus *Aj Raxá Tzel* significa Grande Javalí, e o nome de *Hunahpú-Utiú* significa Caçador Coiote. Frisamos, dessa forma, que ao abordar o coiote e o javalí nesse ponto a cosmologia pode estar fazendo uma relação direta àqueles deuses, e também quando o Popol Vuh menciona tais divindades, está se referindo aos animais presentes na criação.

Seguindo com os animais envolvidos na criação, o *Popol Vuh* narra a participação desses não-humanos de maneira distinta:

*Estos son los nombres de los animales que trajeron la comida: Yac [el gato de monte], Utiú [el coyote], Quel [una cotorra vulgarmente llamada chocoyo] y Hoh [el cuervo]. Estos cuatro animales les dieron la noticia de las mazorcas amarillas y las mazorcas blancas, les dijeron que fueran a Paxil y les enseñaron el camino de Paxil. Así encontraron la comida y ésta fue la que entró en la carne del hombre creado, del hombre formado; ésta fue su sangre, de ésta se hizo la sangre del hombre. Así entró el maíz [en la formación del hombre] por obra de los Progenitores.<sup>116</sup>*

Por conseguinte, é evidente também nessa história a participação dos animais para encontrar esse elemento fundamental que formará o humano maia, o milho. Notamos, então, que para essas duas cosmogonias, *Popol Vuh* e *Memorial de Sololá*, o animal é aquele que encontra a substância necessária para a formação do homem. Tais animais cooperam com as divindades para encontrar o milho, divindades essas que no *Popol Vuh* tentaram criar o homem a partir de outras matérias, mas não obtiveram sucesso. Já agora, com a ajuda desses outros seres conseguirão formar o homem tal qual desejavam.<sup>117</sup>

Para Mercedes de La Garza essa relação entre deuses e animais se explica por uma relação que os animais teriam com o mundo da natureza.

---

<sup>116</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1960. P. 103.

<sup>117</sup> As tentativas de criação do homem a partir de outros materiais serão abordados no capítulo seguinte.

*Pertenciendo el mundo de la naturaleza, ajeno al hombre, los animales en la religión maya se asocian a las fuerzas naturales y a los niveles del universo, ámbitos y materializaciones, a la vez, de las fuerzas divinas.*<sup>118</sup>

Ou seja, os animais estariam relacionados à natureza e também aos deuses. Como aponta a autora, há também a relação desses animais com os níveis do universo (a serpente, por exemplo, é responsável pela nivelção da terra, como destacado anteriormente), e com as direções do cosmos, como ocorre no trecho do *Chilam Balam de Chumayel* abaixo:

*Al terminar al arrasamiento se alzaré Chac Imix, Che, la ceiba roja, column del cielo, señal del amanecer del mundo, árbol del Bacab Vertedor, em donde se posará Kan Xib Yuyum, Oropéndola-amarilla-macho. Se alzaré también Sac Imix Che, Ceiba Blanca, al norte; ahí se posará Zac Chic, blanco-remendador, Zenzontle [...] Se alzaré también Ek Imix Che, Ceiba-negra, al poniente[...] allí se posará Ek Tan Picdzoy, Pájaro-de-pecho-negro. Se alzaré también Kan Imix Che, Ceiba-amarilla[...] allí donde se posará Kan Tan Picdzoy, Pájaro-de-pecho-amarillo... Se alzaré también Yaax Imix Che, Ceiba-verde en el centro.*<sup>119</sup>

Dessa forma, em cada uma das ceibas que serão erguidas nas extremidades do universo pousará uma ave, que também será responsável pela manutenção dessa ordem, para que o céu continue suspenso.

Em suma, segundo o *Chilam Balam de Chumayel*, em cada um dos quatro rumos do cosmos haverá um deus (*Bacab*), uma árvore e um pássaro. Essa descrição pode indicar uma relação entre esses três tipos de seres não-humanos (deuses, plantas e animais) para a manutenção do universo no qual o humano habitará.

Saindo do campo da relação dos animais com a criação e com a manutenção da ordem, sigamos com uma análise das características que esses animais apresentam.

---

<sup>118</sup> GARZA, Mercedes de la. *El universo sagrado de la serpiente entre los mayas*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, Centro de Estudios Mayas, 1984. P. 47.

<sup>119</sup> *Chilam Balam de Chumayel*. Ed. de Antonio Miguel Rivera Dorado. Madri: Dastin, s/d. p. 91.

Deve ser destacado, em primeiro lugar, que segundo o *Popol Vuh* a criação dos animais é a primeira a ser realizada.

*Luego hicieron a los animales pequeños del monte, los guardianes de todos los bosques, los genios de montaña, los venados, los pajaros, leones, tigres, serpientes, culebras, cantiles, guardianes e los bejucos.*<sup>120</sup>

É mostrado no texto que são criados múltiplos animais, sendo que a cada espécie é destinada uma moradia. Ou seja, não se trata de uma uniformidade de seres, são criados animais grandes, pequenos, animais que vivem no céu, na terra, na água, e a diferença entre os mesmos pode ser definida pela moradia que é destinada a cada um.

No entanto, após toda a criação, o Criador e o Formador pedem que os animais digam seus nomes e os invoquem, e esses não conseguem se manifestar em uma única linguagem.

*No se pudo conseguir que hablaran como los hombres; sólo chillaban, cacareaban y graznaban; no se manifestó la forma de su lenguaje, y cada uno gritaba de manera diferente.*<sup>121</sup>

Ao analisarmos esse parágrafo, percebemos que os animais possuíam sim formas de se manifestar, mas não uma linguagem unificada. Ou seja, possuíam formas de se comunicar, mas, mesmo por se tratar de seres distintos um dos outros, cada qual se manifestava de uma maneira. Portanto, a questão que se desponta aqui não é a falta de comunicação dos animais, mas sim a falta de uniformidade na fala, sem que fosse possível pronunciarem o nome de seus criadores. Inclusive, como será apontado nos parágrafos seguintes, os animais mantêm diálogos uns com os outros e inclusive com outros seres na história e com os próprios deuses, o que confirma a ideia que de os mesmos possuíam linguagem, mas não uma uniformidade na mesma.

---

<sup>120</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1960. P. 103. p. 25.

<sup>121</sup> *Ibidem*. p. 26.

Contudo, por não conseguirem pronunciar num único som e de maneira uniforme o nome de seu Criador e Formador, os animais “ *fueron condenados a ser comidos y matados los animales que existen sobre la faz de la tierra.*”<sup>122</sup>

Embora logo após a criação dos animais, os deuses iniciassem a criação de outros seres que possam adorá-los, possuindo uma única linguagem, os animais aparecem por toda a narrativa. A relevância dada ao papel desses animais no *Popol Vuh*, como o auxílio aos deuses para encontrar o milho, aponta para uma relação desses seres não-humanos com os humanos e os deuses.

Em muitas passagens do *Popol Vuh* os animais aparecem como seres conscientes e interagindo com os humanos e com outros não-humanos, como aqueles que são chamados de entes sobre-humanos por nosso trabalho.

Uma dessas passagens se dá quando os deuses do inframundo resolvem chamar os dois jovens gêmeos para jogar bola no inframundo, pois os mesmos viviam na superfície atormentando os Senhores do Inframundo com seus jogos de bola. Todavia o mensageiro dos Senhores do Inframundo consegue dar o recado do chamado apenas à avó dos gêmeos, essa pedirá a um piolho que dê o recado aos seus netos. O piolho por sua vez receberá o apoio de um sapo, que o engolirá para que eles possam chegar mais rápido ao destino.

- *Hijo mío, ¿te gustaría que te mandara a fueras a llamar a mis nietos al juego de pelota?, le dijo al piojo. “Han llegado mensajeros ante vuestra abuela”, dirás; “que vengan dentro de siete días, que vengan dicen los mensajeros del Xibalbá; así lo manda decir vuestra abuela”, le dijo ésta al piojo.*

*Al punto se fue el piojo contoneándose. Y estaba sentado en el camino un muchacho llamado Tamazul, o sea el sapo.*

- *¿A dónde vas? le dijo el sapo al piojo.*

- *Llevo un mandado en mi vientre, voy a buscar a los muchachos, le contestó el piojo al Tamazul.*

- *Esta bien, pero veo que no te das prisa, le dijo el sapo al piojo. ¿No quieres que te trague? Ya verás cómo corro yo, y así llegaremos rápidamente.*<sup>123</sup>

---

<sup>122</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, [1960]. p.27.

Continuando a narração, o sapo encontrará pelo caminho uma cobra que também o ajudará da mesma forma, e também a cobra terá o auxílio de um gavião para chegar ao seu destino. De tal modo, quando esses animais encontram os gêmeos cada um vomitará o outro para que o piolho possa dar o recado.

É conveniente a atenção a essa passagem, pois aponta para o diálogo que esses animais possuem entre si e com esses outros seres que são a avó (que como já foi dito na parte anterior do capítulo é a divindade *Ixmucané*) e os gêmeos (entes sobre-humanos). Assim, os animais mantêm um diálogo nessa passagem entre si, com uma divindade e com outra categoria de não-humanos, que são os heróis gêmeos. Ou seja, os animais podem se comunicar entre si e com outros seres, portanto, possuem uma língua, possuem uma forma de comunicação. Também o Memorial de Sololá menciona o fato dos animais terem sua própria linguagem, ao afirmar que uma determinada tribo falava apenas a língua dos pássaros: “*En seguida descendieron a Chol Amaq’ Suq’itam, en verdad el lenguaje de allí era difícil, pues era los mismo que hablabán los pájaros.*”<sup>124</sup>

Outra passagem que menciona os animais aparece quando os homens já formados veem o primeiro nascer do sol.

*Inmediatamente después se convirtieron en piedra Tohil, Avilix y Hacavitz, junto con los seres deificados, el león, el tigre, la culebra, el cantil e el duende. Sus brazos se prendieron de los árboles cuando aparecieron el sol, la luna y las estrellas. Todos se convirtieron igualmente en piedras. Tal vez no estaríamos vivos nosotros hoy día a causa de los animales voraces, el leon, el tigre, la culebra, el cantil e el duende; quizás no existiría ahora nuestra gloria si los primeros animales no se hubieran vuelto en piedra por obra del sol.*<sup>125</sup>

---

<sup>123</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1960. p.76.

<sup>124</sup> *Memorial de Sololá / Anales de los Cakchiqueles*. Tradução do maia, introdução e notas Adrián Recinos. Mexico & Buenos Aires: FCE, 1948. P. 161.

<sup>125</sup> Op. cit., 1960. p.122.

Essa passagem mostra, primeiramente, que alguns animais são transformados em pedra assim como as divindades *Tohil, Avilix e Hacavitz*. Portanto, o documento cita que alguns animais são seres deificados, o que indica, novamente, uma relação de proximidade entre deuses e animais, como foi apontado anteriormente. Destaca-se, ainda, que nesse trecho, a vida dos primeiros humanos não teria sido possível se os animais vorazes não tivessem se transformado em pedras. A partir dessa transformação a vida dos humanos segue, tendo eles construído sua glória, como aponta o trecho.

Michela Craveri<sup>126</sup> destaca que no *Popol Vuh* a função dos animais é representar uma ponte de comunicação entre os homens e os deuses. Como foi visto, os animais trabalharam com os deuses para a formação dos homens, desempenhando um papel fundamental na consecução do equilíbrio cósmico, ou seja, os animais ajudaram na criação daqueles que adorarão os deuses, e os deuses por sua vez seguem dando condições de vida a todos os seres que habitam esse mundo.

Mercedes de La Garza<sup>127</sup> numa de suas obras, na qual Michela Craveri parece ter se apoiado para chegar a tal conclusão, aponta que:

*[...] los animales son para los mayas demiurgos o intermediarios entre los dioses y los hombres, los seres en los cuales el hombre puede proyectar su espíritu para llegar hasta sus dioses, que habitan en ese mundo natural sagrado ajeno al hombre.”*

Para chegar a tal conclusão, Mercedes de La Garza se apoia, principalmente, no caso do rei *Gucumatz* que se transforma em animais para que possa entrar em caminhar através dos níveis do cosmos.

---

<sup>126</sup> CRAVERI, Michela. *El lenguaje del mito: voces, formas y estructura del Popol Vuh*. México: Universidad Autónoma de México, 2012. P. 127.

<sup>127</sup> GARZA, Mercedes de la. *El universo sagrado de la serpiente entre los mayas*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, Centro de Estudios Mayas, 1984. P. 76

*Verdaderamente Gucumatz era un rey prodigioso. Siete días subía al cielo y siete días caminaba para descender al Xibalbá; siete días se convertía e, culebra y verdaderamente se volvía serpiente; siete días se convertía en tigre: verdaderamente su apariencia era de águila y de tigre. Otros siete días se convertía en sangre coagulada y solamente era sangre en reposo.*<sup>128</sup>

Portanto, concordamos com a autora ao afirmar que os animais são um elo entre homens e deuses, uma forma pela qual alguns homens (no caso naguales) podem chegar até outros níveis do universo.

Dessa forma, além de afirmarmos que tais não-humanos possuem seus papéis para a configuração e manutenção do cosmos, eles podem ser vistos como aqueles que mediam a relação entre deuses e humanos.

Portanto, com essa análise de nossas fontes podemos chegar às seguintes conclusões sobre os animais<sup>129</sup>:

- 1- Os animais estão presentes na criação do homem. No *Chilam Balam de Chumayel* é apontado que um animal específico é um dos elementos da criação, no caso a serpente. No *Popol Vuh* e no *Memorial de Sololá* os animais se despontam como os responsáveis por encontrar a matéria com a qual será formada a carne do homem.
- 2- Os animais também são responsáveis pela manutenção da ordem do cosmos (assim como os deuses o são, como foi mencionado na primeira parte do capítulo). O *Chilam Balam de Chumayel* aborda essa questão em duas partes: uma quando a serpente que sustenta a terra é roubada e por tal razão o mundo se desfaz; outra quando são nomeadas as aves que se fixarão nos quatro rumos do universo, cada qual pousada sobre uma ceiba, sendo

---

<sup>128</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1960. P. 150.

<sup>129</sup> As conclusões aqui encontradas dizem respeito às três fontes analisadas nesse trabalho, mas não às três em conjunto. Cada um dessas qualidades dos animais é apontada em determinado trecho de uma fonte, existindo semelhanças aqui apontadas, como é caso do papel do animal em encontrar o milho, que é afirmado tanto pelo *Popol Vuh* quanto pelo *Memorial de Sololá*.

responsáveis, assim como os *Bacab* e como as ceibas, pela manutenção da ordem.

- 3- No *Popol Vuh* os animais foram a primeira tentativa dos deuses em criar um ser que os alimentasse e os adorasse. Portanto, para tal cosmogonia, o animal é uma espécie de antecessor do homem, assim como os homens que são criados de outros materiais, como o homem de barro e o homem de madeira.
- 4- Os animais mantêm relações com deuses, entes sobre-humanos e homens. No *Popol Vuh* e no *Memorial do Sololá* os animais se comunicam com os deuses para informá-los sobre a região na qual o milho será encontrado. No *Popol Vuh* os animais se comunicam com os heróis gêmeos, inclusive auxiliando-os em alguns momentos. E, por último, no *Memorial de Sololá* os animais se comunicam com os homens que estão em migração, como é o caso da coruja e do periquito que afirmam que estão ali, pois são um mal prognóstico do que está por vir.<sup>130</sup>
- 5- Os animais possuem uma linguagem, mas não unificada. No *Popol Vuh*, após a criação dos animais, é apontado que os mesmos não podiam falar, não podiam pronunciar o nome de seus deuses. Todavia, ao longo da história percebemos que tal impedimento é em relação ao pronunciar do nome dos deuses, não de uma falta de linguagem. Como aponta o *Memorial de Sololá* e o *Popol Vuh* os animais se comunicam entre si e também com deuses, entes sobre-humanos e humanos, possuindo, portanto uma linguagem.
- 6- Os animais são aqueles cuja carne alimentará os homens. O *Popol Vuh* menciona que após a percepção, por parte dos deuses, de que esses animais

---

<sup>130</sup> *Memorial de Sololá / Anales de los Cakchiqueles*. Tradução do maia, introdução e notas Adrián Recinos. Mexico & Buenos Aires: FCE, 1948. P. 153.

não poderiam pronunciar seus nomes tampouco adorá-los, os mesmos são condenados a serem mortos e se tornarem alimentos dos homens.

- 7- Os animais são responsáveis pela mediação da relação entre deuses e homens e pelo acesso de alguns homens a outras camadas do cosmos. Como apontado pelo *Popol Vuh*, o rei *Gucumatz* pode se transformar em alguns animais para que possa chegar a outros níveis, como descer ao *Xibalbá* ou subir ao céu.
- 8- O tópico acima mostra que os animais possuem essa qualidade de se movimentar através das camadas do cosmos, pois esse rei mencionado no *Popol Vuh*, *Gucumatz*, precisa se transformar em alguns animais para que consiga ter tal capacidade de se movimentar entre os níveis do universo.

Temos aqui, portanto, algumas características fundamentais que pudemos notar nas fontes analisadas nesse trabalho. Assim como as demais qualidades e atributos dos deuses e dos entes sobre-humanos, separamos tais tópicos para que possamos comparar tais seres aos humanos no capítulo 3, para que possamos notar as disparidades e semelhanças e assim chegar mais perto da concepção de humano nessas histórias e cosmogonias maias coloniais.

## CAPÍTULO 3 - O HUMANO MAIA, SUAS CARACTERÍSTICAS E

### ATRIBUTOS

*Hemos sido creados, se nos ha dado una boca y una cara, hablamos, oímos, pensamos y andamos; sentimos perfectamente y conocemos lo que está lejos y lo que está cerca. Vemos también lo grande y lo pequeño en el cielo y en la tierra. Os damos gracias, pues, por habernos creado, ¡oh abuela nuestra!, ¡oh nuestro abuelo!, dijeron dando gracias por su creación y formación.<sup>131</sup>*

Ao tratarmos da concepção de humano para os maias, entramos em um amplo debate sobre o que seria esse humano e sobre como distingui-lo dos demais seres que habitam o cosmos. As histórias e cosmogonias retratam esse humano de várias formas, sendo que, em algumas dessas histórias, o humano não possui o papel central da narrativa, como é o caso do *Chilam Balam de Chumayel*, cujo principal intuito parece ser definir como está constituindo o cosmos no qual diversos seres habitam, dentre eles o humano.

Muito embora o humano não seja sempre o tema principal das histórias maias, todas passam por suas características de alguma forma. Esse é o caso das três cosmogonias aqui analisadas.

Até agora notamos que o universo maia está povoado por diversos outros seres, com os quais o humano mantém relações. Mas quais são essas relações? Qual seria, por exemplo, a distância das qualidades de um animal para um humano? O que diferencia o humano dos demais seres que habitam o cosmos?

Foi a partir dessas perguntas que construímos essa pesquisa. Com o objetivo de analisar a concepção de humano para os maias, deparamo-nos com todo um universo habitado por diversos seres, cada qual com suas qualidades e atributos. Todavia, conforme explicitamos na introdução, podemos notar que a concepção de pessoa para os

---

<sup>131</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1960. P. 106.

maias é diferente da nossa. Tendo em vista que, de acordo com Marcel Mauss<sup>132</sup>, a concepção de pessoa é algo socialmente construído (o homem se torna uma pessoa na medida em que ele assume uma identidade social, toma sua máscara social para si), não estariam esses outros seres englobados na concepção de pessoa para os maias?

Para que ao fim dessa pesquisa consigamos responder, ao menos parte do questionamento do parágrafo anterior, torna-se necessário, primeiramente, analisar como o humano aparece nos relatos maias coloniais, e então, numa segunda parte desse capítulo faremos uma comparação entre os atributos humanos e os atributos dos demais seres que povoam o cosmos, conforme analisado no capítulo anterior, para, finalmente, chegarmos às ideias maias acerca do humano.

Ressaltamos que não é nosso objetivo esgotar as características humanas maias presentes nas cosmogonias analisadas, senão analisar as características particulares às quais as histórias se detêm um maior tempo, atribuindo maior ênfase. Portanto, analisaremos as qualidades que possam ser comparadas às características dos demais seres que os mesmos relatos nos apresentam, como também os atributos que podem ser percebidos por meio das ações dos homens.

### **3.1- O humano nas histórias e cosmogonias maias coloniais**

Abordando os humanos nas histórias e cosmogonias maias, vemos, primeiramente, como a criação do humano aparece em cada um dos três relatos analisados pela presente pesquisa.

Dentre as fontes analisadas pelo nosso trabalho, a cosmogonia que se refere mais brevemente à criação do humano é o *Chilam Balam de Chumayel*. Ao narrar a criação, o principal foco dessa história é mostrar a reordenação do mundo após a catástrofe

---

<sup>132</sup> MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

causada pela batalha entre os Treze Deuses e os Nove Deuses. Isso aponta para um maior cuidado que essa fonte das terras baixas tem com o relato sobre como o cosmos estava ordenado. Portanto, para essa cosmogonia, especificamente, existe uma acuidade maior dada à ordenação do cosmos em detrimento do próprio papel do homem no cosmos, que seria apenas um dos seres que habita esse mundo.

Ao falar do homem amarelo, o autor do *Chilam Balam de Chumayel* parece enxergar a prioridade em falar de como estava o cosmos e como em cada um dos quatro pontos cardinais foi erguida uma ceiba, como em cada uma dessas árvores pousará uma ave; e só então serão ouvidos os primeiros passos do homem amarelo.

*Y se levantó el Primer Árbol Blanco, en el Norte. Y se levantó el arco del cielo, señal de la destrucción de abajo. Cuando estuvo alzado el Primer Árbol Blanco, se levantó el Primer Árbol Negro, y en él se posó el pájaro de pecho negro. Y se levantó el Primer Árbol Amarillo, y el señal de la destrucción de abajo, se posó el pájaro de pecho amarillo. Y se oyeron los pasos de los hombres amarillos, los de semblante amarillo.*<sup>133</sup>

Assim, no *Chilam Balam de Chumayel*, da mesma forma que é apenas citado o ordenamento dos homens amarelos: “*En el momento que acabó la nivelación, se firmaron en sus lugares para ordenar a los hombres amarillos*”<sup>134</sup>, é também apenas citado o nascimento de outros seres, como o Uinal (Mês): “[...]cuando no había despertado el mundo antiguamente, nació el Mês y empezó a caminar solo”<sup>135</sup>; e como os anjos: “*Y se levantarón las palabras de su divinidad y nació su ángel*”<sup>136</sup>.

Portanto, tais trechos indicam que a criação do homem amarelo não é mais importante que as outras, e, indica ainda que, para aqueles que escreveram tal fonte, era mais relevante descrever como estava constituindo o cosmos, como estava a ordenação

---

<sup>133</sup> *Chilam Balam de Chumayel*. Ed. de Antonio Miguel Rivera Dorado. Madri: Dastin, s/d. p. 92.

<sup>134</sup> *Ibidem* p. 91.

<sup>135</sup> *Ibidem* p. 105.

<sup>136</sup> *Ibidem* p. 97.

do tempo, e como toda essa organização do cosmos está feita, já que todos os seres habitam o mesmo cosmos.

Além disso, segundo o *Chilam Balam de Chumayel*, muitas humanidades distintas habitaram esse mesmo espaço. O primeiro tipo de humanidade, que teria habitado esse mundo recém-ordenado, seriam os gigantes. A história cita: “*Entró entonces Chac, el Gigantes, por la grieta de la Piedra. Gigantes fueron entonces todos, en un solo pueblo, los de todas las tierras.*”<sup>137</sup> Assim, a história destaca que, após a criação de Chac, foram criados outros gigantes, e todos, a partir daqui, foram gigantes.

O *Chilam Balam* menciona, ainda, outra humanidade ao falar dos homens criados a partir da terra e da água, ou seja, de barro: “*En el Trece Akbal sucedió que tomó agua y humedeció la tierra y labró el cuerpo del hombre.*”<sup>138</sup>. Dessa forma, concluímos que, segundo o *Chilam Balam de Chumayel*, o mundo foi habitado por diferentes humanidades, existiram formas diferentes de humano.

Ainda tratando da criação do homem no *Chilam Balam de Chumayel*, Mercedes de La Garza também nota o quão pouco é falado sobre o tema no *Chilam Balam de Chumayel* bem como nos demais *Chilam Balam*.

[...] por lo que no nos queda más que reconocer que las ideas de los mayas de Yucatán sobre el origen del hombre permanecen para nosotros en bastante oscuridad, y sólo por las coincidencias de la cosmogonía de los Libros de Chilam Balam con [...] la cosmogonía del Popol Vuh podemos tener una idea de la conceptualización que del mundo y el hombre tuvieron los mayas de Yucatán.<sup>139</sup>

Portanto, em relação à criação do homem propriamente dita, de acordo com o *Chilam Balam de Chumayel*, o humano, muito provavelmente, também foi formado de

---

<sup>137</sup> *Chilam Balam de Chumayel*. Ed. de Antonio Miguel Rivera Dorado. Madri: Dastin, s/d. p. 98.

<sup>138</sup> *Ibidem* p. 106.

<sup>139</sup> GARZA, Mercedes de la. *El Hombre en el pensamiento religioso Náhuatl y Maya*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1990. P. 36.

milho, já que o documento fala em homens amarelos; e, além disso, trata-se de uma criação abordada com o mesmo tempo e valor atribuído às demais, ou seja, o homem não desponta como a principal criação citada no documento. Acrescentamos também, que para essa cosmogonia, existiram várias humanidades nesse mesmo mundo habitado pelo homem. Existiram, anteriormente, humanidades que possuíam características físicas diferentes, e nasceram de uma forma distinta, como os Gigantes, que parecem ser propriamente gigantes, que nasceram de uma pedra; e também existem humanidades criadas a partir de elementos distintos do milho, como o homem criado a partir do barro.

Continuemos com a criação do homem nas demais fontes do nosso trabalho. O *Memorial de Sololá* também dedica um número menor de parágrafos, se comparado ao *Popol Vuh*, à narração da criação do homem. Nessa cosmogonia o homem será formado por *Tzacol* e *Bitol*, com o milho que será trazido por dois animais: o coioote e o javali.

*Para proveer alimento a la Piedra de Obsidiana se hizo al hombre en el sufrimiento. Mientras no se había perfeccionado al hombre, se alimentó de plantas, se alimentó de hojas; solamente lo de la tierra requirió para sí. “No podía hablar, no podía caminar, no tenía sangre, no tenía carne, tal era lo que decían nuestros primeros padres y antecesores” ¡oh hijos míos! No se sabía qué cosa debía integrarlo, se tardó mucho en descubrir la sustancia que debía integrarlo. Dos animales sabían que existía esa sustancia integrante en el lugar llamado de Paxil, que allí era donde estaban esos dos animales llamados el Coyote y el Jabalí. En los intestinos se le encontró, al ser muerto el animal coyote, el maíz que entonces se le extrajo. Fue a buscar con que amasarlo el animal llamado gavilán. Y desde el mar fue traída por el gavilán el sangre de la danta y la sangre de la serpiente, que sirvió para lavar y amasar el maíz, con lo cual fue formada la carne de la gente por Tzacol y Bitol.*<sup>140</sup>

Esse trecho da cosmogonia cakchiquel afirma que o homem foi feito para prover alimento à “*Piedra de Obsidiana*”<sup>141</sup>, e que, antes dos criadores conhecerem a

---

<sup>140</sup> *Memorial de Sololá / Anales de los Cakchiqueles*. Tradução do maia, introdução e notas Adrián Recinos. Mexico & Buenos Aires: FCE, 1948. P. 156.

<sup>141</sup> De acordo com o Memorial de Sololá a pedra de obsidiana teria sido criada pelos deuses formadores do mundo, sendo algo que continha uma essência divina, à qual os homens renderão culto depois de formados. Portanto, ao falar aqui na pedra de obsidiana, é possível que o documento esteja se referindo aos deuses criadores.

substância que entraria na carne do homem, o homem não podia falar, não podia caminhar, não tinha sangue e não tinha carne. Ou seja, para os cakchiqueles esses atributos se despontam como alguns daqueles que o humano futuramente formado apresentaria: a capacidade de falar, capacidade de caminhar e um corpo provido de carne e sangue.

Esse corpo do homem, que parece ainda não possuir as características necessárias, será constituído do material encontrado por dois animais, o coiote e o javali, sendo que o milho é extraído do corpo de um coiote morto. Em seguida, como cita o trecho acima, um terceiro animal é o responsável por encontrar com o que amassar esses grãos de milho. O gavião, que trará consigo o sangue de outros dois outros animais, a serpente e a anta, com o qual serão amassados e lavados os grãos que formarão a carne do homem.

Notamos, portanto, que, como apontamos no capítulo anterior, os animais tem grande participação na formação do homem. Todo o trabalho relativo ao milho é feito por animais, sendo que o milho é, até mesmo, lavado e amassado com o sangue desses animais, e, apenas após todo esse trabalho, *Tzacol* e *Bitol* serão os responsáveis por formar a carne do homem com esse elemento encontrado.

Também o *Popol Vuh* refere-se ao homem criado a partir do milho. Entretanto, antes de chegar à criação do homem de milho em si, essa história narra as demais tentativas de criação feitas pelos criadores e formadores do homem.

Como mostrado no capítulo anterior, a primeira tentativa de criação, depois que as montanhas e os vales já estavam formados, é a dos animais. Todavia, “*no se pudo conseguir que hablaran como los hombres*”<sup>142</sup>. Tais animais não possuíam uma linguagem única. Por esse motivo o criador e o formador afirmam que os animais não

---

<sup>142</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1960. P. 26.

poderiam adorá-los, tampouco invocá-los e decidem iniciar a criação de outros seres que possam realizar tais ações.

*[...] no se há podido lograr que nos adóreis ni nos invoquéis. Todavía hay quienes nos adoren, haremos otros [seres] que sean obedientes. [...] Así pues, hubo que hacer una nueva tentativa de crear y formar al hombre por el Creador, el Formador y los Progenitores.*<sup>143</sup>

Portanto, partindo dessa primeira tentativa de criação, podemos perceber que os criadores visavam formar um ser que pudesse povoar a terra, mas, que também se lembrasse de quem os criou e que pudesse falar o nome daqueles deuses criadores.

Como citado no capítulo anterior, essa atitude dos deuses não nos parece, apenas uma questão de necessidade, como é afirmado por muitos estudiosos da região maia, como Michela Craveri<sup>144</sup> e Eric Thompson<sup>145</sup>. Acreditamos que os seres criadores estão em busca, também, de glória na sua criação, e, para glorificá-los é necessária a existência de um ser que possa lembrar-se de seus criadores. Por isso a criação do homem.

Fica claro, através do *Memorial de Sololá* e do *Popol Vuh*, que o homem será criado também para alimentar e sustentar seus deuses, como menciona o *Memorial de Sololá*: “Para proveer alimento a la Piedra de Obsidiana se hizo al hombre”<sup>146</sup>, e também o *Popol Vuh*: “Probemos ahora a hacer unos seres obedientes, respetuosos, que nos sustenten y alimenten”<sup>147</sup>. Porém, alimentar os deuses não parece ser o objetivo único da criação, por isso a necessidade de destacar nesse trabalho o desejo desses deuses em criar seres que glorifiquem a magnitude de sua criação.

---

<sup>143</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1960. P. 27.

<sup>144</sup> CRAVERI, Michela. *El lenguaje del mito: voces, formas y estructura del Popol Vuh*. México: Universidad Autónoma de México, 2012.

<sup>145</sup> THOMPSON, John Eric Sidney. *Historia y religión de los mayas*. México: Siglo Veintiuno, 1986.

<sup>146</sup> *Memorial de Sololá / Anales de los Cakchiqueles*. Tradução do maia, introdução e notas Adrián Recinos. Mexico & Buenos Aires: FCE, 1948. P. 156.

<sup>147</sup> Op. cit., 1960. P. 27.

Assim, voltando à criação dos animais, a partir da insatisfação dos deuses para com os animais recém-criados, notamos algumas características do homem, como a obediência aos seus deuses e certa uniformidade na fala. Esse homem começa a ser delineado antes mesmo de ser criado. Ao que nos parece, ao longo das criações no *Popol Vuh* é que os deuses vão percebendo as características necessárias para esse ser que será criado adiante, cujo autor adianta que será o homem. Portanto, o homem é aquele último ser criado, que atende àquilo que procuravam os formadores ao iniciarem a criação.

No princípio da criação, por exemplo, quando *Tepeu* e *Gucumatz* conferenciam sobre sua criação, os mesmos destacam que: “*No habrá gloria ni grandeza en nuestra creación y formación hasta que exista la criatura humana*”<sup>148</sup>. Portanto, os criadores estão decididos, desde o início, que deveriam criar o humano. Contudo, criam primeiramente os animais e percebem que essa criação não atende àquilo que haviam imaginado *a priori*. Como os animais não podem pronunciar seus nomes numa única linguagem, não podendo adorá-los, decidem criar outros seres.

Destacamos que, ao iniciar outra criação, os deuses afirmam que farão seres obedientes e respeitosos. Sendo o humano a última criação, depois da qual não será necessária nenhuma outra, o humano possui tais características, a obediência, respeito perante seus criadores e uma linguagem que os permite pronunciar os nomes de seus deuses.

Em seguida, com o objetivo de criar tais seres obedientes, os formadores criam o homem feito a partir da terra. O *Chilam Balam de Chumayel*, como mencionamos também anteriormente, aponta para tal criação ao narrar o nascimento do Mês (*Uinal*). Essa cosmogonia cita que:

---

<sup>148</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1960. P. 24.

*En el Trece Akbal sucedió que tomó água y humedeció la tierra y labró el cuerpo del hombre.*

*En el Uno Kan sucedió que se rompió su ánimo por lo malo que había creado.<sup>149</sup>*

Ou seja, tal documento aponta que logo depois que o homem de barro foi criado, o mesmo acabou sendo destruído. O *Popol Vuh* cita a criação desse homem de barro e também o seu fim, mas destaca algumas características desse ser criado, características essas que nos apontam para as qualidades do humano que será criado posteriormente.

*Pero vieron que no estaba bien, porque se deshacía, estaba blando, no tenía movimiento, no tenía fuerza, se caía, estaba aguado, no movía la cabeza, la cara se le iba para un lado, tenía velada la vista, no podía ver hacia atrás. Al principio hablaba, pero no tenía entendimiento. Rápidamente se humedeció dentro del agua y no se pudo sostener. Y dijeron el Creador y el Formador. Bien se ve que no puede andar ni multiplicarse.<sup>150</sup>*

Deste modo, são características que pertencerão ao humano: o corpo firme, o movimento no corpo e na cabeça, a força, o rosto fixo, a boa visão, o caminhar e a reprodução.

Na penúltima tentativa, os deuses criam o homem a partir de madeira, que no *Popol Vuh* são chamados de bonecos de pau.

*Y al instante fueron hechos los muñecos labrados de madera. Se parecían al hombre, hablaban como el hombre y poblaron la superficie de la tierra. Existieron y se multiplicaron; tuvieron hijas, tuvieron hijos los muñecos de palo; pero no tenían alma, ni entendimiento, no se acordaban de su Creador, de su Formador; caminaban sin rumbo y andaban a gatas. Ya no se acordaban del Corazón del Cielo y por eso cayeron en desgracia. Fue solamente un ensayo, un intento de hacer hombres. Hablaban al principio, pero su cara estaba enjuta; sus pies y sus manos no tenían consistencia; no tenían sangre, ni sustancia, ni humedad, ni gordura; sus mejillas estaban secas, secos sus pies y sus manos, y amarillas sus carnes.<sup>151</sup>*

---

<sup>149</sup> *Chilam Balam de Chumayel*. Ed. de Antonio Miguel Rivera Dorado. Madri: Dastin, s/d. p. 106.

<sup>150</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1960. P. 28.

<sup>151</sup> *Ibidem*, P. 30.

Notamos, dessa forma, que nesse trecho são descritas as características do homem de madeira, e, assim como no caso do homem de barro, a partir delas observamos qualidades que o humano futuramente criado possuirá. Portanto, o humano terá a capacidade da fala, da reprodução, terá alma, terá entendimento, se recordará de seus criadores e formadores, caminhará com uma direção certa, caminhará ereto, terá mãos e pés firmes, terá sangue, terá umidade e terá gordura. Ou seja, o humano que será criado adiante tem características corporais que se situam entre o homem de barro e o homem de madeira. O humano não será tão brando quando o homem de barro, tampouco tão seco quanto o homem de madeira, terá umidade, mas ao mesmo tempo os pés e mãos firmes.

Após a percepção de que os homens de madeira não possuíam todas as características que os criadores e formadores buscavam, os mesmos iniciaram um novo intento e, com a ajuda dos animais, encontrarão o material que entrará na carne do homem maia, o milho.

Já apontamos nesse trabalho que os animais serão fundamentais na criação do homem de milho, na medida em que são eles que encontram o milho, e, no *Memorial de Sololá*, encontrarão também sangue animal para lavar e amassar os grãos de milho.

No *Popol Vuh*, após os animais ensinarem o caminho até o milho (nota-se que no *Memorial de Sololá* os animais levam o milho e no *Popol Vuh* os animais ensinam o caminho até tal alimento), *Ixmucané* amassará os grãos com os quais será feito o homem por *Tepeu* e *Gucumatz*.

*De maíz amarillo y de maíz blanco se hizo su carne; de masa de maíz se hicieron los brazos y las piernas del hombre. Únicamente masa de maíz entró en la carne de nuestros padres, los cuatro hombres que fueron creados.*<sup>152</sup>

---

<sup>152</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1960. P. 104.

Nota-se que nesse trecho aparecem dois elementos importantes para o corpo do homem, os braços e as pernas do homem. Elementos esses que são repetidos em outras partes do documento. Como destacado no trecho sobre os homens de madeira, um dos elementos que aparecem naquele trecho é que os pés e as mãos dos homens de madeira não tinham consistência. Ou seja, o homem formado a partir do milho possui como uma qualidade que o difere dos outros seres, pernas, pés, braços e pernas.

Segundo Michela Craveri<sup>153</sup>, o corpo do homem criado de milho, que possui mobilidade, braços, mãos, pernas e pés, tem a capacidade de atuar no mundo através do trabalho. As pernas e os braços dão ao corpo suas faculdades dinâmicas.

Outro trecho que alude às capacidades corporais humanas, no qual também são citados os braços e pernas, aparece no *Popol Vuh* quando os quichés travam uma guerra contra o inimigo, que será derrotado com o auxílio de vespas e marimbondos: “*Y así perecieron los guerreros a causa de los insectos que les mordían las niñas de los ojos, y se les prendían las narices, la boca, las piernas y los brazos.*”<sup>154</sup>

Observamos nesse trecho que os insetos atacaram exatamente os meios pelos quais os homens se comunicam com o mundo, a visão, o olfato, a fala, e por último, os braços e pernas. Aqui destacam o tato e o movimento, deixando esses homens desprovidos de sua comunicação com o mundo.

Chegamos aqui, dessa forma, a outros atributos do humano maia: a visão, o olfato, a fala, o tato e o movimento.

Tratando-se da visão, esse elemento físico específico é bastante destacado no *Popol Vuh*, quando a história expõe as características dos homens criados de milho. A visão aqui aparece ligada ao conhecimento.

---

<sup>153</sup> CRAVERI, Michela. *El lenguaje del mito: voces, formas y estructura del Popol Vuh*. México: Universidad Autónoma de México, 2012. P. 117.

<sup>154</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1960. P. 138.

*Y como tenían la apariencia de hombres, hombres fueron; hablaron, conversaron, vieron, oyeron, anduvieron, agarraban las cosas; eran hombres buenos y hermosos y su figura era figura de varón.*

*Fueron dotados de inteligencia; vieron y al punto se extendió la vista, alcanzaron a conocer todo al que hay en el mundo. Cuando miraban, al instante veían a su alrededor y contemplaban en torno a ellos la bóveda del cielo y la faz redonda de la tierra.*

*Las cosas ocultas [por la distancia] las veían todas, sin tener primero que moverse; en seguida veían el mundo y asimismo desde el lugar donde estaban lo veían.*

*Gran era su sabiduría; su vista llegaba hasta los bosques, las rocas, los lagos, los mares, las montañas y los valles.<sup>155</sup>*

Observamos em tal trecho que a visão desses homens podia alcançar o todo. Trata-se de uma visão com a qual esses primeiros homens terão um grande conhecimento em relação ao mundo que os cerca, pois, sua vista pode ser estendida sem nem mesmo que ele se mova, fazendo-o conhecer toda a face da terra. A partir dessa grande visão o texto destaca que grande era também a sabedoria do homem, já que, a partir de sua imensa visão poderia alcançar uma noção sobre o todo.

Ressaltamos ainda, que esse trecho apresenta, novamente, características que apontamos anteriormente como atributos humanos: a fala, a visão, o olfato e o caminhar. Além disso, o trecho destaca também que esse homem recém-criado tinha a habilidade de agarrar coisas, ou seja, está entre os atributos humanos a capacidade de usar as mãos para agarrar algo.

Contudo, tamanha era a rivalidade que os homens de milho causavam em seus criadores, que os mesmos começaram a se questionar se estaria correta tal criação.

*- No está bien lo que dicen nuestras criaturas, nuestras obras; todo lo que saben, lo grande y lo pequeño, dijeron. Y así celebraron consejo nuevamente los Progenitores: - ¿Qué haremos ahora con ellos? ¿Que su vista sólo a lo que está cerca, que sólo vean un poco de la faz de la tierra! No está bien lo que dicen. ¿Acaso no son por su naturaleza simples criaturas y hechuras [nuestras]? ¿Han de ser ellos también dioses? ¿Y si no procrean y se*

---

<sup>155</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1960. P. 105.

*multiplican cuando amanezca, cuando salga el sol? ¿Y si no se propagan? Así dijeron.*  
*- Refrenemos un poco sus deseos, pues no está bien lo que vemos. ¿Por ventura se han de igualar ellos a nosotros, sus autores, que podemos abarcar grandes distancias, que los sabemos y vemos todo?*<sup>156</sup>

A partir dessa conferencia realizada entre os deuses, notamos o temor dos mesmos ao notar que aqueles seres recém-criados possuem uma visão que alcança a mesma amplitude da de aqueles que os criaram.

Evidencia-se nesse trecho que o principal atributo que diferenciaria as divindades dos demais seres é a visão sobre o todo. Por tal razão, ao perceber que os primeiros homens possuem tal visão, e por isso uma grande sabedoria, começam a se questionar se os entes criados naquele momento seriam também deuses, destacando a possibilidade desses novos seres se igualarem aos seus criadores.

Concluimos, dessa forma, que a principal diferença entre deuses e humanos (senão uma das únicas), de acordo com o *Popol Vuh*, é a visão e conseqüentemente a sabedoria que o primeiro possui.

Muito provavelmente, exatamente por possuir esse grande conhecimento, é que os seres divinos podem não se reproduzir. Como é notável no trecho, existe também o temor por parte dos deuses de que os humanos agora criados, com todo o conhecimento que possuíam, não procriassem e não se propagassem sobre a terra. Portanto, aqueles que são sábios, muito possivelmente, não se reproduzem. Porém, ao falarmos dos não-humanos maias, dos deuses especificamente, pudemos notar que um casal divino *Ixmucané* e *Ixpiacoc*, possuíam uma relação de descendência, de filiação com entes sobre-humanos, eram avós dos heróis gêmeos e também dos irmãos desses, os mesmos que posteriormente se transformarão em macacos. Ou seja, existe aqui um casal de divindades, *Ixpiacoc* e *Ixmucané*, que engendrou dois filhos, o pai dos heróis, *Hun-*

---

<sup>156</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1960. P. 106.

*Hunahpú* e o tio dos heróis, *Vucub-Hunanpú*. Portanto, há aqui uma relação de parentesco entre deuses e entes sobre-humanos e também entre deuses e animais (já que os irmãos dos heróis gêmeos serão transformados em macacos).

Seguindo a narrativa, depois de descrever o homem como um ser muito próximo daqueles que o criaram, a *Popol Vuh* menciona que os deuses decidem diminuir a visão do homem e destruir parte de sua sabedoria.

*Entonces el corazón del cielo les echó un vaho sobre los ojos, los cuales se empañaron como cuando se sopla sobre la luna de un espejo. Sus ojos se velaron y sólo pudieron ver lo que estaba cerca, sólo esto era claro para ellos.*

*Así fue destruida su sabiduría y todos los conocimientos de los cuatro hombres, origen y principio [de la raza quiche].<sup>157</sup>*

Por conseguinte, a vista do homem é diminuída pelos deuses, e o homem que passa a habitar a superfície da terra a partir daquele momento consegue ter uma visão apenas do que lhe está próximo. Não tem, dessa forma, uma visão aproximada daquela que possuem seus criadores.

Esses quatro homens criados, que agora enxergam apenas o que está próximo e não são dotados de uma grande sabedoria, como estavam seus deuses, são os responsáveis por engendrar as tribos que surgirão em seguida.

Para completar a criação, o *Popol Vuh* narra, também, a criação das quatro mulheres que serão esposas dos homens recém-criados.

*Entonces existieron también sus esposas y fueron hechas sus mujeres. Dios mismo las hizo cuidadosamente. Y así, durante el sueño, llegaron, verdaderamente hermosas, sus mujeres [...]. Allí estaban sus mujeres, cuando despertaron, y al instante se llenaron de alegría sus corazones a causa de sus esposas.<sup>158</sup>*

---

<sup>157</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1960. P. 107.

<sup>158</sup> *Ibidem*. P. 107.

Portanto, agora que esses seres não são mais dotados de tamanha visão e sabedoria, serão necessárias as mulheres para que haja a reprodução dos novos seres criados. Ou seja, quando esses homens eram dotados de uma grande visão e de sabedoria, não existia a necessidade da criação das mulheres, entretanto, na medida em que lhes é retirada a grande visão, será necessárias a existência do oposto, o feminino, para completar a criação e para que esses casais formados possam povoar o mundo recém-criado.

Destaca-se que a criação das mulheres não aparece da mesma forma que foi realizada a criação dos homens, a criação delas foi feita por “*Dios mismo*”. Esses seres que complementarão o homem, na medida em que são peças chave para a reprodução, têm características peculiares que nos são apresentadas pelo *Popol Vuh*, como a beleza.

A beleza das mulheres é novamente apontada no *Popol Vuh* quando as tribos inimigas dos quichés resolvem tentar vencer os quichés da facção Cavec, através da derrota de seus deuses. Para isso, os homens das tribos inimigas se reúnem e resolvem enviar belas donzelas até o rio onde os deuses, *Tohil, Avilix e Hacavitz*, se banhavam todos os dias.

*Marcháronse en seguida, bien adornadas y verdaderamente estaban muy hermosas cuando se fueron allá donde se bañaba Tohil, a que las vieron y a lavar. Cuando ellas se fueron, se alegraron Señores porque habían enviado sus dos hijas.*<sup>159</sup>

É notável que, ao longo do *Popol Vuh*, apenas as mulheres são descritas como “*hermosas*”, nenhum outro dos seres que habitam o mundo que fora criado recebe esse mesmo adjetivo. Portanto, a beleza é algo que pertence a essas mulheres, que embora não recebam tamanha atenção na sua criação, aparecem em toda a história.

---

<sup>159</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1960. P. 131.

Comparando a criação dos homens no *Popol Vuh* e no *Memorial de Sololá*, notamos que ambos falam no número de homens e mulheres que foram criados, mas no primeiro são criados quatro homens e quatro mulheres, e no segundo são criados treze homens e quatorze mulheres. O *Memorial de Sololá* destaca que esses treze homens e quatorze mulheres foram os responsáveis por engendrar os homens e mulheres de todas as tribos que passaram por *Tulán*. O *Popol Vuh*, por outro lado, cita a criação dos quatro homens e quatro mulheres, mas, destaca logo depois que esses são aqueles que foram criados para engendrar os quichés, mas que foram criados outros homens e mulheres pelo criador e pelo formador, mas não destaca o número.

Outro ponto que diferencia a criação de homens e mulheres nessas duas histórias é o fato de que no *Popol Vuh*, os homens são criados do milho, por *Tepeu*, *Gucumatz*, *Huracán* e com o auxílio dos animais, e as mulheres são criadas separadamente por um outro deus; e no *Memorial de Sololá*, homens e mulheres são criados a partir do milho, no mesmo momento.

Alguns desses homens de milho, criados em ambas as histórias das terras altas, apresentam, em determinados momentos, atributos semelhantes aos deuses. No capítulo anterior apresentamos a ideia de nagual de Mercedes de la Garza<sup>160</sup>, destacando que para ela, o rei chamado *Gucumatz*, pode ser descrito como um nagual, pois possuía a capacidade de se transformar em animais e em sangue para que pudesse se comunicar com os níveis diferentes do cosmos.

Voltando ao assunto, Mercedes de la Garza descreve o nagual como:

*[...] es un hombre sabio, sobrehumano; un consejero, una persona de confianza, serio, respetado, reverenciado, dignificado, no sujeto a injurias.*

---

<sup>160</sup> GARZA, Mercedes de la. Sueño y éxtasis: Visión chamánica de los nahuas y los mayas. México: Fondo de Cultura Económica, 2012. P. 143.

*El buen nagual es cuidador, un hombre discreto, un guardián. Es agudo, penetrante, cuidadoso, útil; nunca dan a nadie.*<sup>161</sup>

Portanto, de acordo com essa descrição do que é um nagual, podemos afirmar que um nagual é um homem que possui capacidades sobre-humanas, ou seja, além daquelas pertencentes aos demais homens. Mercedes de la Garza destaca que a principal característica sobre-humana dos naguales era a capacidade de transfiguração, se transformava em animais, ou mesmo em sangue como é o caso do rei *Gucumatz*, para que pudesse ultrapassar as camadas do cosmos e se comunicar com divindades.

As três cosmogonias aqui analisadas trazem exemplos de naguales. O *Popol Vuh*, por exemplo, tem nos seus quatro primeiros homens formados, sem dúvida, naguales. As características sobre-humanas daqueles homens são destacadas principalmente quando, ao serem criados, os deuses percebem o quanto sua criação foi bem sucedida. Contudo, aqueles homens possuem uma visão do todo e por isso a vista dos mesmos é velada. Entretanto, mesmo nas partes posteriores, esses quatro primeiros quichés continuam sendo apresentados com características sobre humanas, pois, os quatro podiam se transformar em jaguar durante a noite para roubar outros homens e oferecê-los frente ao deus Tohil: “*Eran como pisadas de tigre las huellas que dejaban, aunque ellos no se mostraban*”<sup>162</sup>.

Portanto, ao tratar de seus antepassados como homens, que poderiam se transfigurar e adquirir características sobre-humanas, os governantes quichés continuaram se afirmando como representantes da comunidade frente aos deuses, já que eles herdaram não apenas o trono, senão também a condição de xamãs, conseguidas através de sua iniciação e de suas práticas ascéticas.

---

<sup>161</sup> GARZA, Mercedes de la. *Sueño y éxtasis: Visión chamánica de los nahuas y los mayas*. México: Fondo de Cultura Económica, 2012. P. p. 47.

<sup>162</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1960. P. 129.

Assim, outro governante posterior também aparece nessa cosmogonia como um nagual: Gucumatz, que reafirma essa condição que também os governantes posteriores terão, de intermediar a relação da população com os demais habitantes do cosmos, principalmente deuses, mortos e animais.

Mercedes de la Garza<sup>163</sup> destaca que os nagueles possuíam uma visão aguda, que também os permitia fazer adivinhações. Portanto, ao falarmos do *Chilam Balam de Chumayel*, estamos tratando de uma cosmogonia escrita por um nagual, ou por vários nagueles. Como abordado no primeiro capítulo, a palavra chilam balam possuía o significado de sacerdote jaguar para os maias das terras baixas. Fica claro que esses adivinhos, por possuírem poderes de adivinhação e terem seus nomes vinculado ao do jaguar (como os quatro primeiros homens criados no *Popol Vuh*), são nagueles.

Além do próprio título do *Chilam Balam de Chumayel* fazer referência aos nagueles, encontramos também homens que possuíam essa capacidade na história. Ao tratar dos itzaes o *Chilam Balam de Chumayel* assenta que:

*Aunque no era lo mismo que el Sol, de la Joya del Pecho del Sol bajó la casta de los hombres buenos. [...] Verdaderamente, muchos eran sus Verdaderos Hombres. [...] Así el pueblo de los Divinos Itzáes, así los de la gran Itzamal, así los de la gran Aké, así los de la gran Uxmal [...] Porque ellos son los sacerdotes.*<sup>164</sup>

Ao falar dos “*Verdaderos Hombres*” o Chilam Balam de Chumayel utiliza o termo em iucateco *halach uinicoob* que, de acordo com Mercedes de la Garza<sup>165</sup>, eram os grandes antepassados, os patriarcas, os homens fundadores da linhagem e os guias da comunidade. Ou seja, esses homens eram tidos como grandes sábios que possuíam características sobre-humanas. Portanto, de acordo com o *Chilam de Balam de*

---

<sup>163</sup> GARZA, Mercedes de la. *Sueño y éxtasis: Visión chamánica de los nahuas y los mayas*. México: Fondo de Cultura Económica, 2012. P. 145.

<sup>164</sup> *Chilam Balam de Chumayel*. Ed. de Antonio Miguel Rivera Dorado. Madri: Dastin, s/d. p. 63.

<sup>165</sup> Op. Cit., 2012. P. 143.

*Chumayel*, os itzás antepassados eram também naguales, homens com capacidades que iam além daqueles que possuíam os homens comuns, “*ellos son los sacerdotes*”.

Os quichés também possuíam um termo que continha o mesmo significado, cuja pronúncia é bem parecida ao termo *nahualli* (nagual) em nahuatl, *nawal winak*. Nos textos quichés e cakchiqueles, que contém tal termo, são comuns as referências sobre a transmutação em animais. O *Memorial de Sololá*, por exemplo, ao referir-se aos sábios antepassados, destaca o papel de *Saqtekaw* e *Q’aq’avit*. Esse último chega a sobreviver depois de entrar num vulcão em erupção, mostrando suas capacidades sobre-humanas.

*Mientras tanto Q’aq’avit permanecía em el volcán con mucha demora, lo esperaron todo el día y al no aparecer lo creyeron muerto. Algunos pudieron atrapar un poco de fuego y otros no pudieron. Solamente unas pocas chispas de fuego cayeron al pie del volcán, por lo que unos lo obtuvieron y otros no obtuvieron. Al fin salió él del volcán, en verdad su rostro había vuelto terrible cuando él salió del volcán de Q’aq’xanul. Entonces dijeron todos los guerreros y las siete tribus: ‘En verdad su poder mágico, su ciencia, su gloria y majestad son terribles, le creíamos muerto’, así dijeron.<sup>166</sup>*

Portanto, uma das características de alguns homens, geralmente antepassados das linhagens governantes (como são os quatro antepassados quichés, como são os itzaes para os maias de *Chumayel* e como são *Saqtekaw* e *Q’aq’avit* para os cakchiqueles), é a sabedoria, que o torna um nagual, podendo, inclusive, transmutar-se em animal ou mesmo entrar em contato com outros seres que não são humanos.

Isso nos mostra que a distância aparente entre deuses, entes sobre-humanos e animais pode não ser assim tão longa quanto pressupõe a maior parte dos estudiosos da área. Se um homem pode possuir atributos divinos, através dos quais ele pode se transformar em alguns animais, tornando-se um ser com capacidades sobre-humanas,

---

<sup>166</sup> *Memorial de Sololá*. Transcrição ao cakchiquel atual e tradução de Simón Otzoy. Guatemala, 1999. P. 164.

isso significa que a linha que separa os humanos e não-humanos para os maias é uma linha tênue, que pode ser ultrapassada.

Embora existam partes das fontes que diferenciem esses seres, como quando o *Popol Vuh* narra a criação dos primeiros quatro homens, dos quais será retirada a grande visão e sabedoria, que deveria pertencer somente aos deuses, ainda assim, ainda que exista o que é divino, e o que é humano, nos parece que existe a possibilidade de extrapolar essas barreiras. A própria diferença entre humanos e animais não nos parece tão excludente. Existem características comuns entre humanos animais, como entre humanos e suas divindades e como entre humanos e entes sobre-humanos.

Além disso, ao longo da análise do humano nessas três fontes, percebemos que as três tratam de diferentes humanidades que povoaram a terra. Destacamos, dessa forma, que para os maias existiram múltiplas humanidades, formadas a partir de matérias-primas distintas, com qualidades e atributos diferentes, mas, ainda assim homens.

Como apontado anteriormente, o *Chilam Balam de Chumayel* aborda dois outros tipos de seres que podem ser entendidos como outras humanidades: os gigantes e os homens de barro, que povoaram a terra, mas, ambas as criações foram destruídas com catástrofes.

Também o *Popol Vuh* aborda outras humanidades que povoaram a terra antes do homem. Essa história menciona o homem de barro, como o *Chilam Balam*, e o homem de madeira, que chega, inclusive, a se reproduzir.

Concluimos, assim, que para os maias existiram diferentes humanidades que povoaram o mundo, a humanidade não é exclusividade do homem maia. A diferença do homem maia para os outros criados anteriormente seria, então, o milho, substância que

daria outras capacidades corporais e psíquicas a essa novo humano que completará a criação dos deuses.

Para que possamos analisar as diferenças desse humano, feito de milho, dos demais seres que habitam o cosmos, continuemos com a nossa análise, trazendo de volta as características dos não-humanos abordados no capítulo anterior, para que possamos compará-los aos humanos.

### **3.2- O humano e o não-humano maia**

Para iniciarmos essa etapa, retomemos, inicialmente, às características divinas que foram apontadas no capítulo anterior.

Foi observado, na característica número 1, que os deuses são mencionados sempre em conjunto ou em pares, como no início do *Popol Vuh*, quando são nomeados o conselho de deuses que será responsável pela criação, e como quando, na mesma cosmogonia, *Tepeu*, *Gucumatz* (um par) e *Huracán* juntam-se para tentar formar o homem. Nota-se que essas divindades não aparecem sozinhas no documento e sempre conferenciam a respeito da medida a ser tomada em seguida. Isso ocorre também quando, sempre juntos, *Tohil*, *Avilix* e *Hacaviz*, conferenciam, como apontado na segunda característica, muitas vezes para que consigam proteger e serem protegidos pelos quichés, povo do qual são patronos.

Porém, a característica anterior não pertence apenas aos deuses, os animais também conversam entre si, como quando (citado no capítulo anterior) auxiliam uns aos outros para levarem a informação da avó dos gêmeos até eles, portanto, esses também trabalham, geralmente, em conjunto. Da mesma forma, alguns não humanos, como os gigantes do *Chilam Balam de Chumayel*, que são criados em conjunto, ou os gêmeos do

*Popol Vuh*, que são um par que não possui nenhuma ação separada um do outro, não aparecem sozinhos nas histórias.

Além disso, também o homem nasce em conjunto, são criados os primeiros quatro no *Popol Vuh*, os primeiros treze homens e quatorze mulheres no *Memorial de Sololá*, e no *Chilam Balam de Chumayel* são “*los hombres amarillos*”, no plural. Poucos homens são citados sozinhos, como é o caso de *Gucumatz*, durante a narrativa do *Popol Vuh* e do *Memorial de Sololá*, os homens estão sempre com suas tribos com as quais deliberam, e só a partir de então tomam uma ação.

Concluimos que, o humano maia já nasce relacionado ao seu povo, sua tribo e sua história, sua individualidade não é tão importante para as cosmogonias quanto o conjunto do qual fazem parte. E os deuses, por sua vez, não tem interesse em criar o homem, senão os homens.

A vida em conjunto, comunidade e deliberação das ações é, portanto, uma característica fundamental do humano colonial que as histórias coloniais nos apresentam.

Tratando da terceira característica divina, que separamos no capítulo anterior, muitos dos deuses citados nas fontes têm seus nomes relacionados a animais. O mesmo ocorre com os primeiros quatro homens criados no *Popol Vuh*, cuja palavra *balam* (jaguar) aparece em todos os nomes. Parece-nos que a alusão aos nomes de animais no caso dos deuses, indica para uma possível similaridade física dessas divindades aos animais dos quais levam o nome, e, possivelmente, também características próprias daqueles animais. O mesmo pode ocorrer com os humanos. No caso dos primeiros quatro homens, possuem os nomes vinculados ao jaguar, pois, claramente, como foi abordado anteriormente, eram *naguales* que se transformavam nesses animais. Esse é o

caso também de *Gucumtaz*, que leva o nome da serpente emplumada e pode se transformar na mesma.

Como abordamos no capítulo 1, para Mercedes de La Garza<sup>167</sup> todo humano maia possui um *way*, um alter ego animal, e, muitas vezes, o nome desse animal estava presente no nome dos homens maias. Portanto, o humano maia também parece ter possuído uma relação de proximidade com os animais, e que, assim como os deuses, muitas vezes poderia apresentar características do seu alter ego animal, que algumas vezes levam no nome.

No quarto atributo que destacamos como sendo divino, mostramos que algumas divindades possuem a humildade, a esperteza e a destreza. Tratando-se da humildade, essa parece ter sido uma característica bastante admirada entre os maias, já que a soberba é algo tão atacado quando o *Popol Vuh* conta a história de alguns entes sobre-humanos. Essa não apreciação de valores como a vaidade, a soberba, o orgulho, foi citada na característica número 2 quando falamos dos entes sobre-humanos. Como foi mostrado, *Vucub-Caquix* e seus filhos são, notadamente, criticados pela história, por possuírem características mal vistas para os maias. Assim, a humildade é valorizada em detrimento da soberba.

A esperteza é outro atributo que perpassa por divindades e por entes sobre-humanos. Notamos, no capítulo anterior, que os heróis gêmeos só venceram os Senhores do Inframundo graças a sua esperteza e a sua destreza. Concluimos que essa foi também uma característica bem vista para essa sociedade.

Na quinta qualidade que atribuímos aos deuses, destacamos que eles foram os formadores do homem. Com a ajuda dos animais esses deuses puderam criar os seres

---

<sup>167</sup> GARZA, Mercedes de la. Sueño y éxtasis: Visión chamánica de los nahuas y los mayas. México: Fondo de Cultura Económica, 2012. P.51.

que os alimentariam e os adorariam. Portanto, faz parte das funções do humano criado, venerar e alimentar aqueles que os criaram.

Destacamos que os animais também auxiliam no processo de criação, como se fosse necessária, até mesmo, a intersecção dos animais nessa primeira relação entre homens e deuses, como continuarão fazendo, como elemento que liga homens e deuses, como será abordado adiante.

Na sexta característica, destacamos que os deuses, principalmente *Tepeu* e *Gucumatz*, são tidos pelo *Popol Vuh* como detentores de uma grande sabedoria. Contudo, notamos que essa característica faz parte também dos atributos humanos, principalmente os antepassados, geralmente naguales, que são apontados pelas fontes como detentores de uma enorme sabedoria, podendo, inclusive, assumir a forma animal e manter uma comunicação com seus deuses, como os sacerdotes quichés faziam frente a *Tohil*. Portanto, a sabedoria é uma característica divina, mas que pode ser também humana e, ainda, dos entes sobre-humanos, pois, como mencionado no *Popol Vuh*, ao abordar a história dos irmãos dos gêmeos que se tornaram macacos, esses eram muito sábios.

Na sétima qualidade, referimo-nos aos deuses como titulares de glória e riqueza. Entretanto, aqueles homens que possuem características sobre-humanas, que serão chamados de naguales, são, em sua maioria, governantes, podendo, assim como os deuses, possuir grandes riquezas e também glória, mediante as suas conquistas.

Também entre os entes sobre-humanos percebemos que *Vucub-Caquix*, em particular, possuía uma grande riqueza e se achava detentor de grande glória. Mas, naquele caso, sua glória era mal vista pelo orgulho que o mesmo possuía de suas riquezas. Por se dizer um deus é que ele será castigado. Muito provavelmente, essa história é um exemplo de como os governantes, muitas vezes possuidores de riquezas e

grande sabedoria, deveriam governar: sem orgulhar-se de suas posses, pois não eram deuses; e agindo com humildade, assim como as divindades fariam.

No oitavo atributo, foi destacado que existe uma relação de troca assimétrica entre deuses e homens, na qual o deus deve garantir a vida e o desenvolvimento da comunidade, e, em troca os homens daquela comunidade devem dar o sustento e o alimento a esses deuses. Essa característica é aquela que mais comumente é abordada pela historiografia referente ao tema. Parece ser, portanto, um ponto comum entre os estudiosos da área, como os que estão citados no parágrafo abaixo, referir-se ao homem como um ser criado com o objetivo de alimentar os deuses, cumprindo, dessa forma, seu papel no cosmos para a manutenção da ordem do mesmo.

Todos os autores citados aqui até agora, Miguel Rivera Dorado, Mercedes de La Garza, Eric Thompson, Michela Craveri, Nancy Farriss, Henrique Vela, Federico Navarrete Linares, dentre muitos outros, apostam nessa afirmativa.

Já destacamos que o *Popol Vuh* deixa claro que os homens alimentarão os seus deuses. Contudo, nosso questionamento é se os deuses criaram esse homem por uma necessidade em serem alimentados ou se pretendiam a glorificação em sua criação. Esse ponto é ligado, inclusive à nona característica, que afirma que os deuses possuíram certo receio em deixar que os primeiros quatro homens criados de milho se assemelhassem tanto a eles possuindo a mesma visão. Caso os homens de milho fossem iguais a eles, não haveria quem os glorificasse. Portanto, entendemos que a criação do homem é feita, também, a partir da vaidade desses seres divinos, além da necessidade de receberem sustento.

Na décima característica, afirmamos que os deuses protetores não são independentes de suas tribos, necessitando, além de sustento, serem carregados e protegidos. Isso reafirma a característica citada anteriormente, segundo a qual existe

uma interdependência entre humanos e deuses, os humanos recebem boas colheitas, fertilidade de uma maneira geral e proteção. Em troca, também dão o sustento e proteção. Trata-se, portanto, de uma relação de dependência mútua.

De acordo com o décimo primeiro atributo, são também divindades os seres que sustentam o céu, mantendo a ordem do cosmos. Contudo, essa não é uma característica exclusiva das divindades, pois, segundo o *Chilam Balam de Chumayel*, os animais também são responsáveis pela manutenção da ordem no cosmos, pois, além dos *Bacab* que estão nos quatro rumos do plano, sustentando o céu, há ali também um elemento vegetal, uma ceiba, e um pássaro, mostrando que também outros seres fazem parte dessa manutenção da ordem.

Tratando da décima segunda característica, que aborda a questão da criação do todo por um único deus, segundo o *Chilam Balam de Chumayel*, o *Padre Dios*. Destacamos que nos anos em que essa cosmogonia foi criada já se contava com uma ampla influência do cristianismo. Também no *Popol Vuh* aparece a figura de um deus única criador quando a história se refere à criação das mulheres, que teriam sido criadas por “*Dios mismo*”. Portanto, é necessário apontar aqui, que também há uma concepção segundo a qual esses “novos deuses” participam da criação. Destacamos, no entanto, que para os maias, acreditar no Deus único cristão não excluía a possibilidade de continuar crendo e referenciando seus deuses anteriores.

Continuando com a comparação das características dos entes não-humanos ao humano maia, tratemos das características apontadas como pertencendo aos entes sobre-humanos.

No primeiro atributo dos entes sobre-humanos que enumeramos, foi destacado que alguns desses entes possuem atributos divinos, humanos e animais. Assim, esses seres se despontam como diretamente ligados aos demais entes que habitam o cosmos.

Entretanto, essa característica não é unicamente desses entes. Notamos na análise realizada acima, que também os homens podem possuir atributos semelhantes àqueles de seus deuses, ou mesmo, atributos animais. Portanto, essa característica dos não-humanos não pode ser vista como um fator que os diferencia dos humanos, mas que, de certa forma, os aproxima, na medida que também o ente sobre-humano mantém relações com os diferentes seres que habitam o universo.

Na segunda características apontamos que entre os não-humanos, o orgulho, a vaidade e a ambição são vistos como qualidades negativas, como o no caso de *Vucub-Caquix*, que recebe o enfretamento dos heróis gêmeos exatamente por sua soberba, por se considerar um deus. A partir desse atributo afirmamos que, para os maias, a soberba era mal vista. Como dito ao tratarmos do quarto atributo divino, a humildade era tida como uma qualidade bem vista por esses homens, em detrimento do orgulho. Portanto, aquele que tivesse posses, ou mesmo uma grande glória, como um governante, por exemplo, deveria manter a postura humilde perante todos.

No terceiro predicado, destacamos que assim como no caso dos deuses, as ações realizadas por esses seres ocorrem sempre em conjunto ou em pares. Também os entes sobre-humanos tomam decisões e realizam ações em conferência com o outro, são poucas as ações individuais e, quando elas ocorrem, como no caso dos filhos de *Vucub-Caquix*, a história está falando daqueles que são mal vistos, que causam o mal e devem ser punidos, como ordenou *Huracán* aos gêmeos que encontrassem e colocassem fim aos desmandos de *Cabracán*. Portanto, como foi afirmado anteriormente, sem dúvida, a ação em conjunto ou em pares para a realização de ações ou a tomada de decisões foi característica presente na sociedade maia colonial. Significa dizer que para os maias, o homem é entendido enquanto um ser participante do seu grupo, do seu conjunto. Todos os seres citados, até agora, realizam suas ações em conjunto e que, portanto, esses seres

não são entendidos individualmente, apenas coletivamente. Dessa forma, não falamos em humano maia, mas sim em humanos maias, já que esses seres foram formados em conjunto e valorizam a vida também em conjunto.

Na quarta qualidade, notamos, a partir desses entes sobre-humanos, que a vingança pode ser entendida pelos maias como legítima ou não. Quando tratamos da vingança que *Zipacná* dirige aos quatrocentos meninos, por tê-lo aprisionado em um buraco onde ele foi deixado para morrer, essa não é vista como legítima. Isso ocorre porque *Zipacná* era um ser orgulhoso de todos os seus atributos, caminhava mostrando sua força descomunal, além de ser filho daquele que se autoproclamava o próprio sol, *Vucub-Caquix*. Por possuir tamanha soberba, essa vingança não é legítima. Entretanto, podemos notar que a vingança que os gêmeos dirigem aos seus irmãos, transformando-os em macacos é legítima, pois eram os irmãos que tinham um sentimento de inveja das capacidades que possuíam os heróis gêmeos, não o contrário.

Concluimos que a vingança para o humano maia pode ser visto como algo autêntico ou não, dependendo de quem a pratica e de quais são suas motivações.

Como foi apontado na primeira parte desse capítulo, a quinta qualidade dos entes sobre-humanos, o tempo, assim como os demais seres não-humanos, nasce e possui uma ação na narrativa. Reafirmamos, nesse ponto, a ideia de que, para o *Chilam Balam de Chumayel*, a criação do homem e dos demais seres é mencionada de maneira equivalente, ou seja, o mesmo tempo que a história utiliza em sua narrativa para falar da criação do homem amarelo, ela utiliza para falar da criação do Mês e dos Gigantes, por exemplo.

Destacamos, que entre esses muitos não-humanos mencionados nas cosmogonias, dentre os quais estão o tempo, os entes sobre-humanos e os deuses, estão

também os animais, que são citados em diversas ações, principalmente, no *Popol Vuh* e no Memorial de Sololá.

Voltemos, assim, aos atributos animais.

A primeira característica apontada foi que, segundo nossas fontes, os animais possuem um papel fundamental na formação. Segundo o *Chilam Balam de Chumayel*, a serpente seria um dos elementos da criação, ou seja, uma das essências das quais dispunham aqueles que farão a criação. Já no *Memorial de Sololá* e no *Popol Vuh*, os animais se despontam como aqueles que encontrarão o milho, elemento que entrará na carne da atual humanidade. Portanto, o animal aparece nas fontes como elemento essencial para que o homem de milho fosse criado.

Na segunda característica animal, também foi abordado o papel que esses teriam no cosmos. O *Chilam Balam de Chumayel* aborda essa questão em duas partes: uma quando a serpente que sustenta a terra é roubada, e por tal razão, o mundo se desfaz; outra quando são nomeadas as aves, que se fixarão nos quatro rumos do universo, cada qual pousada sobre uma ceiba, sendo responsáveis, assim como os *Bacab* e como as ceibas, pela manutenção da ordem. O *Popol Vuh*, por outro lado, destaca que embora os animais tivessem um papel no cosmos, esse papel será o de, principalmente, alimentar os homens que serão criados com as suas carnes. Nesse documento isso ocorre quando os animais se mostram como seres que não pronunciam os nomes de seus deuses, não podendo adorá-los, sendo então castigados a serem comidos e mortos pelos seres que serão criados em seguida. Essas características juntas mostram que para os maias, assim como o homem, o animal também possuía um papel de manutenção no cosmos. Ou seja, o animal estava intrinsecamente ligado aos outros seres e ao cosmos, assim como o homem e os deuses estavam.

Na terceira característica proposta, foi dito no *Popol Vuh* que o animal foi a primeira tentativa dos deuses em criar quem os vangloriassem, adorassem e sustentassem. Portanto, que os animais são seres antecessores aos homens de milho, assim como o homem de barro e o homem de madeira. Assim sendo, partindo do pressuposto que os homens criados anteriormente ao homem de milho são também outras humanidades, que habitaram o mesmo mundo que o homem de milho habita hoje, poderíamos afirmar que os animais também são uma das humanidades que compõe esse cosmos. Essa afirmativa é baseada não só na criação dos animais, mas também a partir do seu papel no cosmos, como foi mencionado no capítulo anterior.

Reforçando a primeira e a segunda característica, o quarto atributo que analisamos se refere à relação que os animais possuem com deuses, entes sobre-humanos e homens. No *Popol Vuh* e no *Memorial do Sololá*, os animais se comunicam com os deuses para informá-los sobre a região na qual o milho será encontrado. No *Popol Vuh*, os animais se comunicam com os heróis gêmeos, inclusive auxiliando-os em alguns momentos. E, por último, no *Memorial de Sololá*, os animais se comunicam com os homens que estão em migração, como é o caso da coruja e do periquito, que afirmam que estão ali, pois são um mal prognóstico do que está por vir. Portanto, notamos aqui, outra vez, que esses muitos seres que habitam o cosmos maia possuem relações entre si. Destacamos que, para os maias, essa relação do homem com os demais seres era feita através de um nagual, ou seja, aquele que possui grande sabedoria e a capacidade de transformar em animais para que possa se comunicar com suas divindades. Portanto, embora exista uma comunicação entre humanos feitos de milho e todos os outros seres que habitam o cosmos, nem todos os humanos maias possuem essa capacidade.

Entretanto, como destacado anteriormente, todos os humanos possuem um *way*, seu alter ego animal, que pode atribuir-lhes características desse animal ou ajudar aos humanos a se comunicarem com o animal.

Seguindo com as características, a quinta afirma que os animais possuem uma linguagem. Embora os deuses tenham condenado os animais por não conseguirem falar os nomes de seus criadores, ao longo de toda a história percebemos ações dos animais que se comunicam entre si e com os demais seres. Portanto, podemos notar que a questão de não pronunciar o nome de suas divindades não é uma questão de linguagem, na medida em que os animais podem se comunicar ao longo do *Popol Vuh* e do Memorial de Sololá, entretanto, muito possivelmente, os animais não possuíam uma uniformidade em sua fala, bem como a obediência buscada pelos criadores. Essa questão da obediência é citada logo após a percepção por parte dos deuses de que os animais não podem adorá-los: “*Probemos ahora a hacer unos seres obedientes, respetuosos, que nos sustenten y alimenten*”<sup>168</sup>. Portanto, os animais não são obedientes aos deuses e não podem alimentá-los, o que será função do homem.

Na sexta característica foi apontado que os animais são aqueles cuja carne alimentará os homens. Portanto, essa função, como destacado acima, aparece como uma das funções dos animais no cosmos, é de suas carnes que o homem será alimentado.

Na sétima característica assinalamos que os animais são os responsáveis pela mediação entre deuses e homens e pelo acesso de alguns homens a outras camadas do cosmos. Como apontado pelo *Popol Vuh*, o rei *Gucumatz* podia se transformar em alguns animais para que pudesse chegar a outros níveis, como descer ao *Xibalbá* ou subir ao céu. Isso mostra que para entrar em contato com suas divindades, os naguales maias necessitavam se transformar em animal primeiramente. Ou seja, os animais

---

<sup>168</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1960. P. 27.

possuem fácil comunicação com as divindades e são o elo entre esses entes humanos e deuses.

Dessa forma, destacamos que o humano de milho, em sua forma, não pode se comunicar com seus deuses. Para tal fim é necessária uma transmutação para um corpo animal.

Na oitava e última característica desses animais, complementamos a sétima, destacando que o animal possui a capacidade de se movimentar através das camadas do cosmos, pois esse rei mencionado no *Popol Vuh*, *Gucumatz*, precisa se transformar em alguns animais para que consiga ter tal capacidade, a de se movimentar entre os níveis do universo.

Concluindo, a partir de todas essas características dos demais seres que habitam o cosmos maia, percebemos que para os maias, o universo está repleto de outros seres, sendo que cada um possui sua função para manutenção desse cosmos. Esses outros seres, embora distintos dos humanos de milho em algumas características, estão, ao mesmo tempo, muito próximos do homem de milho, pois esses outros seres também falam, agem nas histórias, possuem papéis fundamentais para a formação e manutenção da ordem tal qual ela está.

Entendemos também, que a linha que separa todos esses seres é uma linha muito rarefeita. Os deuses, por exemplo, precisam de várias tentativas até que consigam formar uma criação como gostariam, ou seja, esses seres erram. Além disso, para tomar decisões essas divindades conferenciam, opinam, buscam auxílio entre os animais, o que aponta para o fato de que esses deuses maias não são aqueles que tudo sabem, também necessitam de ajuda. Da mesma forma, os entes sobre-humanos necessitam da ajuda dos animais, assim como os homens também vão pedir esse auxílio. Afirmamos, assim, que existe na sociedade maia uma complexa rede de relações entre esses muitos

seres que povoam o cosmos, são todos esses seres que juntos que tornam possível a existência e manutenção do cosmos.

A partir desse ponto, façamos uma retomada de algumas características dos humanos maias para enfim definir quem é esse humano para os maias.

### **3.3 – O humano maia suas características e atributos**

Ao iniciarmos a pesquisa que culminou nessa dissertação, partimos do objetivo de buscar nas fontes a concepção de humano para os maias. Embora existam trabalhos que abordem o homem para os maias, dificilmente encontramos esse termo, o humano. Com tal objetivo tentamos, através do uso desse termo, humano, dizer que dos muitos seres que habitam o cosmos maia, analisaríamos o humano especificamente, como um daqueles seres criados, um daqueles que possui uma ação no cosmos.

Contudo, ao decorrer da análise, percebemos que o mundo habitado pelos maias foi povoado, anteriormente, por outras humanidades. Ou seja, antes da humanidade à qual os maias pertencem ser criada, a humanidade de milho ou os homens amarelos, existirem, outras já haviam vivido nesse mundo.

Foi afirmado no início desse capítulo, que o *Popol Vuh* conta com três tentativas de criação, realizadas pelos deuses, antes da criação final. Assim, nessa história, são formados os animais, que não podem adorar seus deuses, não são obedientes; depois surgem os homens feitos a partir do barro, que não possuem um entendimento do que os cerca, tampouco um corpo firme; e, depois é criado o homem a partir da madeira, que não se lembravam de seus criador e formador, que não possuíam umidade, eram secos. Apenas após tal criação é que serão criados os homens feitos a partir do milho, dos quais fazem parte os homens maias.

Também o *Chilam Balam de Chumayel* aborda as outras humanidades que habitaram o mundo antes dos homens amarelos, falando dos gigantes e dos homens feitos a partir de barro e água, como foi apontado no início do capítulo.

Dessa maneira, para os maias existiram diferentes humanidades que habitaram o mesmo espaço, cada qual com suas características e atributos. Ou seja, dentro da concepção de humano para os maias está inserida a ideia de que humano não é apenas o maia feito de milho, foi também humano o homem de barro, assim como foi o homem de madeira, assim como, provavelmente, os animais também sejam outra humanidade que foi castigada a manter seu posto de serem comidos e mortos por não obedecerem e adorarem seus deuses (vide parte capítulo 3, parte 2).

Consequentemente, os principais atributos dos quais trataremos agora se relacionam a uma humanidade específica, aos humanos criados a partir do milho.

A criação realizada com esse elemento, o milho, propiciou a formação de um homem cujas características eram ainda superiores àquelas que buscavam os criadores. Assim, esse homem criado a partir do milho, possui características corporais e psíquicas que o difere das demais criações.

As principais características físicas que pertencem à humanidade feita de milho são, portanto: a fala, a visão, os braços e as pernas com grande mobilidade, o corpo firme e ereto, o movimento de todo o corpo e da cabeça, a força e a reprodução.

Voltemos, a cada uma dessas características corporais.

A fala é particularmente reforçada no *Popol Vuh* quando essa cosmogonia trata dos animais. Esses seres depois de criados não conseguem uma uniformidade na fala, “*sólo chillaban, cacareaban y graznaban*”<sup>169</sup> e não podem pronunciar os nomes de seus criadores, portanto há a necessidade de criar um homem que fale. Também na criação

---

<sup>169</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1960. P. 26.

posterior à dos animais, segundo o Popol Vuh, a fala será reforçada como elemento que homem deverá possuir quando é afirmado que o homem de barro “*Al principio hablaba, pero no tenían entendimiento*”<sup>170</sup>. Portanto, o homem, que será criado posteriormente, terá a capacidade da fala, mas também o entendimento, necessário para se comunicar, adorar e sustentar suas divindades.

Continuando com as características do corpo do humano feito de milho, a segundo característica apontada, a visão, aparece atrelada também ao entendimento, que é uma das características psíquicas. Essa é mencionada quando o Popol Vuh narra a criação dos primeiros quatro homens de milho, esses que possuíam uma visão que atingia o mesmo patamar daquela que detinham seus criadores. Como a cosmogonia cita:

*Fueron dotados de inteligencia; vieron y al punto se extendió su vista, alcanzaron a conocer todo lo que hay en el mundo. Cuando miraban, al instante veían a su rededor y, contemplaban en torno de ellos la bóveda del cielo y la faz redonda de la tierra.*<sup>171</sup>

Entretanto, toda essa grande visão que esses quatro primeiros homens possuem será retirada, em parte, pelos criadores, para que os homens alcancem com sua visão apenas o que está próximo. Isso mostra que os humanos feitos a partir de milho possuem uma visão e um entendimento do que lhe cerca, mas essas características foram limitadas para que eles não se assemelhassem tanto aos deuses ao ponto de se tornarem deuses também, como mencionado ao compararmos as características divinas e humanas.

Ainda assim, percebemos ao logo do Popol Vuh, do Memorial de Sololá e do Chilam Balam de Chumayel, que alguns homens possuem capacidades superiores às

---

<sup>170</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1960. P. 27.

<sup>171</sup> *Ibidem*. P. 105.

capacidades dos demais, alguns nagueles, por exemplo, possuem uma ampla sabedoria e visão. Esses elementos podem variar de homem para homem, como será abordado adiante.

As características físicas como os braços, pernas, mãos, pés e o próprio movimento desse corpo, aparecem, também no Popol Vuh, quando é narrada a criação de humanidades anteriores, como o homem de barro e o homem de madeira. A partir dos atributos dessas humanidades podemos chegar aos atributos do homem de milho, vejamos, portanto, como eram os corpos desses dos homens de barro e de madeira.

Os homens de barro possuíam um corpo mole, que não tinha sustentação.

*[...]se deshacía, estaba blando, no tenía movimiento, no tenía fuerza, se caía, estaba aguado, no movía la cabeza, la cara se le iba para un lado, tenía velada la vista, no podía ver hacia atrás. Al principio hablaba, pero no tenía entendimiento. .<sup>172</sup>*

Portanto, o homem de milho, ao contrário do de barro era mais firme, tinha o movimento da cabeça, possuía força, e podia enxergar o que estava atrás, através do movimento de sua cabeça.

Como será o corpo do homem de milho é mais amplamente delineado quando o *Popol Vuh* trata do homem de madeira. O corpo desse homem encontrava-se em uma forma em que “*sus pies y sus manos no tenían consistencia; no tenían sangre, ni sustancia, ni humedad, ni gordura; sus mejillas estaban secas, secos sus pies y sus manos, y amarillas sus carnes*”.<sup>173</sup>

Portanto, partindo do que o homem de madeira não possui, ou possui em partes, o humano terá a capacidade da fala, da reprodução, terá alma, terá entendimento, se recordará de seus criadores e formadores, caminhará com uma direção certa, caminhará ereto, terá mãos e pés firmes, terá sangue, terá umidade e terá gordura. Ou seja, o

---

<sup>172</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1960. P. 28.

<sup>173</sup> *Ibidem* P. 30.

humano de milho possui características corporais que se situam entre o homem de barro e o homem de madeira. O humano não será tão brando quando o homem de barro, tampouco tão seco quanto o homem de madeira, terá umidade, mas ao mesmo tempo os pés e mãos firmes.

Dando sequência à criação, quando o homem será criado a partir do milho, volta a ser destacado os braços e pernas do homem:

*De maíz amarillo y de maíz blanco se hizo su carne; de masa de maíz se hicieron los brazos y las piernas del hombre. Únicamente masa de maíz entró en la carne de nuestros padres, los cuatro hombres que fueron creados.*<sup>174</sup>

A questão dos braços e das pernas são repetidos em outras partes do documento. Como destacado no trecho sobre os homens de madeira, um dos elementos que aparecem naquele trecho é que os pés e as mãos dos homens de madeira não tinham consistência. Ou seja, o homem formado a partir do milho possui como uma qualidade que o difere dos outros seres, pernas, pés, braços e pernas.

Tratando agora das características psíquicas, podemos dividi-las entre as capacidades que os homens de milho possuíam e as qualidades que valorizavam ou não.

Sobre as características morais, chegamos à conclusão, a partir da análise das características dos entes sobre-humanos, que para os maias, para esses homens formados de milho, o orgulho e a vaidade eram características bastante desvalorizadas. Como foi abordado, alguns seres serão destruídos na narrativa do *Popol Vuh* por acreditarem que são deuses e por envaidecerem-se de suas posses.

Também o *Chilam Balam de Chumayel* trata de alguns reis que acreditavam ser deuses, mas destaca que talvez não eram: “*Creían que era dioses, pero tal vez no era dioses. No derramaban semillas, ni llovían agua. Pedazo a pedazo decían que se*

---

<sup>174</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1960. P. 104.

*juntaban; pero no decían lo que amaban.*”<sup>175</sup> Esses reis, que se enxergam como deuses, são desvalorizados por essa cosmogonia, pois logo em seguida a narrativa afirma que o fogo do sol chegou a esses reinados, queimando a terra e as roupas dos reis, o que levou ao fim da grandeza desses reis.

Outra questão moral é a questão da inveja. Notamos que os irmãos dos gêmeos, aqueles que serão transformados em macacos, possuíam uma grande inveja de seus irmãos mais novos, motivo pelo qual sempre tentam prejudicar os gêmeos. Porém, quando Ixbalanqué e Hunahpú se fartam dos desmandos de seus irmãos mais velhos eles resolvem se vingar, transformando-os em macacos. Assim, nessa história a inveja desponta como uma característica negativa, enquanto a vingança era bem vista. Todavia, como destacado no capítulo 2, ao falarmos dos entes sobre-humanos, a vingança pode ser vista como negativa quando o ser que a efetua não é bem visto pela sua soberba, como ocorre quando uma dos filhos de Vucub-Caquix resolve se vingar dos quatrocentos meninos que o prenderam num buraco, ele se vinga, mas em contrapartida os heróis gêmeos o destruirão.

Percebemos, portanto, que, principalmente a inveja, a vaidade e o orgulho são mal vistos, enquanto a vingança pode ser negativa ou positiva.

Seguindo com as características psíquicas que esse homem formado de milho possui, o entendimento e consciência de seus criadores se despontam como aquilo que mais o diferencia dos demais seres criados anteriormente. Como foi destacado anteriormente, esse entendimento será reduzido quando é retirada a visão do todo que o homem de milho possuía ao ser criado, portanto o humano possui um entendimento, mas não no mesmo nível de seus criadores.

---

<sup>175</sup> *Chilam Balam de Chumayel*. Ed. de Antonio Miguel Rivera Dorado. Madri: Dastin, s/d. p. 93.

A consciência que os homens de milho possuíam acerca de seus criadores pode ser definida como uma característica particular dessa humanidade. Mesmo aqueles quatro primeiros homens criados, cuja vista alcançava o todo, reconhecerão seus criadores, como menciona o trecho abaixo:

*Os damos gracias, pues, por habernos creado, ¡oh Creador y Formador!, por habernos dado el ser, ¡oh abuela nuestra!, ¡oh nuestro abuelo!, dijeron dando las gracias por su creación y formación.*<sup>176</sup>

É por essa consciência de quem os criou, que a criação se encerra aqui no *Popol Vuh* e também no *Memorial de Sololá*. Cumprindo o objetivo de criar quem os adorasse, os glorificasse e que os alimentasse, os deuses não necessitam postergar a fase de criação, que se encerra com o homem de milho.

Tento esse homem consciência de seus criadores, é que será iniciada a relação de dependência mútua que possuem os deuses e os homens como foi abordado na primeira parte desse capítulo.

Embora acreditemos, como destacamos anteriormente, que não se tratava de uma real necessidade desses deuses em possuir quem os adore, já que até a criação os deuses sobrevivem sem o auxílio do homem, a partir da criação do homem de milho passa a existir uma relação de dependência mútua, assimétrica, na qual os homens de milho alimentam e adoram os seus deuses, e, em contrapartida, os deuses garantem a fertilidade da terra e do povo. Afirmamos que essa é uma relação assimétrica e não de igualdade, pois, os criadores, anteriormente à criação viviam sem a necessidade do humano, receberão dele alimento e glória, mas sabemos que, se eles existiam anteriormente, há a possibilidade de sobreviverem sem a interferência do homem; contudo, o homem de milho foi criado por esses deuses e depende da vontade desses

---

<sup>176</sup> *Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1960. P. 106.

seres para ter boas colheitas ou não. Além disso, essa humanidade pode ser destruída pelos formadores quando eles pretendessem, como ocorrera com as demais humanidades anteriores ao homem de milho.

Continuando com os atributos desses humanos de milho, pode-se afirmar que uma característica dessa humanidade, e de todos os outros seres que habitam esse mesmo cosmos, é a relevância dada ao conjunto, à deliberação das ideias. Como analisado no início do capítulo ao compararmos deuses e humanos, percebemos que os deuses aparecem sempre em pares, trios ou grupos, portanto não estão sozinhos nessas fontes. No *Popol Vuh* e no *Memorial de Sololá* estão, em sua maioria, em pares e trios, como é o caso do par *Tzacol* e *Bitol*, o par que forma o homem de milho no *Memorial*, e o caso de *Tohil*, *Avilix* e *Hacavitz*, trio de deuses vinculados aos quichés. No Chilam Balam, os deuses, e também os reis, são mencionados sempre em conjunto, sendo que o conjunto de deuses mais abordado são os Nove Deuses do inframundo e os Treze Deuses celestes.

Além disso, também os homens são formados em conjunto, no Chilam Balam nascem os homens amarelos, no plural. No Memorial são criados treze homens e quatorze mulheres, e no Popol Vuh quatro homens e, posteriormente, quatro mulheres.

Também os animais aparecem sempre em conjunto e conferenciam sobre suas ações, assim como os deuses, assim como os homens.

Afirmamos, por conseguinte, que o humano maia valorizava a vida em conjunto e tomada de decisões a partir da deliberação. A ação não se completa com apenas um ser, são necessários outros para que haja determinações.

Continuando os atributos e capacidades desse humano, destacamos que alguns humanos estão dotados de uma capacidade de se transformarem em outros seres.

Essa ideia da transformação está bastante presente principalmente no Popol Vuh e envolve os múltiplos seres do cosmos. Podemos citar como exemplos dessa transformação: a vingança que *Ixbalanqué* e *Hunahpú* aplicam aos seus irmãos, transformando-os em macacos; a transformação de *Ixbalanqué* e *Hunahpú* em homens-peixe depois de serem mortos e jogados no rio; a transformação dos primeiros quatro homens em jaguar para caçar outros homens para oferecer a seus deuses em sacrifício; e a transformação de *Gucumatz* (o rei) em animais e em sangue.

Notamos que essa ideia está bastante presente nessa cosmogonia, mas, como destacamos na primeira parte do capítulo, também está no *Memorial de Sololá* e no *Chilam Balam de Chumayel*. Contudo, essas duas histórias se referem principalmente aos naguales, no caso do *Chilam Balam*, homens verdadeiros, e no *Memorial*, os antepassados *Saqtekaw* e *Q'aq'avitz*, todos mostrados como naguales, ou seja, homens sábios que possuíam a capacidade de se transformarem em outros seres, geralmente animais, para se comunicarem com seus deuses.

Como foi abordado na primeira parte desse capítulo, o humano maia poderia se transformar. Porém a questão é: todos os humanos feitos a partir do milho teriam a capacidade da transformação?

A resposta é muito clara através das fontes, não. Apenas alguns homens possuem essas capacidades que ultrapassam as capacidades comuns do restante dos homens.

Mesmo Mercedes de la Garza<sup>177</sup> ao falar do nagual, afirma que apenas alguns homens, geralmente sacerdotes, possuíam essa qualidade, mediante sabedoria e treinamento.

Contudo, pode ser notado através das fontes, que quem possui essas capacidades são os governantes e sua linhagem. *Gucumatz*, por exemplo, é um rei nagual, assim, ao

---

<sup>177</sup> GARZA, Mercedes de la. Sueño y éxtasis: Visión chamánica de los nahuas y los mayas. México: Fondo de Cultura Económica, 2012. P. 143.

mesmo tempo em que é rei, possui uma grande capacidade de transmutação e comunicação com os deuses.

Também no *Chilam Balam de Chumayel* os governantes são possuidores de atributos de transformação, os itzás, linhagem governante, por exemplo, são os “*Verdaderos hombres*”, termo que, como explicitado na página 103, possui o mesmo significado de nagual.

Também no *Chilam Balam de Chumayel* encontramos uma referência aos governantes com capacidades superiores, numa profecia que coloca que depois dos “*Hombres-Reyes*”<sup>178</sup>, irá aparecer “*el linaje de los nobles Príncipes, y a nuevos hombres sabios e a los descendientes de los Príncipes.*” Ou seja, assumirá o poder aqueles príncipes sábios, que serão sucedidos por seus descendentes também sábios.

Podemos afirmar, dessa forma, que dependendo da linhagem à qual esse humano faz parte ele possui características que o difere dos demais. Estamos falando aqui, portanto, em humanidades com capacidades distintas, dentre de uma mesma humanidade de milho.

O seguinte trecho do *Memorial de Sololá* reforça bastante essa ideia.

*Mientras tanto Q'aq'avitz permanecía em el volcán con mucha demora, lo esperaron todo el día y al no aparecer lo creyeron muerto. Algunos pudieron atrapar un poco de fuego y otros no pudieron. Solamente unas pocas chispas de fuego cayeron al pie del volcán, por lo que unos lo obtuvieron y otros no obtuvieron. Al fin salió él del volcán, en verdad su rostro había vuelto terrible cuando él salió del volcán de Q'aq'xanul. Entonces dijeron todos los guerreros y las siete tribus: 'En verdad su poder mágico, su ciencia, su gloria y majestad son terribles, le creíamos muerto', así dijeron.<sup>179</sup>*

---

<sup>178</sup> *Chilam Balam de Chumayel*. Ed. de Antonio Miguel Rivera Dorado. Madri: Dastin, s/d. p. 94.

<sup>179</sup> *Memorial de Sololá*. Transcrição ao cakchiquel atual e tradução de Simón Otzoy. Guatemala, 1999. P. 164.

Percebemos que esse governante *Q'aq'avitz*, entra no vulcão e de lá consegue sair deixando todos os que o esperavam incrédulos. Esse governante possui, portanto, capacidades acima dos demais, pois ele pode entrar no vulcão e não morrer. Além desse personagem, o trecho destaca que alguns puderam conter o fogo, outros não, alguns se machucaram com as chispas que saíram do vulcão, outros não. Ou seja, enquanto esse humano com capacidades ímpares está dentro do vulcão, diferenciando-se dos demais que o esperam do lado de fora, também esses que estão de fora possuem uma divisão entre si, alguns possuem maiores capacidades do que os outros.

Portanto, ao falarmos da concepção de humano para os maias, podemos entender que para esses, existiam muitas formas de humanos, que se distinguiam entre si. Concluí-se, que existem humanos de linhagens superiores, geralmente as que governam, que possuem características acima dos demais, podem comunicar-se com seus deuses, podem transformar-se em animais. Todavia, nem todos compartilham de todas essas características.

Ao falar da concepção de humano para os maias, portanto, destacamos características que são comuns a todos os homens de milho, mas é interessante notar, que esse humano compreende o mundo segundo uma visão na qual o mundo é habitado por diversos seres, dentre eles o humano feito a partir do milho, que não é a primeira humanidade criada, e, entre esses humanos feitos de milho há também uma divisão de humanos com capacidades distintas, divisão essa, mediante ao nascimento, e não só à criação. Sábio é um governante e sábio será o seu descendente e sucessor.

A partir dessa concepção do humano para os maias, e do que foi analisado até agora, podemos notar que, assim como afirma Eduardo Viveiros de Castro para falar dos povos indígenas da Amazônia, os maias possuem uma concepção “segundo a qual o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e não-

humanas, que o apreendem segundo pontos de vista distintos.”<sup>180</sup> Contudo, tende-se a considerar que tal concepção encontra-se principalmente em terras amazônicas, de onde provém grandes pesquisas que analisam como esses demais seres, não-humanos, são interpretados e compreendidos pelo humanos. Todavia, através dessa pesquisa, notamos que também o cosmos maia está habitado por diversos seres humanos e não-humanos, cada qual com seu papel e função nesse universo.

Estando esses humanos e não-humanos englobados numa mesma teia de relações (homens, deuses, animais e entes sobre-humanos se relacionam, como vimos até agora) e possuindo cada qual seu papel no cosmos, podemos afirmar que, de acordo com o “noção de pessoa” cunhada por Marcel Mauss, os muitos não-humanos que citamos até agora, podem ser entendidos como pessoas.

Partindo do pressuposto de que pessoa é o ser que adquire um papel social, aquele que toma para si uma máscara social através da qual passa a viver em sociedade, podemos entender que também os não-humanos maias são pessoas nessa sociedade. Isso ocorre, pois, esses muitos não-humanos (principalmente deuses, animais) possuem cada qual seu papel na sociedade: os deuses são aqueles que garantem a sobrevivência do homem através da fertilização das sementes e das chuvas, em troca, o homem o glorifica e alimenta com oferendas, existindo uma relação direta entre ambos; e os animais são aqueles que com sua carne fazem parte do alimento dos homens e são eles os responsáveis pela comunicação entre homens e deuses, o animal realizada a intermediação entre esses seres.

Dentre as pesquisas que analisam como esses demais seres, não-humanos, são interpretados e compreendidos pelo humanos encontram-se duas teorias recorrentes amazônicas, que abordam tal questão: o animismo e o perspectivismo. Em resumo,

---

<sup>180</sup> VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A inconstância da alma selvagem. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 347.

destacamos que embora o animismo e o perspectivismo possuam fundamentos próximos, sendo o principal de que alguns, senão todos, não-humanos possuiriam “alma” e seriam agentes sociais, tais teorias possuem também argumentos que as distanciam uma da outra. Enquanto para Philippe Descola<sup>181</sup>, que trata do animismo, a diferença entre humanos e não-humanos para as sociedades amazônicas estaria na posição que eles ocupam em relação uns aos outros, para Eduardo Viveiros de Castro<sup>182</sup>, que postula o perspectivismo, essa diferença estaria em seus corpos e na diferentes perspectiva que humanos e não-humanos tem em relação a si e ao outros. Ou seja, para Viveiros de Castro as diferentes subjetividades que povoam o cosmos são dotadas de pontos de vista radicalmente distintos.

Além disso, ainda que Descola destaque que pode ser que alguns animais vejam os humanos como animais e vice-versa, isso não é colocado por ele como via de regra, como aparece de forma mais enfática na obra de Viveiros de Castro.

Destacamos que esses trabalhos ao falar de não-humanos falam principalmente em animais, por entendê-los como sujeitos ou pessoas. Contudo, nosso trabalho entende também as divindades como sujeitos ou pessoas.

Seguindo as teorias destacadas acima, podemos afirmar que a ideia proposta pelo animismo se encaixa entre os maias coloniais, pois essa teoria afirma que nesse mundo composto por diversas espécies dotadas de consciência, vários tipos de não-humanos são concebidos como pessoa, isto é, como sujeitos potenciais de relações sociais.

Embora os humanos possuam características corporais que os diferencie dos demais seres, cada tipo de não-humano possui seu papel no cosmos e se enxergam com esse papel. Isto quer dizer que para a concepção maia, como propõe o perspectivismo,

---

<sup>181</sup> DESCOLA, Philippe. *Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia*. São Paulo, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v4n1/2425.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2012.

<sup>182</sup> Ibidem.

os não-humanos não se enxergavam como humanos e viam os humanos como não-humanos, como é proposto por Viveiros de Castro.

Concluindo, a concepção de *humano* no pensamento maia do período colonial, pode ser entendida como tendo um ponto de vista segundo o qual existiram diversas humanidades nesse mundo onde agora habita a humanidade feita a partir do milho, e, também entre esses humanos formados a partir do milho existem humanos com capacidades distintas uns dos outros, sendo que alguns deles, através da transformação, podem se comunicar com os outros sujeitos, as outras *pessoas* que habitam o cosmos, os não-humanos.

## CONCLUSÃO

Partimos do objetivo central de analisar a concepção de humano, para os maias, segundo suas histórias e cosmogonias produzidas no período colonial. Portanto, ao longo da dissertação, buscamos os atributos e qualidades do humano maia. Para tal fim, fizemos uma análise também dos predicados dos outros seres que habitam o cosmos maia (deuses, entes sobre-humanos e animais), para compará-los aos humanos e, assim, aproximar-nos dos atributos especificamente humanos para os maias.

A análise foi feita através de três histórias e cosmogonias maias: o *Popol Vuh*, o *Memorial de Sololá* e o *Chilam Balam de Chumayel*. Através desses três relatos nos foi possível perceber que para os maias não existe uma linha rígida que separa humanos e não-humanos, sendo que essas duas categorias de seres que habitam o cosmos convivem, compartilham de algumas características, e tem, cada qual, seu papel na manutenção do universo. Ou seja, humanos e não-humanos possuem papéis sociais, estão envoltos numa mesma sociedade, o que aponta para uma visão maia da “noção de pessoa” bastante diferente do que é entendido pela cultura ocidental, aproximando-se da visão que possuem os indígenas da América Amazônica.

Destacamos que em relação à concepção de humano maia aqui encontrada, notamos que para essa sociedade, existiram outras humanidades que precederam o homem, essas que possuíam características comuns e distintas umas das outras e em relação ao homem.

O humano maia abordado pelas histórias e cosmogonias do período colonial é aquela cuja formação deu-se a partir do milho. Portanto, o humano que vive no Período analisado é o humano feito a partir do milho.

Como foi mencionado, habitam o mesmo cosmos esse humano formado de milho e múltiplos não-humanos, dentre os quais, o humano mantém algum tipo de relação, principalmente, com os deuses e animais.

Através da análise desses não-humanos percebemos que eles também estão imbuídos de uma máscara social que os caracteriza como *pessoas*, portanto, esses não-humanos também possuem uma função social para os maias coloniais.

Vimos também que alguns humanos são dotados de capacidades que permitem aos mesmos se comunicar com seus deuses, principalmente através da transformação, quando o homem se transforma em animais para que possa entrar em contato com os outros níveis do cosmos e comunicar-se com seus deuses.

Ou seja, ao falarmos da concepção de humano no pensamento maia, falamos na verdade de um ser que não entende o humano como único e possuidor de características apenas semelhantes, o humano pode ser diferente um do outro, e pode ser que essa diferença é aquela que justifica as diferenças sociais para esse povo.

## Fontes

*Chilam Balam de Chumayel*. Ed. de Antonio Miguel Rivera Dorado. Madri: Dastin, s/d.

*Popol Vuh*. Ed. de Adrián Recinos. México: Fondo de cultura econômica, 1960.

*Memorial de Sololá*. Transcrição ao cakchiquel atual e tradução de Simón Otzoy. Guatemala, 1999.

## Bibliografía

BAUDEZ, Claude-François. Los dioses mayas: una aparición tardía. *Arqueología Mexicana*, México, v. 15, n. 88, p. 32-41, nov. 2007.

BRICKER, Victoria Reifler. *El Cristo indígena, El Rey nativo. El sustrato histórico de la mitología del ritual de los mayas*. Tradução de Cecília Paschero. 1ª. Reimpressão, México: FCE, 1993 (Sección de Obras de Antropología).

BROTHERSTON, Gordon. La visión americana de la conquista. IN: PIZARRO, Ana (org.). *América latina: palabra, literatura e cultura*. Vol.I. São Paulo: Memorial; Campinas: Unicamp, 1993.

\_\_\_\_\_. Popol Vuh. Contexto e principios de leitura. In: & MEDEIROS, Sérgio (Ed.) *Popol Vuh*. São Paulo: Illuminuras, 2007, p. 11-37.

CARMACK, Robert Marques & MONDLOCH, James Lorin. El Título de Totonicapán: texto, traducción y comentario. Fuentes para el Estudio de la cultura maya. México: UNAM. 1983.

COE, Michael D. *Os maias*. Lisboa: Verbo, 1966.

CRAVERI, Michela. *El lenguaje del mito: voces, formas y estructura del Popol Vuh*. México: Universidad Autónoma de México, 2012.

DESCOLA, Philippe. Constructing natures: symbolic ecology and social practice. In: DESCOLA, Philippe & GÍSLI, Pálson. *Nature and society*. Londres, 1996.

\_\_\_\_\_. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. São Paulo, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v4n1/2425.pdf> . Acesso em 10 de outubro de 2012.

FARRIS, Nancy. Recordando el futuro, anticipando el pasado: tiempo histórico y tiempo cosmogónico entre los mayas de Yucatán. In: *La memoria y el olvido. Segundo simposio de historia de las mentalidades*. México: INAH, 1985. p. 47-60.

\_\_\_\_\_. *Maya society under colonial rule: the collective enterprise of survival*. Princeton, N.J., Princeton University Press, 1992.

GARZA, Mercedes de la. *El universo sagrado de la serpiente entre los mayas*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, Centro de Estudios Mayas, 1984.

\_\_\_\_\_. *El Hombre en el pensamiento religioso Náhuatl y Maya*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1990.

\_\_\_\_\_. *Rostros de lo sagrado en el mundo maya*, México: UNAM-Paidós, 1998.

\_\_\_\_\_. *La conciencia histórica de los antiguos mayas*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1975.

\_\_\_\_\_. Mitos mayas del origen del cosmos. *Arqueología Mexicana*. México: Editorial Raíces, v. X, n. 56, p.36-41, jul. 2002.

\_\_\_\_\_. Introdução, In: *Libro de Chilam Balam de Chumayel*. México: Conaculta, 2001.

\_\_\_\_\_. Sueño y éxtasis: Visión chamánica de los nahuas y los mayas. México: Fondo de Cultura Económica, 2012.

GENDROP, Paul. *A civilização maia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GIBSON, Charles. Sociedades indígenas sob o domínio espanhol. In: BETHELL, Leslie. *América Latina Colonial*. V. II. São Paulo: Edusp, 1998.

GONZALBO, Pilar. *Historia de la vida cotidiana en México*. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.

GRUZINSKI, Serge. *A Colonização do Imaginário*, Sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol, séculos XVI-XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HOCHLEITNER, Franz Joseph. *Catálogo de Códigos Mesoamericanos*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, s.d.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. A conquista da América Latina vista pelos índios: relatos astecas, mais e incas. Petrópolis: Vozes, 1984.

\_\_\_\_\_. A Mesoamérica antes de 1519. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina: América Latina colonial*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998. v.1.

LEVIN ROJO, Danna. Historiografía y separatismo étnico: El problema de La distinción entre fuentes indígenas y fuentes españolas. In: *Indios, mestizos y españoles*, p. 21-54.

LÓPEZ AUSTIN, Alfredo. *Cuerpo Humano e Ideología, las concepciones de los antiguos nahuas*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1996.

\_\_\_\_\_ & MILLONES, Luis. – Dioses del Norte, dioses del sur: religiones y cosmovisión en Mesoamérica y los Andes. Lima: Instituto de estudios peruanos, 2008.

LOVE, Bruce. El código París. *Arqueología Mexicana*, México, v. 16, n. 93, p. 66-73, set. 2008.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MORALES DAMIÁN, Manuel Alberto. Territorio sagrado: cuerpo humano y naturaleza en el pensamiento maya. In: *Cuicuiolco: Revista de la Escuela Nacional de Antropología y Historia*. México, 2010.

MORLEY, Sylvanus G. *La civilización maya*. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

NAVARRETE LINARES, Federico. La conquista europea y el régimen colonial. In: *Historia antigua de México*. Vol. III, p. 371-405.

\_\_\_\_\_. *Las fuentes indígenas: más allá de la dicotomía entre historia y mito*. Disponível em <[www.fflch.usp.br/dh/ceveh/public\\_html/biblioteca/artigos/FN-P-A-historiaymito.html](http://www.fflch.usp.br/dh/ceveh/public_html/biblioteca/artigos/FN-P-A-historiaymito.html)> Consultado em 21 de agosto de 2010.

\_\_\_\_\_. *La vida cotidiana en tiempo de los mayas*. México: Ediciones Temas de Hoy, 1996.

\_\_\_\_\_. *El cambio cultural en las sociedades amerindias: una nueva perspectiva*. Manuscrito cedido pelo autor.

NAVARRO, Alexandre Guida. *A civilização maia, contextualização historiográfica e arqueológica*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v27n1/a15v27n1.pdf>>. Acesso em 18 ago. 2011.

\_\_\_\_\_. *Un estudio de casa de la arqueología histórica: organización espacial y memoria colectiva en Chichén Itzá*. Oxford, British Archaeological Reports, 2009. p. 163-186.

\_\_\_\_\_. *Invasão tolteca em Chichén Itzá? Uma nova leitura da questão a partir da cultura material das Terras Maias Baixas do Norte*. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-90742010000200016&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742010000200016&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 12 dez. 2011.

ORTEGA Y MEDINA, Juan A.; CAMELO, Rosa. *Historiografía novohispana de tradición indígena*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.

PORRO, Antonio. *O mesianismo maya no período colonial*. São Paulo: FFLCH – USP, 1991 (Coleção Antropologia, 17).

QUEZADA, Sérgio. Encomienda, cabildo y gobernatura indígena en Yucatán, 1541-1583. In: *História Mexicana*. V. 34, nº 04. México: El colegio de México.

RECINOS, Adrián. Introducción. In: *Popol Vuh – Las antiguas historias del quiche*. 26ª. Edição, México: FCE, 1996 (Colección Popular, nº 11). P. 7-18.

RIVERA, Miguel Dorado. *Los mayas de la antigüedad*. Madrid: Alhambra, 1985.

\_\_\_\_\_. *La religión maya*. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

- \_\_\_\_\_. Introducción. In: *Chilam Balam de Chumayel*. Ed. de Antonio Miguel Rivera Dorado. Madrid: Dastin, s/d.
- \_\_\_\_\_. *Especjos de poder: un aspecto de la civilización maya*. Madrid: Miraguano Ediciones, 2004.
- \_\_\_\_\_. *El pensamiento religioso de los antiguos mayas*. Madrid: Trotta, D. L. 2006.
- \_\_\_\_\_ & CIUDAD, Andrés. *Los mayas de los tiempos tardios*. Madrid: Instituto de cooperación iberoamericana. s/d.
- RUZ, Alberto. *El pueblo maya*. México: Salvat, 1993.
- SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Deuses do México indígena*. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Fontes históricas nativas pré-hispânicas e coloniais da Mesoamérica e Andes: conjuntos e problemas de entendimento e interpretação*. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ihb/Textos/ST07Eduardo.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2008.
- SOLIS ROBLEDA, Gabriela & PENICHE, Paola. *Idolatría y Sublevación*. México: Universidad Autónoma de Yucatán. 1996.
- THOMPSON, John Eric Sidney. *Grandeza y decadência de los Mayas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Historia y religión de los mayas*. México: Siglo Veintiuno, 1986.
- VALVERDE, María del Carmen. El jaguar entre los mayas: entidad oscura y ambivalente. *Arqueología Mexicana*. México, v. 12, n. 72, p. 47-51, mar. 2005.
- VAIL, Gabrielle; AVENI, Anthony. El código Madrid. *Arqueología Mexicana*. México, v.16, n. 93, p. 74-81. set. 2008.
- VELA, ENRIQUE. Popol Vuh: El libro sagrado de los mayas. *Arqueología Mexicana*. México, v.15, n. 88, p. 42-50, nov. 2007.
- VELÁSQUEZ, Eric G. La vida cotidiana de los mayas durante el periodo clásico. In: VELÁZQUEZ, Adriana Morlet; NALDA, Enrique. Los mayas en la península de Yucatán. *Arqueología Mexicana*. México, v.13, n.75, p. 30-37, set. 2005.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio*. São Paulo, 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v2n2/v2n2a05.pdf>. Acesso em 25 de setembro de 2012.
- VOGT, Evon Zartman. *Desarrollo cultural de los mayas*. México, Univerdade Nacional Autónoma de México, 1964.

WAUCHOPE, Robert (editor). *Handbook of Middle American Indians – vol.15*. Austin, Texas: University of Texas Press, 1975.

ZAMORA ACOSTA, Elías. Resistencia maya a la colonización: levantamientos indígenas em Guatemala durante el siglo XVI. In: RIVERA, Miguel Dorado & CIUDAD, Andrés. *Los mayas de los tiempos tardios*. Madrid: Instituto de cooperación iberoamericana. s/d.